

**ÁREA DE HISTÓRIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

**Estudos da Paisagem: a materialidade do espaço experienciado no complexo
de *Brú na Bóinne***

Ana Carolina Moliterno Lopes de Oliveira

Niterói

2016

**Estudos da Paisagem: a materialidade do espaço experienciado no complexo
de Brú na Bóinne**

Ana Carolina Moliterno Lopes de Oliveira

Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Profa. Dra. Adriene Baron Tacla

Banca examinadora:

Profa. Dra. Claudia Rodrigues-Carvalho (Museu Nacional/UFRJ)

Profa. Dra. Elaine Hirata (MAE/USP)

Niterói
2016

O48 Oliveira, Ana Carolina Moliterno Lopes de.
Estudos da paisagem : a materialidade do espaço experienciado no complexo de Brú na Bóinne / Ana Carolina Moliterno Lopes de Oliveira. – 2016.
207 f. : il.
Orientadora: Adriene Baron Tacla.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016.

Bibliografia: f. 194-200.

1. Período Neolítico. 2. Paisagem. 3. Ritual. 4. Morte. 5. Conjunto Arqueológico do Vale do Boyne (Meath, Irlanda). 6. Monumento histórico. I. Tacla, Adriene Baron, 1975-. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

Resumo: Na presente pesquisa, a partir de estudos do ritual e da paisagem, objetiva-se analisar a construção de um complexo funerário de tumbas de passagem e a consequente formação de uma paisagem ritual durante o Neolítico e a Idade do Bronze Inicial no Vale do Boyne, condado de Meath, leste da Irlanda. Também conhecido como *Brú na Bóinne*, hoje é considerado Patrimônio Cultural da Unesco e da Irlanda por conter a maior concentração de tumbas de passagem e de arte megalítica da Europa. Foi necessário, para tanto, criar uma metodologia híbrida, a partir da utilização de métodos lógicos e computacionais/quantitativos juntamente com o método fenomenológico pois entende-se que, assim, a análise dar-se-á de forma mais completa, possibilitando, portanto, uma melhor compreensão de como as populações lidavam com o ritual e com a morte no Neolítico irlandês. Desta forma, entende-se que será possível, no futuro, compreender a cosmovisão comum das populações do Neolítico que compunham o que se entende hoje como “faixa Atlântica” europeia.

Palavras-chave: metodologia híbrida, paisagem, ritual, tumbas de passagem, *Brú na Bóinne*, Neolítico.

Abstract: This work aims to explore, on the grounds of ritual and landscape studies, the construction of a funerary complex of passage tombs and the formation of a ritual landscape during Neolithic and Early Bronze Age on Boyne Valley, co. Meath, eastern Ireland. Also known as *Brú na Bóinne*, today is considered UNESCO's and Ireland's heritage, containing the largest concentration of passage tombs and megalithic art of Europe. Therefore, was necessary the constructing of a hybrid methodology based on the combination of logical and quantitative/computational methods with the phenomenology method. The main objective is to create a holistic interpretation, of the formation of ritual landscape in Boyne Valley, to better understand the death and the ritual in Neolithic Ireland. Enabling posteriorly, in this way, the research and comprehension of the cosmovision in Atlantic Europe.

Keywords: hybrid methodology, landscape, ritual, passage tombs, *Brú na Bóinne*, Neolithic.

Agradecimentos:

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse finalizado.

Aos meus pais, agradeço por tudo, mas principalmente pelo suporte e estímulo, essenciais e incondicionais.

À minha família, agradeço pelo incentivo.

À Gau, por ser minha pessoa e estar sempre ao meu lado.

Ao Rennan Lemos, agradeço não somente pela irmandade e amizade, mas pelas trocas acadêmicas.

À Karol, Sarah e Vanessa, pela amizade, torcida e motivação.

À minha orientadora, professora Adriene Baron Tacla, agradeço por toda a confiança depositada em mim e nas minhas empreitadas, pela paciência, pelas conversas e dedicação ao ofício de orientar.

Às professoras que compuseram a banca examinadora, Profa. Dra. Cláudia Rodrigues-Carvalho (Museu Nacional/UFRJ) e Profa. Dra. Elaine Hirata (MAE/USP), agradeço pelas observações, pelas indagações, questionamentos e pela profícua troca de ideias durante o percurso que contribuíram não somente para esta dissertação, mas para prováveis trabalhos futuros.

Aos meus colegas e professores do NEREIDA, agradeço pelo suporte e pelo ambiente de alto nível acadêmico criado, pelas ideias trocadas, debates e crescimento acadêmico, não somente individualmente, mas como um grupo forte e coeso nos estudos da antiguidade.

Ao seu Mário Moliterno, meu orgulho e exemplo a ser seguido. Dedico este trabalho, com todo amor.

Faltou ler mais esse, vô.

SUMÁRIO

Introdução	1
1. Megálitos e mudança cultural: um breve panorama	8
1.1. O processo de Neolitização	22
1.1.1. A “Revolução Neolítica” – um problema teórico?	22
1.1.2. O processo de inserção da agricultura e a transição do Mesolítico para o Neolítico: de caçadores e recoletores à agricultores	26
1.2. As mudanças no pensamento simbólico e as transformações da paisagem	35
1.3. A construção de monumentos	41
2. A morte e <i>Brú na Bóinne</i>	47
2.1. Monumentos, ritual e morte	47
2.1.1. A Morte na Arqueologia	47
2.1.2. A morte antes dos Monumentos (o Mesolítico)	48
2.1.3. O Neolítico: monumentos, ritual e morte	50
2.2. As tumbas de passagem	54
2.2.1. Caracterização das tumbas de passagem	58
2.2.2. Experiência e percepção: os sentidos e a corporalidade	67
2.3. Um pouco sobre o complexo de tumbas de <i>Brú na Bóinne</i>	76
2.3.1. O Neolítico Inicial e Médio: a continuidade da cultura material no Vale do Boyne	79
2.3.2. O Neolítico Final: a fase final de construção das tumbas de passagem na área central do Vale do Boyne	81
2.3.3. Para além da morte em <i>Brú na Bóinne</i> : a Idade do Bronze Inicial	82
2.4. Conclusões Parciais – A reinterpretação e a reutilização dos monumentos principais: as escolhas da população	86
3. Os monumentos do Vale do Boyne: repertório dos sítios em estudo	89
3.1. Criando uma metodologia	89
3.2. O complexo de tumbas de <i>Brú na Bóinne</i> : a área Central	98
3.2.1. Newgrange	109
3.2.2. Knowth	119
3.2.3. Dowth	126
3.3. Conclusões Parciais	131
4. Por uma nova Metodologia	133
4.1. A metodologia como experimento – algumas considerações	133
4.2. As fichas de análise	139
4.3. Análise e inserção das amostras a partir dos dados computacionais e quantitativos	172
Conclusão	186
Glossário	190
Bibliografia	194

Introdução

Paisagem e monumentos possuem um papel fundamental para a compreensão das populações pré-históricas. A prática e o engajamento entre indivíduos, objetos e elementos naturais davam ordem e significado ao seu mundo. A partir de escolhas de materiais, alinhamentos, posições e ações rituais – o experimentar da materialidade – gerou fortes marcas, muitas delas advindas de conhecimentos da corporalidade. Conhecimentos físicos, metafísicos e culturais muitas vezes refletiam a sensação de pertencimento, criando e mantendo a memória coletiva.

A construção de monumentos e de paisagens rituais durante o Neolítico ocorreu de maneira singular na faixa que se entende como Europa Atlântica, se comparada em relação ao restante da Europa. Monumentos de formatos predominantemente circulares, voltados para criação da ancestralidade, memória e identidade refletiam uma cosmovisão singular. Representavam a visão de mundo de grupos de caçadores e recoletores que ao se assentarem perceberam o tempo, assim como a paisagem que os cercava, de maneira distinta.

A faixa Atlântica europeia será considerada como referência na construção de monumentos circulares como parte de uma cosmovisão comum Atlântica durante o Neolítico e Idade do Bronze Inicial, e o enfoque da presente pesquisa é analisar a paisagem ritual da área central do complexo de tumbas de *Brú na Bóinne*, leste da Irlanda como estudo de caso. Neste sítio entende-se que é possível observar por meio da análise de construção dos monumentos uma mudança significativa entre o final do Neolítico e o começo da Idade do Bronze.

Para a maioria dos pesquisadores existe um abismo e uma diferença na cultura material (os monumentos) entre o que pode ser observado durante o Neolítico Final,

entendido como a fase final da construção das tumbas de passagem tipo 3 no Vale do Boyne, e o que é observado na Idade do Bronze Inicial, com a construção de monumentos satélites ao redor das tumbas principais. A conclusão mais comum é que a mudança teria ocorrido como consequência à chegada (por imigração) de uma nova população: o povo da cerâmica campaniforme.

Em contraposição à visão comum e simplista das teorias invasionistas, esta pesquisa defende a mudança de foco ritual durante o final do Neolítico e começo da Idade do Bronze Inicial, observando, então uma continuidade na materialidade e não uma ruptura.

O que se entende como mudança de foco ritual seria a forma como os indivíduos se engajavam durante os rituais. Assim, a alteração do foco ritual só é possível ser compreendida se analisada na longa duração e no desenvolvimento da paisagem e dos monumentos: como formas de construções encadeadas e não como etapas distintas de desenvolvimento e construção, consequentes de mudanças sociais externas.

É possível observar que existiu o desenvolvimento contínuo das tumbas de passagem durante o Neolítico na Irlanda: do tipo 1 (menores e menos complexas) voltadas para deposição mortuárias e prováveis rituais externos já que, em sua maioria, suas câmaras não comportavam mais de um indivíduo em seu interior; para o tipo 2, com a provável remodelação de tumbas mais antigas, com passagens maiores, cobertas e câmaras mais espaçosas, voltadas para rituais internos podendo conter grupos um pouco maiores; para o tipo 3, o ápice da construção de tumbas de passagem na Irlanda, com seus montes remodelados, com mais de uma câmara interna contendo detalhes minuciosos, alinhamentos solares e construídas de tal maneira que indicam o acesso de grupos de mais de 10 indivíduos em seu interior e que o objetivo da sua grandiosidade

seria o domínio da paisagem ao seu redor, sendo possível observar o começo de entalhamentos e trabalhos que indicam que havia um foco também na parte externa das tumbas (como é o caso das três tumbas analisadas: Newgrange, Knowth e Dowth).

A mudança entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze Inicial seria a culminância das etapas anteriores, uma continuação voltada para a participação de mais indivíduos nos rituais: a grande parte dos rituais tornou-se menos privados e seletos, voltados para a parte externa das tumbas, considerados verdadeiros rituais “públicos”. Os rituais saem da parte interna das tumbas de passagem tipo 3 (Newgrange, Dowth e Knowth) para ocorrer nas partes externas a elas, porém, com o foco de atenção exclusivamente voltados para elas, com a construção dos monumentos satélites da Idade do Bronze Inicial.

A hipótese de trabalho visa estabelecer o uso e o simbolismo das estruturas construídas no Vale do Boyne como componentes de uma paisagem ritual tradicionalmente considerada como parte da cosmovisão da Europa atlântica. Entende-se que existiria uma base cultural, ritual e identitária comuns à faixa atlântica europeia (visto como um fenômeno mais extenso), mas que permitia adaptações e inovações regionais, contendo ênfases distintas, como ocorreu na Irlanda e, mais especificamente, com *Brú na Bóinne*.

Para que a análise nesta pesquisa ocorresse de forma coesa, a intenção foi desenvolver a escrita de tal forma coerente que fosse possível para o leitor compreender o desenvolvimento e o encadeamento das ideias de maneira que fosse possível entender a construção da cosmovisão pré-histórica singular na faixa Atlântica Europeia na longa duração, como também os questionamentos acerca dos desenvolvimentos das construções no Vale do Boyne e as consequentes mudanças rituais.

Assim, no primeiro capítulo (Megálitos e mudança cultural: um breve panorama) são apresentadas as interpretações sobre os monumentos megalíticos, principalmente no que diz respeito à Europa Atlântica – quebrando-se a ideia de que eles seriam estáticos e ou simples anexos das áreas cultiváveis e produtos diretos da mudança na economia (excedentes produtivos). São mostrados os temas que perpassam os estudos de contatos e conexões em pré-história europeia desde o século XIX (do difusionismo e das teorias invasionistas) até a atualidade, quando são considerados os contatos regionais e o questionamento de teorias como a de centro-periferia, sobretudo para o caso da Irlanda. Analisa-se ainda o processo de sedentarização e adoção da agricultura gradativos na Europa Atlântica a partir do Neolítico, o que atualmente é chamado de “Neolitização”, além de questões concernentes ao pensamento simbólico e sua atuação na transformação da paisagem (sendo consideradas as diferenças regionais e a agência dos indivíduos).

Já no segundo capítulo (A morte e *Brú na Bóinne*), retomando as discussões propostas sobre os monumentos e a paisagem no capítulo anterior, trabalha-se com o relacionamento entre os primeiros monumentos e a morte na Europa. Como parte da tradição da faixa Atlântica europeia, são definidas o que são as tumbas de passagem e as suas classificações já buscando mesclar as teorias trabalhadas e desenvolvidas com o estudo de caso apresentado o repertório dos sítios analisados em *Brú na Bóinne* e as fases pelas quais passaram (desde sua ocupação no Neolítico Inicial, passando pelo Neolítico Final e a construção das três tumbas principais do complexo), Newgrange, Knowth e Dowth (até a Idade do Bronze Inicial, período no qual as tumbas caem em desuso e são construídos novos monumentos, hoje chamados de monumentos satélites).

No terceiro e maior capítulo (Os Monumentos do Vale do Boyne: repertório dos sítios em estudo) é primeiramente discutida a criação da metodologia criada para analisar os monumentos e a paisagem de forma conjunta, tornando-possível analisar e comprovar a mudança de foco ritual ocorrida do Neolítico Final para a Idade do Bronze Inicial. Esta metodologia, visando uma análise mais completa e holística, como foi criada pela aluna, é descrita e explicada em detalhes. Em termos gerais, é uma metodologia que conjuga métodos cartesianos e computacionais (como mapas, fotografias aéreas, programas de georeferenciamento, GIS e LiDar) com o método fenomenológico¹, no qual o perceber e experimentar a paisagem e os monumentos (considerando, então, fatores de incorporação e aspectos sensoriais dentro e fora dos monumentos) pelo pesquisador são levados em consideração.

Na segunda parte do terceiro capítulo, são feitas a análise e descrição do sítio como um todo e dos monumentos. Assim, são analisadas características físicas, geológicas e paleoambientais do complexo de tumbas de *Brú na Bóinne* – seu histórico e tombamento do sítio pela Unesco como patrimônio mundial e sua divisão em duas áreas. A área central (que contém os três complexos de monumentos de Newgrange, Knowth e Dowth) é analisada como um todo, uma vez que foi a área escolhida para análise.

Na parte final do terceiro capítulo ainda são discutidas as motivações que levaram ao fim da utilização das tumbas de passagem e a construção de novos monumentos. Propõe-se, então, a mudança no foco ritual, devido à mudança social,

¹ Como não existe um método fenomenológico definido, criou-se um, a partir do desenvolvimento de uma metodologia fenomenológica com base na teoria fenomenológica. Devido a essa indefinição no que diz respeito à metodologia e aos métodos que envolvem a teoria fenomenológica e, obviamente, por existirem inúmeras limitações e problemas envolvendo suas utilizações, são feitas as ressalvas e as considerações para o desenvolvimento e utilização dos mesmos.

simbólica e ritual ocorrida na sociedade; visão divergente da maioria dos autores que consideram a mudança derivada da chegada de uma nova população ao local (e, conseqüentemente, nova cultura material inserida).

No último capítulo (Por uma Nova Metodologia) é feita a análise por meio das fichas de análise fenomenológica e em um segundo momento são cruzadas as informações com os mapas contendo os padrões de visibilidade. Serão analisados por meio dessa metodologia itens em cada conjunto descrito no terceiro capítulo, atentando para os seguintes fatores: posicionamentos, relacionamentos, visibilidade, incorporação, som, diferentes texturas dos materiais, cor, questões olfativas e sensação (sentida pelo pesquisador).

Ao analisar paisagem e monumentos como construções socioculturais torna possível considerá-los produtos da interação entre pessoas, lugares e materiais que deram forma à visão de mundo pré-histórica. Neste sentido, se torna essencial considerar que possuam um discurso e uma narrativa cujo conhecimento se perpetuou por gerações. Por mais que não estejam inseridos em seus contextos originais (culturalmente falando), continuam a ter indicativos de agência, incorporação e do mundo sensorial humano daquela época, uma vez que a materialidade foi formada a partir da performance que ali ocorria.

Neste sentido, na presente pesquisa, acredita-se ser possível os pesquisadores buscarem respostas para seus vários questionamentos concernentes à pré-história. Ao analisar a formação da paisagem ritual no Vale do Boyne para melhor compreender a morte e o ritual no contexto do Neolítico na faixa Atlântica europeia, buscou-se uma interpretação holística possibilitada pela criação da metodologia que abarca métodos fenomenológicos (fundamentados em como o pesquisador percebe a paisagem e os

monumentos) e métodos computacionais/quantitativos. Desta maneira, foi possível interpretar e criar projeções de uma possível realidade utilizando métodos e ferramentas disponíveis de acordo com a percepção advinda dos vestígios que sobrevivem até os nossos dias permitiram inferir.

CAPÍTULO 1

1. Megálitos e mudança cultural: um breve panorama

Os grandes monumentos e as tumbas megalíticas*² sempre exerceram grande fascínio e curiosidade entre os estudiosos e, desde os antiquários³, existe uma tentativa de ligá-los a uma determinada população e explicar seu aparecimento e construção, uma vez que é um fenômeno encontrado em toda a faixa Atlântica europeia e áreas do Mediterrâneo.

Devido a sua grande importância nos estudos de linguagem, movimento populacional e análise da cultura material de populações pré- e proto-históricas (entendidas à época como pré-romanas), se faz necessário ressaltarmos alguns nomes que tiveram destaque para as Ilhas Britânicas.

Dos mais importantes antiquários que retratam estudos na Inglaterra e Irlanda, se destaca George Buchanan, um dos estudiosos que contribuiu para o desenvolvimento do conceito dos Celtas, oferecendo a essas populações maior destaque no povoamento das Ilhas Britânicas. Foi o autor da História da Escócia (*Rerum Scoticarum Historia*), publicado em 1582. Foi o primeiro a sugerir que a origem de parte da população na Irlanda e Ilhas Britânicas como um todo era “Celta”, se destacando, pois, de seus contemporâneos devido as suas teorias não serem baseadas apenas em mitos e conjecturas, mas sim em levantamento extensivo e sistemático de dados, criando teorias a partir da análise e interpretação lógica (COLLIS, 2003).

Ao fazer o levantamento de nome de “lugares eternos” – como cidades e rios, percebeu grande semelhança com nomes da parte ocidental da Europa, principalmente

² Os asteriscos indicam a existência da palavra no Glossário ao final do texto.

³ Antiquarismo é uma tradição intelectual de investigação desenvolvida na Europa no século XVI e começo do século XVII como resultado de novos interesses (que não a cultura escrita): pela natureza e a antiguidade. Em alguns sentidos, foi um substituto ao estudo das antiguidades clássicas e uma reflexão do orgulho nacional crescente (TRIGGER, 2004).

Ibéria e Gália, concluindo que a população da Inglaterra derivava de alguma maneira da população dessas regiões da Europa continental. Fez também o levantamento da linguagem, de onde reconheceu três dialetos e suas respectivas regiões geográficas, traçando, deste modo, pela primeira vez um estudo mais acurado sobre colonização dessa região, com fluxos migracionais e movimentação de populações nativas.

Outro nome que se destaca entre os antiquários é o de Paul-Yves Perzon, monge bretão que influenciou o desenvolvimento do conceito moderno dos celtas. Escreveu *L'Antiqué de la Nation et de la langue Celtique* em 1703 (que foi traduzida para o inglês de 1706). Seu maior objetivo era traçar os ancestrais dos celtas e, para ele, nações seriam definidas por suas línguas (gregos pelo grego, romanos pelo latim, germânicos pelo germânico e celtas pela língua celta) (COLLIS, 2003).

Edward Lhuyd foi um antiquário galês e curador do museu Ashmolean em Oxford. Dentre suas contribuições para os estudos sobre Ilhas Britânicas se destacam os estudos sobre a língua celta, sendo um dos coautores (juntamente com Buchanan e Perzon, embora com discordâncias em diversos pontos) da ideia moderna da “família da língua celta”. Sua outra grande contribuição aos estudos foi o livro *Archaeologia Britannica*, onde tratou tanto de linguagem quanto de monumentos e antiguidades (a partir de correspondências a donos de terras na Inglaterra e Irlanda) (COLLIS, 2003). Em uma de muitas viagens pelas Ilhas Britânicas, redescobriu, em dezembro de 1699, Newgrange: foi o primeiro a fazer um relato escrito e a desenhar a planta baixa da passagem da tumba e suas câmaras (Cf. CONDIT & COONEY, 2014).

Os monumentos foram estudados, analisados e catalogados, mas pouco tiveram influência na definição do termo Celta. Cabe ainda ressaltar nomes como o de John Aubrey, que vinculou os druidas aos monumentos de pedra (principalmente Stonehenge e Avebury) no final do século XVII; e o de William Stuckley, que foi o primeiro a

utilizar o termo “monumentos Celtas” para monumentos construídos em pedra tanto nas Ilhas Britânicas como os do Continente europeu (MORSE, 2005), entretanto, sem analisar melhor suas semelhanças e diferenças entre as regiões ou suas possíveis datações divergentes.

Como acima mencionado, o “fenômeno” megalítico, ou seja, grandes monumentos construídos em pedra durante o Neolítico, é tradicionalmente encontrado em diversas regiões, desde o Mediterrâneo Ocidental até as áreas costeiras da Europa Ocidental.

Nesse trabalho, mais especificamente, analisar-se-ão as construções megalíticas conhecidas como tumbas megalíticas, consideradas essencialmente um fenômeno Atlântico (Cf. CUNLIFFE, 2008), mas que se estende desde as margens do Mediterrâneo nas regiões da Espanha, França e Alemanha, seguindo pela península Ibérica e a faixa Atlântica até o extremo das Ilhas Britânicas.

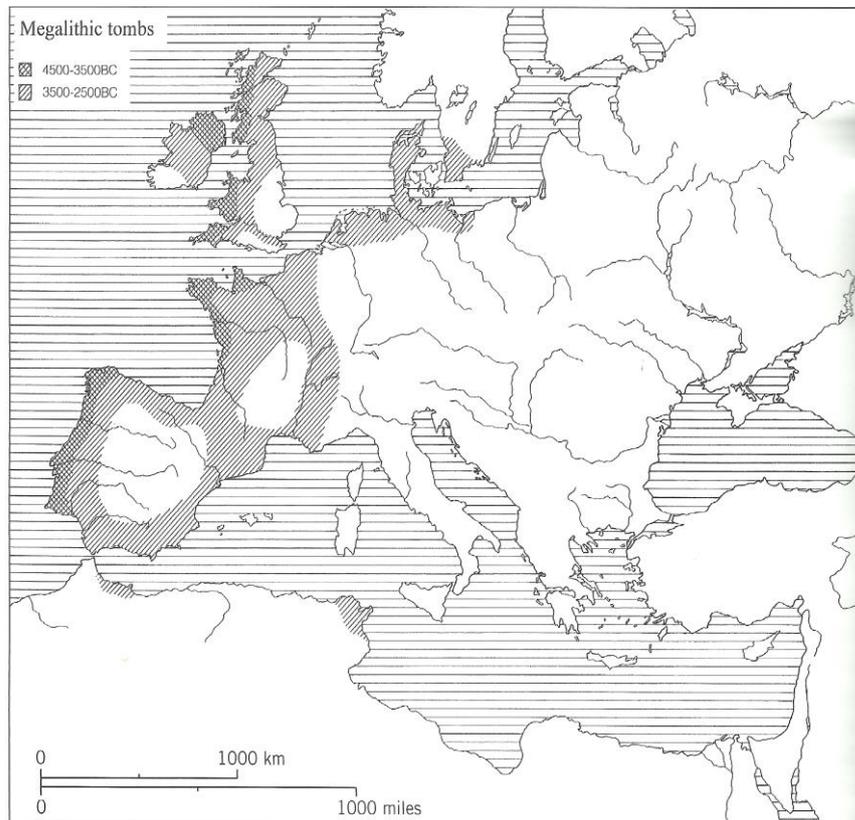


Figura 1: Mapa contendo a distribuição das tumbas megalíticas na Europa entre 4500 e 2500 a.C. (CUNLIFFE, 2008:160).

Como é possível observar pela imagem, existe claramente uma diferenciação entre a datação e os tipos de tumbas megalíticas encontradas nas bordas do Mediterrâneo e as encontradas ao longo da faixa Atlântica europeia. As mais antigas são as tumbas de passagem* que datam desde 4500 até 3500 a.C. e possuem uma distribuição marítima, fazendo com que muitos estudiosos até hoje considerem que sistemas de crença e técnicas por trás de suas construções fossem intercambiadas pela faixa Atlântica (CUNLIFFE, 2008: 160).

Antigamente, haviam sido datadas diferentemente, fazendo com que estudiosos histórico-culturais voltados para o difusionismo e teorias invasionistas considerassem

que o fenômeno foi se espalhando das margens a partir do continente pelo mediterrâneo, seguindo pela península Ibérica em direção à faixa atlântica⁴.

Neste sentido, Childe, no século XIX, foi um dos primeiros a tentar explicar o fenômeno das tumbas megalíticas e, apesar de focar nos estudos a partir da Idade do Bronze, tentou correlacionar essas construções em pedra com uma cultura denominada por ele como “pan-europeia” (Cf. CHILDE, 1958).

Para o autor, o que ocorreu foi uma difusão da cultura oriental para a Europa Ocidental e que havia se dado por ligações e conexões marítimas e rotas terrestres que interligariam as costas. A julgar pelo seu conteúdo e padronagem, o autor encontrou um problema ao tentar correlacionar as tumbas megalíticas com uma única cultura, uma vez que elas variavam entre as regiões. Ele concluiu que elas não foram erigidas por um único povo e cultura, como os antiquários concluía, e sim que se espalharam a partir repetições consequentes do contato entre populações (CHILDE, 1958: 230-231).

O foco do autor, na verdade, não era trabalhar com os achados megalíticos, e sim com o povo *Beaker** (população da cerâmica campaniforme, ver figura 2) e a proliferação do uso do metal – o bronze. Seu intuito ao partir da Idade do Bronze era determinar o povo Beaker como o principal agente que abriu as comunicações, estabelecendo relações comerciais e difundindo a prática da metalurgia na Europa Ocidental a partir de um centro: o Oriente Próximo (CHILDE, 1958: 222-223).

⁴ Atualmente, principalmente no que diz respeito às Ilhas Britânicas, sabe-se que a disseminação das tumbas megalíticas não ocorreu de forma homogênea, como uma evolução contínua saindo do continente a partir do Mediterrâneo em direção à faixa Atlântica e áreas mais distantes como oeste da Irlanda e Escócia. São considerados os diferentes estilos, formas e até a utilização das construções. Alguns aspectos dessa discussão serão retomados no capítulo 2, quando serão tratadas as datações e diferenças das tumbas de passagem do oeste da Irlanda para o leste, em comparação com o restante das Ilhas Britânicas e o Continente. As que são encontradas no Continente (principalmente Península Ibérica e Britânia francesa), anteriormente consideradas como inspirações por terem sido datadas como as mais antigas, são bem diferentes das encontradas nas Ilhas Britânicas (ver HERITY & EOGAN, 1977; SCARRE *et al*, 2002 e HENSEY, 2015).

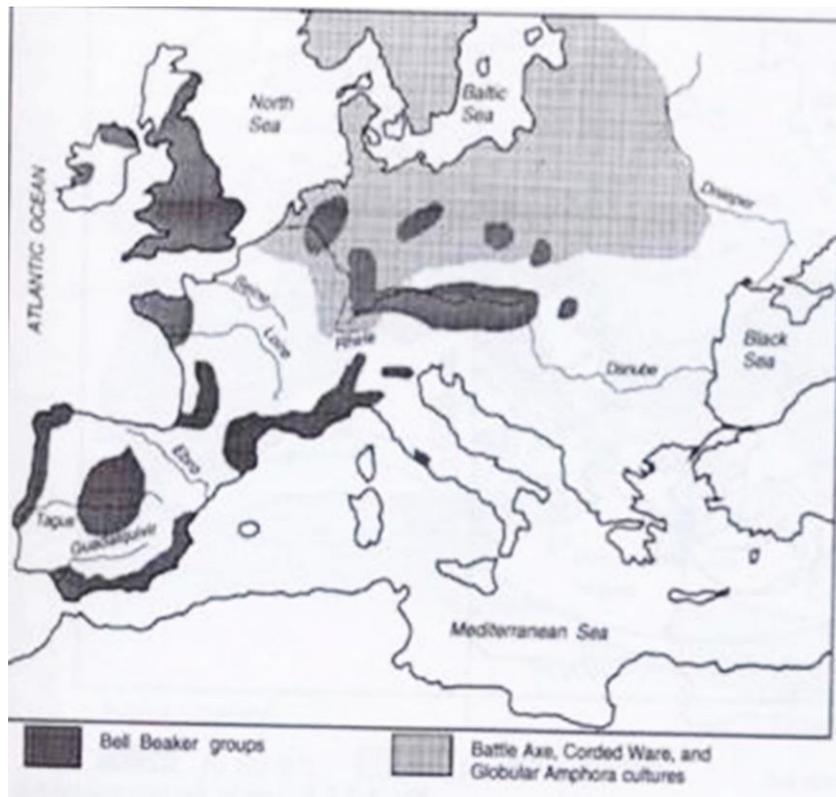


Figura 2: Mapa demonstrando a distribuição da população Beaker na Europa (CAVALLI-SFORZA *et al*, 1996: 258).

e, por outro lado, possibilitando a esquematização de rotas e conexões a partir dos achados.

tomaram força em 1880. Nesse período, devido à crise econômica e social, que levaram a uma desilusão no progresso, espelhando um conservadorismo em relação à etnicidade e à imutabilidade da natureza humana, tendo como consequência a sua inabilidade de criação. Dentro desse contexto, era impensável considerar determinadas invenções (aquelas entendidas como cruciais) ocorressem mais de uma vez na história da humanidade, em diferentes espaços temporais. Assim, toda mudança cultural observada no registro arqueológico era atribuída à difusão de ideias de um grupo para outro por meio do contato feito através de migrações (ou invasões), que levavam à substituição de um povo e sua cultura por outro de cultura distinta. O etnólogo Franz Boas foi quem desenvolveu o conceito de áreas culturais, no qual o conceito de cultura é entendido como um modo de vida pertinente à grupos étnicos específicos. O arqueólogo alemão Gustaf Kossina foi o primeiro a definir e a utilizar o conceito de cultura arqueológica nos estudos de pré-história, aplicando-o sistematicamente à interpretação de dados arqueológicos com enfoque histórico. Em 1911, em seu livro “A Origem dos Germanos”, propôs que do Paleolítico superior em diante o registro da Europa Central podia ser organizado como um mosaico de culturas (ou grupos culturais) cuja localização e conteúdos se alteravam ao longo do tempo. Ele considerou as culturas como um reflexo de etnicidade e, deste modo, a continuidade cultural significava continuidade étnica, ligando grandes grupos ou povos a províncias culturais definidas. Assim, seria possível mapear as distribuições de artefatos característicos de determinados grupos culturais e rastreá-los ao longo do tempo, possibilitando lidar com a evidência que se acumulou tanto de variações cronológicas quanto geográficas (TRIGGER, 2004; GÖTZ, 2009).

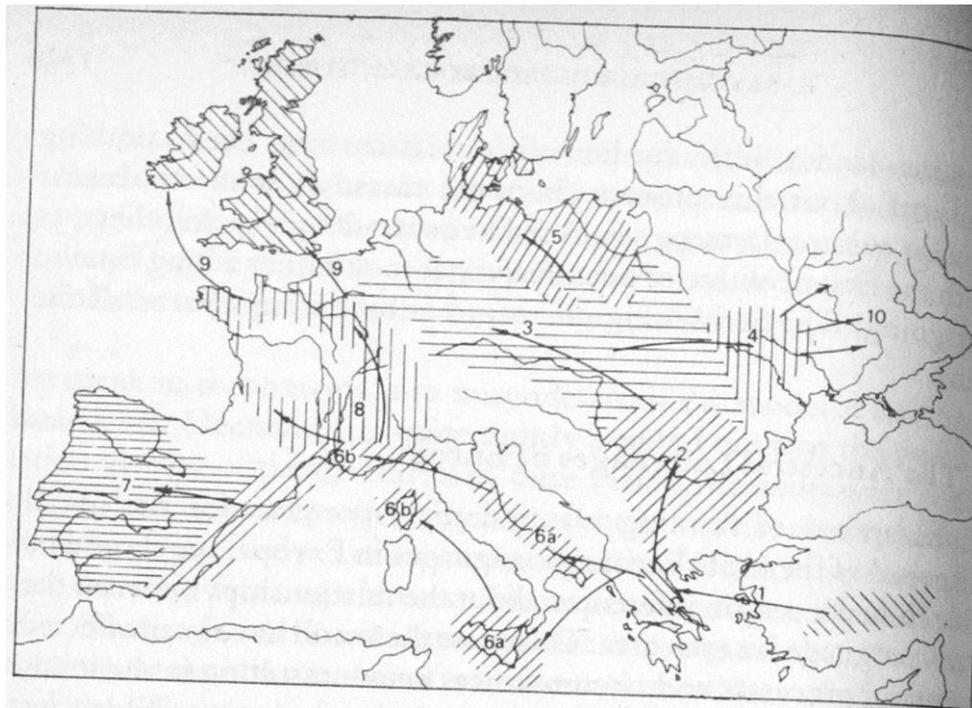


FIG. 7.7 Hypothetical sequence of cultural and linguistic transformations during the early spread of farming in Europe. The initial transformation (1) is from the early neolithic of Anatolia to that of central Greece where the language was ancestral to the Greek language. Transformation (10) indicates the change from East European settled farming to the first pastoral-nomad economy of the steppe lands.

Figura 4: Mapa mostrando a hipótese da sequência cultural e as transformações linguísticas a partir das teorias invasionistas durante o começo da disseminação da agricultura na Europa. A transformação inicial (etapa 1) é do Neolítico Inicial da Anatólia para a Grécia Central onde a língua era uma versão anterior ao Grego antigo. A transformação (etapa 10) indica a mudança do leste Europeu assentado para a economia caçadora-recoletora (nômade) nos estepes (RENFREW, 1987: 160).

Surpreendentemente, esse modelo, apesar de muito criticado pelos movimentos posteriores da arqueologia devido a tendência de considerar os povos nativos como meros receptores passivos – principalmente a crítica pós-processual -, se repete até a atualidade para explicar as mudanças na cultura material, principalmente no que concerne à mudança do Neolítico para a Idade do Bronze Inicial, quando os dois autores trabalham com a entrada (invasão) do povo *Beaker* nas Ilhas Britânicas.

Para os dois autores, a cultura neolítica presente nas Ilhas era completamente distinta do tipo de cultural da Europa Ocidental que fora introduzida em um primeiro momento por populações que migraram do Norte da França ou Bélgica em direção ao

sul da Inglaterra, que não se misturaram com as populações nativas (nômades) e gradativamente se espalharam pelo resto das Ilhas (PIGGOTT, 1954; CHILDE, 1958).

Apesar de acreditarem que não houve trocas ou até miscigenação entre os novos habitantes e as populações locais, os autores entendem que toda cultura levada para as Ilhas Britânicas seria automaticamente “insularizada” devido as condições de transporte e movimentação na região (CHILDE, 1958: 322) – fazendo surgir um resultado cultural único.

Ao considerarem que todas as rotas advindas do Sul convergiam para as Ilhas Britânicas, entendidas como o ponto mais extremo da linha de megálitos da costa marítima atlântica, eles concluíram que “apóstolos da fé megalítica” (CHILDE, 1958: 325) haviam chegado pelo Atlântico, depois em direção à costa Oeste e para o Mar Irlandês. Como foi um processo gradativo, a chegada dessa população, que teria construído as tumbas megalíticas, seria praticamente concomitante à rápida invasão do povo *Beaker* vindo pelo Oeste (Inglaterra).

Esse impacto de culturas na região leste da Irlanda teve como resultado uma cultura material única – a cultura de monumentos do Boyne⁷: tradicionalmente reconhecida pelas tumbas de passagem construídas sob montes de pedra arredondados (PIGGOTT, 1954:193). O tipo de tumba da cultura Boyne mais comum e que se espalhou é a de um plano cruciforme, com uma passagem longa e ao final contém uma câmara central (subpartida em três células) que possui um teto construído de pedras que se sobrepõe criando uma “cúpula” ou abóbada. Essas tumbas normalmente são conspícuas e se encontram em locais elevados e suas pedras são adornadas com padrões entalhados de espirais (PIGGOTT, 1954:193-208).

⁷ Refere-se aqui à região em estudo do Vale do Boyne (ou *Brú na Bóinne*) no condado de Meath, leste irlandês, local onde esse tipo de construção teve origem.

Para a corrente histórico-culturalista da qual Piggott e Childe faziam parte, era intrigante o fato de não existir nos achados das tumbas da Cultura do Boyne os metais explorados e difundidos pelo povo Beaker. Por suporem que as tumbas megalíticas eram destinadas para linhagens de aristocratas, o metal – materiais de consumo de luxo – deveriam estar presentes. Concluíram, assim como outros estudiosos, que a influência dessas construções se direcionou para a costa de Gales e atravessou o canal do Norte.

Os fundadores da cultura Boyne teriam chegado pelo mar vindos de Portugal sendo, portanto, anteriores à fase Beaker encontrada na Inglaterra. Desta maneira, a aristocracia megalítica, que foi quem organizou a exploração do cobre e do ouro Irlandês, teria sido rapidamente absorvida pelas populações nativas e substituída pela classe governante Beaker num momento imediatamente posterior (CHILDE, 1958: 329-330).

A partir dos anos 60, com a Nova Arqueologia e impulsionada também por novas descobertas, pela datação de rádio carbono (que permitiu a definição de novas cronologias absolutas) surgiram novas interpretações sobre o fenômeno megalítico na faixa Atlântica europeia.

Foi, então, possível comprovar que as tumbas de passagem da faixa Atlântica (de Portugal até Orkney) eram mais antigas que as suas supostas ancestrais do Mediterrâneo. Essa simples inovação fez cair por terra toda uma série de construções difusionistas e histórico-culturais. Surge, assim, de maneira mais evidente, que a faixa da Europa Atlântica desenvolveu de maneira única e independente todo um sistema sofisticado de crenças, cosmologias e arquitetura (CUNLIFFE, 2008: 21).

Como consequência das novas tecnologias de análise, a difusão foi rejeitada e a crença nas migrações e em movimentos em larga escala de populações foi abandonada como explicação mais provável para as mudanças observadas na cultura material.

Alguns pré-historiadores se voltaram para posições mais radicais, negando completamente a existência dessas migrações e movimentações como significantes no curso da pré-história europeia. Isto fez com que novas teorias surgissem como, por exemplo, inovação das populações locais a partir de ideias que se espalhavam por meio de trocas através de redes de contato e conexões. A inovação observada na cultura material nativa era considerada como tentativa de cópia (ainda que rústica) dos materiais e do comportamento de uma elite dominadora (CUNLIFFE, 2008: 21).

Vale ressaltar que nos anos 70, a partir do advento de novas tecnologias, estudos de genética e DNA inseridos no paradigma da Nova Arqueologia aparecem e são aplicados para compreender movimentos de populações, assim como tentar traçar padrões linguísticos e culturais. Um dos trabalhos mais significativos é do geneticista Cavalli-Sforza e do arqueólogo Ammermam (1971). Nele, indo de encontro às novas tendências de pensamento, os autores buscam reforçar a difusão cultural por meio de estudos para mensurar taxas médias para a disseminação da agricultura na Europa durante o Neolítico utilizando datações em rádio carbono de 53 sítios da Europa observados e ordenados a partir de um centro comum de difusão: Jericó (ver figura 5).

Sua grande inovação, entretanto, é a análise genética proposta a partir de um modelo intitulado “wave of advance” (onda de avanço): modelo de difusão dêmica que se diferencia da colonização pela intencionalidade de se assentar no local, sendo lenta e gradual, com formação de assentamentos a curta distância nas áreas onde o avanço geográfico ocorre. Desta forma, esse avanço seria refletido nas composições genéticas das populações resultantes tendo, como efeito, quanto mais próximo ao centro de difusão, uma população “puramente Neolítica” e, quanto mais periférico, uma população mais Mesolítica. Esse trabalho, por possuir bases científicas inovadoras, se tornou um clássico que muitas vezes é retomado até a atualidade.

Em contrapartida, hoje em dia, por meio de novas tecnologias e análises de DNA, as movimentações populacionais voltaram ao debate, porém, não a partir de teorias preconcebidas, mas de novas bases científicas: trabalhos como os de SYKES (2006) OPPENHEIMER (2006) mostram a possibilidade de mapear e caracterizar os movimentos populacionais a partir do DNA extraído de vestígios pré-históricos e comparando-os com a população local encontrada ali na atualidade. Essas análises genéticas observando os genes atuais ligados a um determinado local podem apontar o movimento das populações antigas e pré-históricas (ver SIMS-WILLIAMS, 1998; BELLE *et al*, 2006; THOMAS *et al*, 2013: 2-11).

Obviamente, esses novos recursos ainda esbarram em muitas limitações, como, por exemplo, a definição e exclusão de movimentações populacionais modernas. Mais além, pode-se cair no mesmo problema que estudiosos como Kossina caíram: a partir de determinados vestígios materiais, presume-se a presença de determinada população – ou seja, etnicidade – e liga-se esta etnicidade a um determinado espaço físico, a eles também associando preconceitos e políticas. É necessário lembrar sempre do cuidado que se deve ter ao começar a ligar populações a territórios para evitar seu uso político indevido.

São tradicionais da arqueologia processual estudos que criaram grandes modelos explicativos, tentando dar conta da quantidade de dados obtidos principalmente a partir das novas tecnologias. Motivando os modelos de explicação linguística e migracionais, interpretações baseadas nos modelos de centro-periferia foram muito utilizadas. Para esses estudiosos, algumas regiões funcionavam como os centros inovadores e propagadores de sistemas de crenças e tecnologias e, as áreas distantes desses centros eram interpretadas como receptoras, como é o caso irlandês: a Irlanda não estava, de fato, isolada e blindada das inovações ocorridas em áreas centrais como a Europa

Central, entretanto, era considerada em muitos modelos como área receptora passiva das inovações ocorridas no continente (para o caso da Irlanda ver HERITY & EOGAN, 1977; CUNLIFFE, 2001 e 2008).

A partir de fins dos anos 80, com o surgimento de um novo paradigma arqueológico e uma nova corrente, denominada de pós-processual, começou-se a lançar nova luz sobre os estudos de contatos e migrações na pré-história europeia. É inegável que houve movimentações populacionais na pré-história, mas elas não devem ser consideradas as únicas (e principais) motivações para as mudanças registradas na cultura material. Dentro dessa perspectiva, ignorar inovações locais é anular as populações locais, considerá-las bárbaras e incapazes de criar e produzir monumentos e objetos de complexidade inigualável. Para essa mudança de perspectiva, muito contribuíram os estudos fundamentados na teoria pós-colonial.

Assim, diferentemente da corrente anterior, que teve a tendência de criar grandes modelos explicativos para os contatos, observa-se uma busca por explicações focadas no regionalismo, quebrando a tendência a olhar para sistemas complexos que retiravam a ação dos indivíduos. A partir dos estudos regionais, começa-se a retirar do “isolamento” e da subserviência perante as áreas centrais, as zonas consideradas periféricas dentro dos sistemas centro-periferia.

Desta forma, áreas como a Irlanda, saem da zona obscurecida como receptora de novos conhecimentos e novas populações e ideias – um local a ser colonizado - para ser analisada como uma importante região nos contatos e conexões entre populações desde o Mesolítico e detentora, sim, de inovações observadas na cultura material, principalmente no que se refere ao Neolítico (ver COONEY, 2000; BRADLEY, 2007 e 2012; MILISAUSKAS, 2011; McINTOSH, 2006). Obviamente, devido ao longo

período de obscuridade, existem ainda problemas de abordagem arqueológica na área em estudo, a Irlanda.

Como expõe G. Cooney (2000), ainda há um domínio de estudos que focam em aspectos particulares dos dados arqueológicos, observando os sítios e tumbas megalíticas, cerâmica e assentamentos de forma individual e isoladamente: consequência do uso arqueológico de classificação como um modo analítico e ordenador para compreender as evidências, tendendo a enfatizar as distinções entre as diferentes categorias dos dados mais do que focar no conjunto que eles formam e que representa a cultura material da população do Neolítico na Irlanda. Apesar do crescimento das investigações sobre o Neolítico europeu desde a década de 80, as interpretações ainda estão presas do ponto de vista metodológico aos anos 60 metodologicamente e ainda há uma dificuldade enorme de compreender que o registro arqueológico é a expressão material do comportamento e ideias da população que o criou (COONEY, 2000: 2-3).

1.1. O processo de Neolitização

1.1.1. A “revolução Neolítica” – um problema teórico?

É necessário salientar que a noção evolucionista advinda da arqueologia processual, que observa o desenvolvimento progressivo do Mesolítico para o Neolítico, e assim por diante, inexistente. Atualmente, diferentemente da tradição processualista, os trabalhos são direcionados para observação da variabilidade regional e da utilização de estratégias econômicas diferentes utilizadas simultaneamente em diversas localidades.

Deste modo, torna-se impossível trabalhar com rupturas e mudanças drásticas sociais sem que se cometam equívocos e, por isso, faz-se crucial a observação na longa duração. O Neolítico foi um termo cunhado dentro da arqueologia e, ao longo do tempo,

tem sido usado para descrever fenômenos diferentes e estáticos, criando falsas expectativas para a existência de uma entidade hermética, coerente e determinada por um único processo histórico: o assentar das populações e a prática da agricultura (THOMAS, 1999).

O termo “Revolução do Neolítico” foi cunhado por G. Childe para tentar explicar a pré-história a partir de um vocabulário moderno, após se alinhar com a proposta marxista em 1935. O conceito de “Revolução do Neolítico” estava diretamente relacionado à transformação social e econômica dos grupos de caçadores e recoletores que se assentaram e se transformaram em agricultores. Para Childe, as revoluções humanas antigas se manifestaram da mesma maneira que a Revolução Industrial – ideal de progresso na época: o aumento da curva populacional. Com a produção da própria comida, houve o aumento populacional, o excedente tanto de pessoas quanto de produtos levaria à construção de monumentos e, conseqüentemente à escrita e à Revolução Urbana (GREENE, 1999).

Tais revoluções aproximavam-se mais do conceito de processo do que a ideia de eventos puramente isolados. Obviamente, o conceito de Revolução mudou através do tempo. Durante o século XVIII estava intimamente associado a noções de rotatividade e retorno, diferentemente da ideia de mudança direcional e inovação (e não somente de transição) trazidas pela Revolução de 1917, ligadas também à ênfase na mudança de tecnologia. Ainda há os que usam o termo Revolução tal como Childe, isto é, como um salto direcional para descrever um único fenômeno, de uma simples transição e a visão de mudanças repentinas que na realidade não ocorreram (GREENE, 1999).

É necessário salientar que Childe possuía como foco a mudança no modo de produção – de caçadores e recoletores para produtores – com grande ênfase na economia. A transformação radical no estilo de vida levou a diversas mudanças sociais

e culminaram no que se pode observar no Neolítico e, posteriormente, na Idade do Bronze.

Nos anos 90, Julian Thomas (1999) rompeu com o conceito de Revolução de Childe, que partia do princípio que a agricultura seria um pré-requisito básico e funcionaria como alicerce econômico da sociedade pré-histórica, possuindo como consequência imediata dos excedentes de produção a construção de monumentos. Thomas passou a desconsiderar a mudança social como uniforme, sugerindo que era essencial voltar as análises para o Mesolítico, período em que teriam iniciado as mudanças mais significativas – sociais e culturais – que culminaram nas transformações observadas na cultura material durante o Neolítico.

Ao questionar a ideia da existência de um salto universal de caçadores e recoletores para agricultores, bem como ao argumentar que os monumentos e as demais invenções materiais não foram simples produtos do desenvolvimento econômico e tecnológico, entende-se que novas formas de cultura material foram usadas de maneira inventiva pelas comunidades locais, transformando as relações sociais e criando novos mundos de significados (THOMAS, 1999).

Nessa nova acepção, o uso do termo Neolítico não implica que os desenvolvimentos socioculturais e políticos tenham sido uniformes, já que em muitas áreas a caça e a coleta, por exemplo, persistiram durante todo o período Neolítico enquanto em regiões próximas houve o desenvolvimento das primeiras sociedades assentadas e maior complexidade social (BRADLEY, 1998).

O desenvolvimento tanto agrícola quanto técnico ocorreu em um movimento crescente, descontínuo e que variou em diversas regiões desde o Paleolítico, tendo seu ápice na Idade do Bronze, uma vez que se observou que caça e coleta vão existir por todo o Neolítico. A partir de estudos, é feita diferenciação cultural entre a faixa

Atlântica e o resto da Europa: essa região era área de contatos, trocas comerciais e vagas migratórias que se intensificaram no Neolítico e tiveram seu ápice na Idade do Ferro (THOMAS, 1999).

Observado o exposto, neste trabalho acredita-se que o Neolítico seja mais do que um horizonte cronológico, um estágio no esquema evolucionista ou um “pacote” cultural no qual as relações sociais são determinadas pela atividade agrícola e todas as outras inovações são consideradas subsidiárias a ela (THOMAS, 1999). Isto porque, é durante o Neolítico que o desenvolvimento da agricultura, as novas técnicas (agrícolas e artesanais) e o surgimento de um novo tipo de cultura material ficam mais evidentes. O avanço das novas práticas e o desenvolvimento das técnicas ocorreu de maneira progressiva e diferenciada no Oriente, Europa Continental e nas Ilhas Britânicas o que, de certa forma, serviu para embasar as teses difusionistas da corrente histórico-cultural, com a noção de que as mudanças só poderiam ocorrer devido a um fator externo àquela sociedade, isto é, por meio de vagas migratórias e invasões.

Muitos autores (HODDER, 1990; THOMAS, 1991; BRADLEY, 1998 e 2007; COONEY, 2000; CUNLIFFE, 2001 e 2008) salientam a importância nas mudanças que podem ser observadas no registro arqueológico no período de transição para o Neolítico por meio de mudanças sociais, ideológicas e conceituais. O Neolítico seria uma nova maneira de pensar refletida por novos símbolos, rituais, construções e organizações sociais (BRADLEY, 1998). E, apesar das críticas ao conceito de Childe, é possível afirmar, sim, que existiu, uma mudança na economia que acabou funcionando como catalizador de mudanças sociais e ideológicas (MILISAUKAS *et al*, 2011).

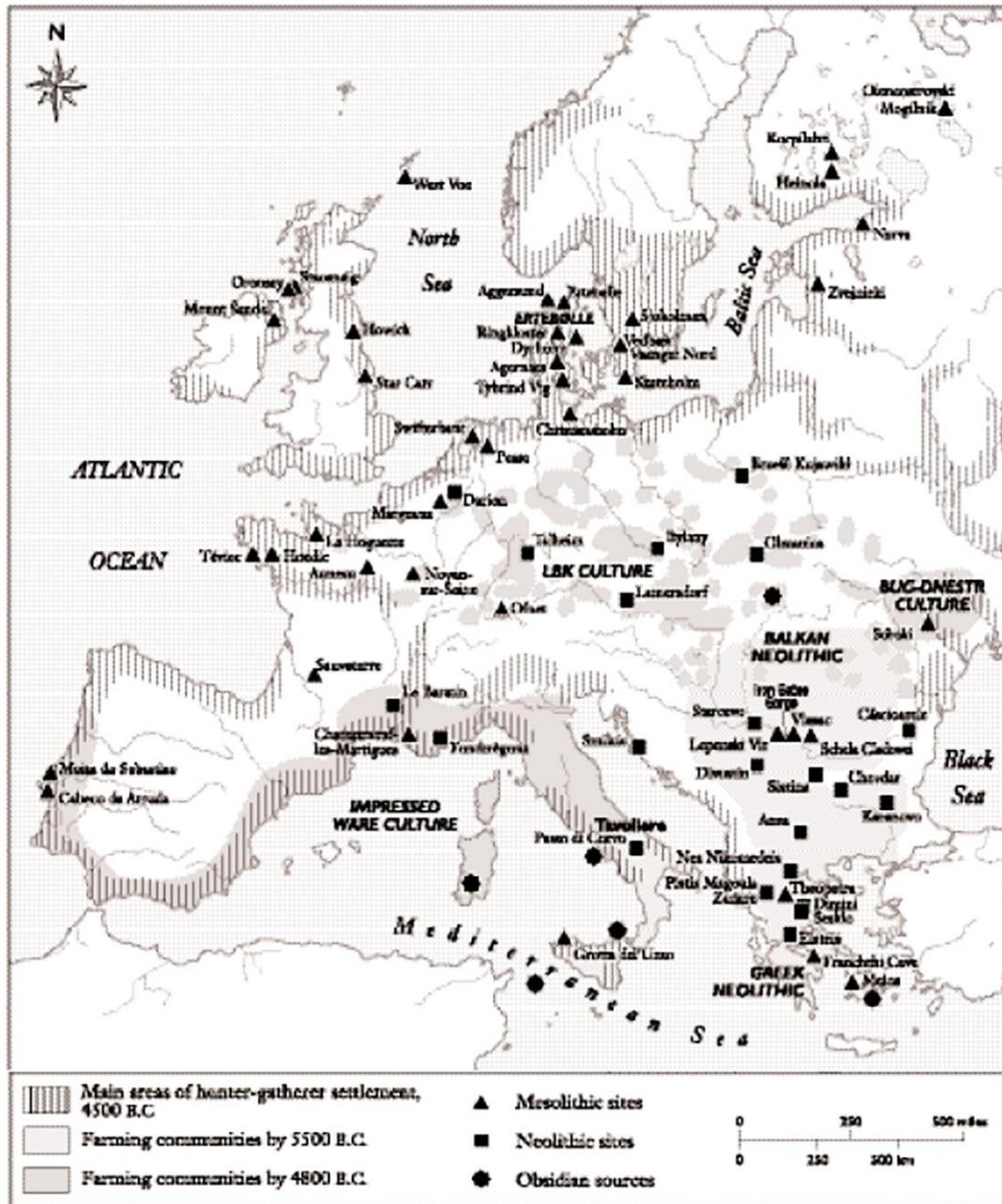
1.1.2. O processo de inserção da agricultura e a transição do Mesolítico para o Neolítico: de caçadores e recoletores à agricultores

Durante o Mesolítico é possível observar a existência de acampamentos sazonais, conhecidos como *taskscape*⁸, que possuíam respectivas finalidades: o homem se movimentava na paisagem de acordo com sua necessidade em realizar tarefas, produzindo uma ordenação na paisagem com uma delimitação efetiva do território e o começo da especialização de ofícios. Neste período, portanto, percebe-se a relação diferenciada do homem com a paisagem que habitava, subsistindo no ambiente sem, de fato, modificá-lo, sendo possível compreender a maior concentração dos grupos em determinados locais, agregando famílias e tornando os acampamentos maiores.

Ao final do Mesolítico, nota-se maior tendência dos grupos a se manterem mais fixos em determinados espaços, o que permitiu o surgimento de novas técnicas, como a confecção da cerâmica e o uso do arco e da flecha. A mobilidade das populações na paisagem começa a diminuir ao passo que começa a ocorrer uma crescente regionalização, permitindo o desenvolvimento de comunidades maiores e socialmente complexas. É nesse momento que começam a criação de uma rede maior de contato e intercâmbio, com a aquisição de bens exóticos (a exemplos de como machados de pedra polida) trazendo consigo mudança crucial na economia (Cf. CUNLIFFE, 2001).

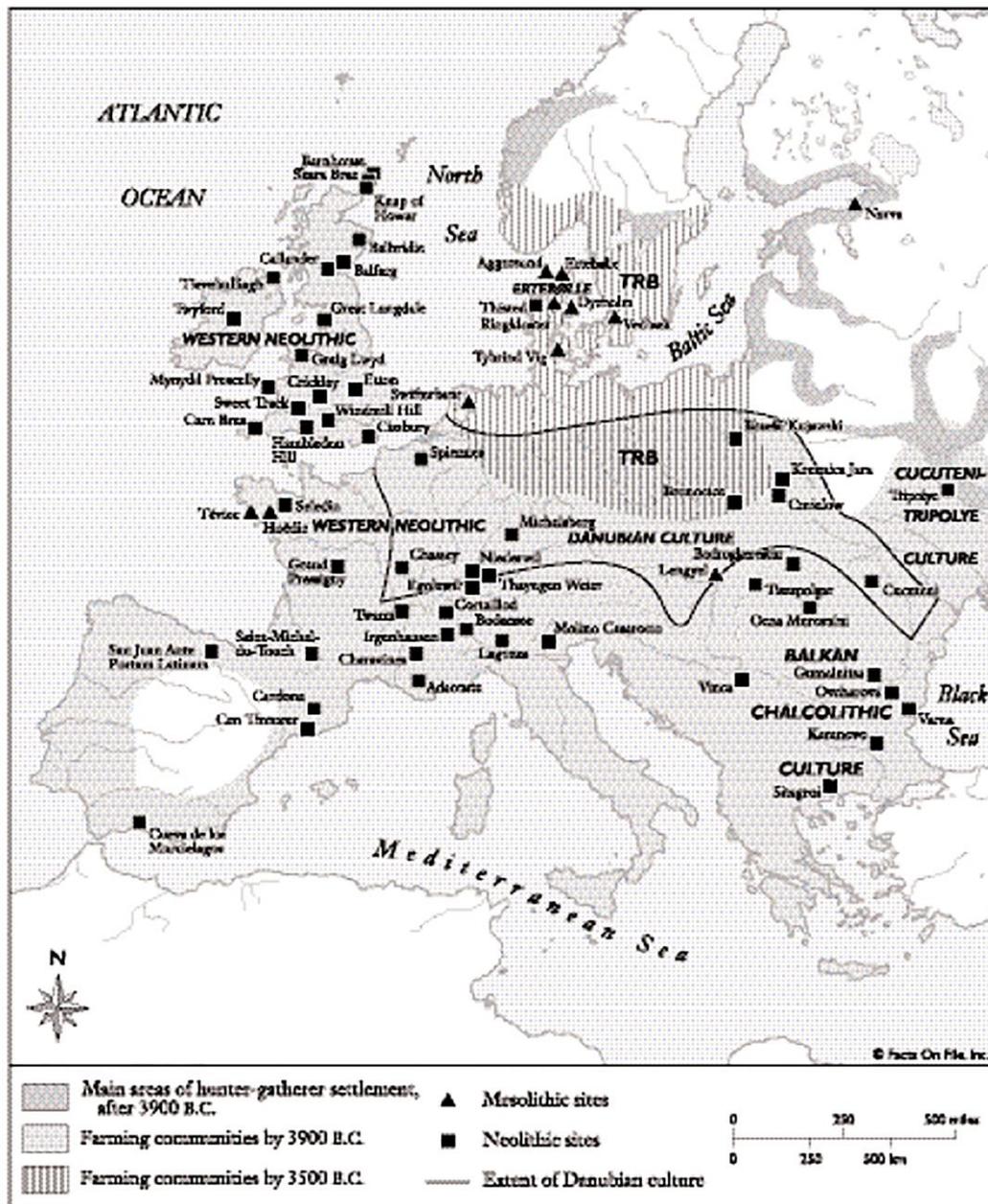
Mas será que foi tão simples assim, como acima exposto? Atualmente, sabe-se que o processo de introdução de novas técnicas e ferramentas ocorreu aos poucos e de

⁸ Termo proposto por Tim Ingold (1993) para se referir a todo o conjunto de tarefas ou ações que uma sociedade, comunidade ou indivíduo realizam. A ideia de *taskscape* reconhece que todas as tarefas são interligadas, e que qualquer tarefa funciona como uma propagação contínua de eventos e experiências heterogêneos, não existindo mais a necessidade de classificar as atividades em grupos como, por exemplo, ritual, técnico e de subsistência.



Map 4. Postglacial hunter-gatherers and the spread of farming to 4500 B.C.

Figura 6: Mapa mostra distribuição das populações de caçadores-recoletores no período pós-glacial e a disseminação da agricultura até 4500 a.C. (MCINTOSH, 2006: 30).



Map 5. The further spread of farming to 3500 B.C.

Figura 7: Mapa mostra a continuidade da disseminação da agricultura na Europa até 3500 a.C. (MCINTOSH, 2006: 47).

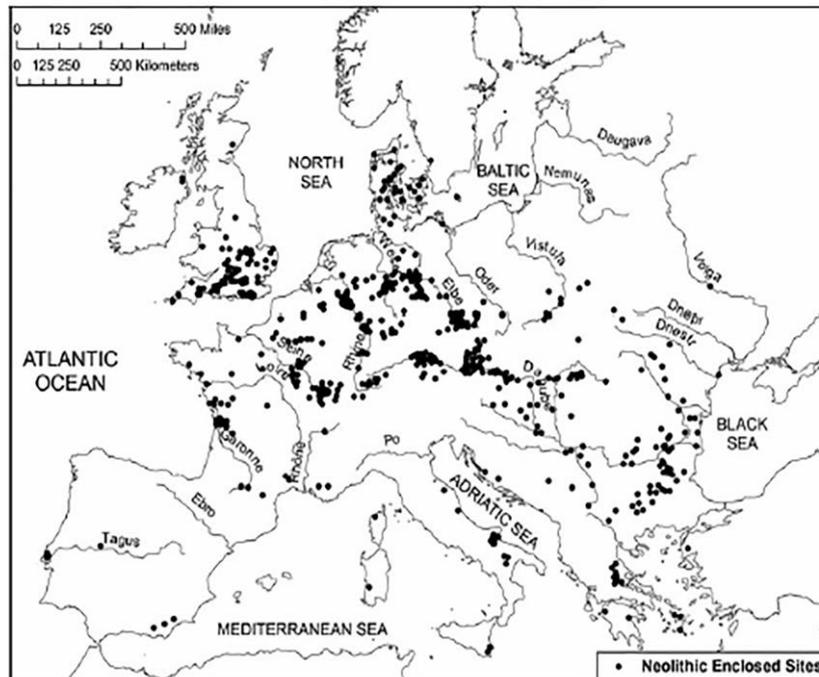


Fig. 7.12 Distribution of Neolithic enclosed sites (after Andersen 1997, with modifications)

Figura 8 : Mapa mostra a distribuição de assentamentos no Neolítico (MILISAUSKAS, 2011: 189).

Com isso, e como demonstrou Thomas (1999), a aceitação dessas inovações advinha de uma mudança e de um desenvolvimento interno, partindo da escolha da população, sem que a estrutura socioeconômica mudasse imediatamente.

O padrão de assentamento é muito mais móvel do que os estudiosos esperavam (WHITTLE, 1996a), não existindo grandes campos e espaços voltados, por exemplo, para o cultivo de cereais ou campos mistos, sendo difícil e mais raro ainda encontrar assentamentos sedentários com habitações por toda a Europa. No lugar da habitação para os vivos, encontraram monumentos aos mortos (BRADLEY, 1993). O que faz os estudiosos se questionarem os porquês de existir um enfoque na morte ou talvez uma tendência a eclipsar as construções voltadas para os vivos.

A primeira questão que deve ser levada em consideração é a existência de um hiato de mil anos para a adoção da agricultura entre a faixa Atlântica europeia e a

Europa Central: dois estilos de vida diferentes populações de caçadores e recoletores (consideradas ainda do Mesolítico) convivendo próximos a populações assentadas – a existência da chamada fronteira agrícola na Europa (BRADLEY, 1998: 12).



Figura 9: Mapa com a fronteira agrícola no norte e noroeste da Europa, em aproximadamente 4500 a.C. (BRADLEY, 1998:12).

De um lado, existem os achados de assentamentos da cultura da cerâmica Linear* (ou LBK, ver figura 6) datada de aproximadamente 4500 a.C. e, do outro, grupos de caçadores e recoletores, os quais claramente mantinham algum tipo de contato com os grupos assentados. Suas terras não pareciam sofrer qualquer tipo de interferência ou influência pelo advento da agricultura até 4000 a.C. em diante, quando a aparente fronteira deixa de existir e os caçadores-recoletores parecem ter sido assimilados ao “mundo Neolítico” (BRADLEY, 1998). Vale ressaltar que é nessa faixa

que os maiores monumentos foram construídos e o padrão de assentamento é impreciso (SHERRATT, 1990 *apud* BRADLEY, 1998:11).

Existem, portanto, duas grandes tradições que espelham as correntes arqueológicas do estudo do Neolítico para compreender o hiato existente para a adoção de práticas conhecidas como sedentárias na Europa. A primeira delas dá ênfase ao papel econômico: a adoção da agricultura pelas populações de caçadores-recoletores se deu devido a uma crise alimentícia; não haveria necessidade de mudar um estilo de vida que sobreviveu séculos juntamente com a agricultura a menos que o suprimento alimentício estivesse em risco (ROWLEY-CONWY, 1984 *apud* BRADLEY, 1998: 13).

A segunda tradição considera o impacto social de novas ideias associadas com as comunidades agrícolas para além da fronteira agrícola: eles seriam uma fonte não somente de novos artefatos (como cerâmica e machados polidos), mas também seriam proprietários de visões e ideias diferentes de mundo (BRADLEY, 1998:13; Cf. THOMAS, 1999) – as ideias foram passadas aos poucos por meio dos contatos e intercâmbio nas regiões fronteiriças e, aos poucos, modificou o cotidiano das comunidades de caçadores e recoletores. Nesta linha interpretativa, qualquer mudança e desenvolvimento na economia de subsistência seria secundário à mudança de mentalidade.

Fugindo de uma ideia de aculturação para além da fronteira agrícola, mas com foco nas trocas e intercâmbios entre as populações, a maioria dos autores atualmente adere a essa abordagem. Hodder (1990), procurou analisar a mudança do relacionamento entre o selvagem e o domesticado por meio da inserção de uma nova ideologia. Whittle (1996a) escolheu trabalhar com a criação de novos mundos pois, para ele, o modo de vida Neolítico possuía um conjunto de crenças, valores e ideais sobre

lugares e pessoas, assim como um tempo diferenciado. Thomas (1999), Tilley (1996) e Bradley (1998 e 2007) – ainda que com enfoque em diferentes localidades (Inglaterra, Irlanda e Escandinávia), também voltam seus estudos para a noção de uma população do Neolítico com uma mentalidade e noção de tempo diferenciada da dos caçadores e recoletores.

Um segundo ponto a ser notado é o que Cunliffe (2008) constrói: a partir do Mesolítico começa a surgir uma mentalidade diferenciada para as populações das áreas litorâneas da Europa – distinguindo, então, os caçadores e recoletores da área central para aqueles que se encontravam na franja litorânea – principalmente atlântica. Algumas populações escolheram ali se congregarem e desenvolver. Em comparação com as áreas mais centrais, de floresta densa, era uma zona extremamente favorável e rica, com o clima um pouco mais ameno, sobretudo a área do litorânea do Atlântico.

A necessidade de lidar com uma paisagem completamente diferente, um espaço mais aberto, tendo o oceano como um novo limite e subsistência, começa a criar gradativamente uma mudança simbólica na qual o ritmo de vida é alterado. Essas populações possuem hábitos diferenciados, necessitando de habilidades de navegação baseados no entendimento das estrelas – conhecimento que teria sido um lugar comum entre populações da faixa litorânea. Com o tempo, esses povos criaram redes de contato nas quais se espalhavam ideias, valores e sistemas de crença. A proximidade com o mar deve ter criado novas possibilidades, indicando uma diferente maneira de ver e viver o mundo (CUNLIFFE, 2008: 85-87).

É válido ressaltar que essas são as mesmas populações que não se enquadram na fronteira agrícola (ver figura 9). Deve ser por tal motivo que os chamados limites da cultura da cerâmica linear em 4000 a.C. são praticamente os mesmos que os da fronteira

agrícola. Apesar de existir um padrão idêntico no que diz respeito à existência de assentamentos e habitações por toda a Europa⁹, ao que tudo indica, esses traços se intensificam quando falamos da Europa atlântica: não há evidência de mudanças econômicas drásticas e não há o uso intensivo da agricultura.

Deste modo, o que fica evidente é que desde o Mesolítico se tem o desenvolvimento de uma cosmovisão diferenciada para a área da faixa Atlântica. Diferentemente do que defende Bradley (1998)¹⁰, entendo que a cosmovisão não foi criada ou não surge (do zero) a partir do Neolítico: ela talvez fique mais visível por meio da marcação do pensamento simbólico na cultura material.

Como expõe ainda Bradley (1998:13), o Mesolítico não deve ser considerado mero pano de fundo para os estudos de Neolítico. É necessário que compreendamos de maneira mais profunda as dinâmicas e mudanças que ocorreram no período para que possamos entender e analisar o seu ápice no Neolítico.

O que defendo aqui é que, apesar de existirem inúmeras diferenças entre a cultura material observada nos dois períodos, existiram determinados traços que se estabeleceram gradualmente ao longo do Mesolítico e que se manifestaram de maneira mais contundente no Neolítico, demarcando, de fato, mudanças simbólicas que já estariam em curso anteriormente. Assim, é possível considerar que a fronteira agrícola não está ligada a uma questão econômica, mas sim de concepção. Uma vez que essas populações adentraram o que os estudiosos chamam de “mundo Neolítico”, elas se adequaram em parte a ele, pois a sua cosmovisão já era completamente diferenciada em relação ao resto da Europa, trazendo então à tona uma cultura material diferenciada,

⁹ Com algumas poucas exceções em algumas regiões da Irlanda (ver GROGAN, 1996), por exemplo.

¹⁰ No seu livro, defende que as populações do Neolítico da faixa atlântica possuíam uma cosmovisão diferenciada (BRADLEY, 1998).

como a construção de monumentos a exemplo das tumbas de passagem ainda no Neolítico, e, posteriormente, os monumentos circulares da Idade do Bronze.

1.2. As mudanças no pensamento simbólico e as transformações da paisagem

A tomar como as ideias “inovadoras” do que se entende como “mundo Neolítico” chegaram, de fato, às Ilhas Britânicas – e à Irlanda mais especificamente – não é possível ter certeza. O que se pode afirmar é que as trocas pelo mar desde o Mesolítico, sobretudo as trocas de machados de pedra polida (Cf. CUNLIFFE, 2001), contribuíram para isso. Fosse pela ideia de novos povos (colonizadores) chegando e introduzindo sementes para o cultivo e animais domesticados, fosse pelos nativos trazendo e implementando os novos costumes, uma variedade de processos com certeza levou à implantação dos costumes do “mundo Neolítico”.

Hoje entende-se que é extremamente provável que rotas e redes marítimas já interligassem as regiões desde o Mesolítico, e serviram como canais bem estabelecidos para novas ideias se disseminarem, uma vez que primeiramente introduzidas em Cambridgeshire, Inglaterra, em aproximadamente 4.300 a.C., se disseminou em menos de meio milênio para regiões no extremo Norte (como Orkney e Shetland). Na Irlanda, em 4.100 a.C., na península de Dingle, por exemplo, há indícios da existência de gado e machado de pedra polida (CUNLIFFE, 2008).

Mudanças climáticas também favoreceram o processo de Neolitização, que começaram aproximadamente em 4100 a.C., com o pico em 3800 a.C. e durando até 3200 a.C. O que ocorreu foi o aumento da temperatura média, com verões mais quentes e invernos mais frios. Isso correspondeu a uma circulação atmosférica meridional fortíssima, principalmente no Atlântico Norte, o que pode ter contribuído para a diminuição de chuvas – fatores que com certeza podem ter forçado as populações locais

a serem mais inovadoras e mais receptivas a novos modelos de produção, contribuindo para a implementação das novas práticas (CUNLIFFE, 2008).

Com a implementação gradual das novas práticas, o processo de Neolitização alcança as Ilhas Britânicas a partir de 4000 a.C., onde é possível observar práticas seminômades em determinadas regiões que começam a implementar o uso de animais domesticados como gado, cabra, ovelhas e porcos, e adoção do pastoreio, além da introdução e do cultivo de alguns cereais e sementes de milho, por exemplo, para uma agricultura de subsistência.

Com o avanço geográfico do processo de Neolitização, ainda que sem a adoção rápida e sistemática de práticas completamente sedentárias, começou a ocorrer o fenômeno de concentração populacional em determinados locais, uma vez que os grupos se movimentavam menos pela paisagem. Como consequência, é possível observar a partir do registro arqueológico que determinados lugares na paisagem começam a ganhar destaque e um uso diferenciado daquelas novas áreas de cultivo, assim como uma possível necessidade de reestruturação social.

A reestruturação social pode ser melhor observada ao direcionar o foco para toda a faixa da Europa Atlântica, na qual é possível observar o início da monumentalização desde o final do Mesolítico – como acima discutido. Este fenômeno se tornou de larga escala ao longo do tempo, como consequência de um longo período de contato entre as populações nativas dessa região, que adotaram um repertório de práticas culturais e, entre elas, a construção de marcos visíveis em sua paisagem: os monumentos megalíticos (BRADLEY, 1998 e 2007; THOMAS, 1999; MILISAIKAS *et al*, 2011).

Para que possamos entendê-los, primeiramente é preciso atentar que ao utilizar o termo paisagem, é necessário elucidar o que se entende por ele. O termo se insere na

discussão da arqueologia pós-processual, que tem por objetivo focar as análises na prática e na ação, com cunho fortemente interpretativo e grande interesse na questão simbólica e cognitiva. Se enquadra nos estudos da Arqueologia da Paisagem, derivados de estudos de assentamento, possuindo uma linha interpretativa com base em uma ótica regional, fugindo das generalizações tradicionais da abordagem processual e buscando a agência¹¹ dos indivíduos. Deste modo, entende-se paisagem como construção sociocultural (Cf. INGOLD, 1993).

Como conceito, carrega questões relativas à ritualização e ao agenciamento humano – que pode ser estudado por meio do fenômeno da monumentalização. Ao ter como foco os monumentos, considera-se possível entender o âmbito socioeconômico para, conseqüentemente, chegar-se ao cultural. Atualmente, no campo de estudos pré-históricos, a paisagem é entendida como o elemento nevrálgico para a constituição da sociedade. Diferentemente da noção anterior, considera-se que ela não é estática ou passiva à ação humana, e sim conseqüente da expressão das relações sociais construídas por meio de processos de conflitos e negociações que ocorrem ao longo das gerações (BENDER, 1992).

Como produto da interação homem-ambiente-estrutura, é marcada pela vivência sociocultural, política e econômica ao longo do tempo. Observada e considerada em conjunto com os estudos concernentes à matéria, se tornou possível compreender como o homem agia, percebia e construía/modificava/adaptava a espacialidade em que vivia e a sua relação com a construção e manutenção da memória.

¹¹ O corpo é o principal *locus* físico da experiência e a cultura material é o meio pelo qual se comunica, cria e reproduz o simbólico. É, portanto, um meio para compreender as relações sociais e os mapas cognitivos. Esse conceito, quando aplicado ao coletivo, implica em força para a construção de noções partilhadas do social e do simbólico, por meio da monumentalização e da construção ritual (englobando noções de memória, tradição, comunidade e identidade) (BAHN & RENFREW, 2005).

Por se tratar do estudo e análise de sociedades do Neolítico e, portanto, culturas orais, é de crucial importância notar que os vestígios arqueológicos por elas deixados constituem nossa única fonte de dados sobre eles. Neste sentido, é categórico atentar tanto para as relações entre os indivíduos, as construções edificadas, as imagens neles representadas e os objetos utilizados quanto para os vínculos criados entre esses mesmos indivíduos e o ambiente por eles habitado. São indícios que podem ser verificados na cultura material e que nos permitem analisar e compreender as relações sociais, políticas e econômicas estabelecidas nessas comunidades.

Ao trabalhar com a paisagem pré-histórica é necessário levar em consideração que havia a prática, o engajamento entre pessoas, elementos terrestres e até corpos celestiais que contribuía para a marcação de identidades de comunidades por meio do conhecimento mítico e simbólico da paisagem. Construções, (re)construções e (re)utilizações eram feitas ao longo do tempo e por gerações, muitas vezes modificando e alterando seus significados simbólicos através dos séculos.

Verdadeiras paisagens mutáveis que criavam mapas mentais significativos para a população que as modificava. Ordenava-se o espaço, criando e mantendo a memória, além de produzir significados simbólicos aos locais ancestrais (BENDER, 1992): os lugares rituais¹². Em larga escala, são processos entendidos como ritualização da paisagem, no qual entende-se por ritual atos que não fazem parte de atividades cotidianas e, em alguns casos, não domésticas que criam uma noção de tempo diferenciada: a fusão do passado no presente (BELL, 1992). O ritual possui a dimensão

¹² Lugares permanentes, ligados ao culto dos ancestrais em que ocorriam cerimônias rituais (TUAN, 1977).

simbólica criada pela corporalidade (ver MERLEAU-PONTY, 2011), a partir da construção e modificação do lugar¹³.

A ritualização da paisagem, assim, é uma forma de agir que é concebida e projetada para se distinguir e privilegiar o que está sendo feito, reforçando a tradição e a construção de uma memória por meio do engajamento ritual, que vai além da construção e organização das práticas do cotidiano, sendo a ação privilegiada capaz de mobilizar pessoas e fazer com que elas se identifiquem com o resultado do engajamento – individual ou coletivo (BELL, 1992).

A paisagem ritual é formada ao longo dos anos/séculos dentro da temporalidade da longa duração, como consequência da necessidade das sociedades de criar vínculos e laços com seus ancestrais, e de criar locais liminares atemporais onde o passado está presente fisicamente. Assim, é possível entender que ao erigir um monumento em um determinado lugar, ele cria, até certo ponto, parte do quadro cognitivo geral compartilhado pela sociedade, permitindo que se chegue ao contexto histórico e até alguns aspectos organizacionais das sociedades nas quais a paisagem é constructo de suas ações, crenças e concepções de mundo.

Mary-Ann Owoc (2005), entende que é possível compreender a partir do contexto espaço-temporal e da cultura material, como determinada população local se definia no seu mundo. Seria por meio do agenciamento, observado a partir da construção dos monumentos (e vale adicionar aqui a percepção sensorial exaltada a

¹³ À medida que se acostuma e se dota de valor, o espaço se torna lugar. Sendo assim, lugar é a unidade mínima que permite a inserção e compreensão desse espaço (TUAN, 1975), tendo o dinamismo como sua principal característica, se materializando por meio de ações individuais ou coletivas da produção cultural. O conceito de lugar traz em si a noção de pertencimento e familiaridade (ANSCHUETZ *et al*, 2001).

partir dessas construções). Para a arqueologia, o conceito de agenciamento traz, então, o fim do abismo entre sociedade, indivíduo e ambiente juntamente com o conceito de “cadeia operatória”¹⁴ por meio de construções e ações rituais.

É necessário fazer um adendo teórico concernente à questão da agência dos indivíduos. Apesar de considerar que existam sistemas de disposições e um princípio entendido como “inconsciente incalculado”, gerado coletivamente por meio de práticas e representações, o princípio gerador de práticas – o *habitus* (BOURDIEU, 1983 e 2001), nesta pesquisa considera-se que há condições para a racionalização e escolhas individuais, e não somente um campo de possibilidades determinados pelo próprio *habitus*, que acaba por limitar a agência e a escolha racionalizada. A intencionalidade, não será debatida e incluída na presente pesquisa por não considerarmos possível alcançá-la em sua totalidade, mas entende-se que ela deve ser sempre considerada, uma vez que, como aponta Merleau-Ponty (2011), ela é essencial para fazer a mediação com o mundo.

A paisagem é, deste modo, estudada como um todo, no qual as relações humanas com monumentos e com o ambiente natural (montes, cursos d’água etc) denotariam a percepção do homem pré-histórico em relação ao mundo em que vivia. A ênfase da pesquisa é a construção da paisagem ancestral: entendida como o processo de monumentalização da paisagem, os rituais que nela ocorriam e suas relações com as demais estruturas e elementos envolvidos.

¹⁴ *Chaîne opératoire*, conceito originalmente cunhado por Leroi-Gourhan para os estudos da produção lítica, é, literalmente, uma sequência operacional que pode ser aplicada a todo trabalho técnico pré- e proto-históricos (Cf. CONNELER, 2008). Há ênfase do corpo humano como fonte de expressão, significado e poder. O monumento é, portanto, o produto final pelo qual as ações humanas são transmitidas para a posteridade.

1.3. A construção de monumentos

Como já foi enfatizado, a construção de monumentos foi, por muito tempo, entendida pelos estudiosos como consequência imediata do estabelecimento da agricultura: seriam construídos a partir do seu excedente pelos grupos sociais mais estabilizados, como forma de demonstração de poder e demarcação territorial. Eram vistos meramente como adjuntos a área cultivável, fixos e estáticos, sem valorização própria (vide RENFREW, 1973a). Somente a partir dos anos 80, com o paradigma pós-processual e os estudos voltados para a paisagem, cognição, agência e pensamento simbólico foi que a visão limitada dos monumentos começou a ser modificada.

A mudança de pensamento simbólico é considerada pela primeira vez com Meillassoux (1972), na qual foi exposta a ideia que os agricultores possuíam uma noção de tempo diferenciada dos caçadores e recoletores, criando, assim, a primeira relação entre a construção de monumentos para além da visão funcionalista e economicista a partir da agricultura. A noção diferenciada de tempo é que seria crucial para explicar os monumentos e a ênfase nos ancestrais: o foco dos monumentos da faixa Atlântica era na ancestralidade¹⁵.

Bradley (1993, 1998 e 2007), seguindo no mesmo sentido, foi além, entendendo que houve mudança de mentalidade na população do Neolítico: os agricultores adquiriram um sentido de tempo diferenciado do tempo dos caçadores e recoletores, surgindo uma nova visão com ênfase em seus antepassados, refletindo o esforço

¹⁵ Entende-se ancestralidade como ancestralidade relacional: a ancestralidade não precisa envolver transmissão física de substância, ela é fabricada, produzida com o engajamento contínuo, não sendo transmitida passivamente. Há, portanto uma busca de relacionamentos com a paisagem e entre as pessoas. Visa-se o engajamento contínuo dessas pessoas com a paisagem, criando uma rede múltipla e interconectada na qual os ancestrais podem ter múltiplos pontos de origem (humanos do passado, espíritos da natureza, personagens míticos, etc.) (INGOLD, 2000).

comunal, a atividade ritual, com senso forte de genealogia tendo como consequência a produção de paisagens rituais, centros cerimoniais, monumentos e novos tipos de enterramentos.

Desta maneira, são considerados intimamente conectados à paisagem que os cerca. Os monumentos possuem uma significação por si e podem sofrer modificações ao longo do tempo. Assim, possuíam uma relação direta em como as pessoas de determinada época entendiam o mundo em que viviam (CUMMINGS, 2008). Por isso, se faz imperativa a compreensão do potencial de agregação dessas construções e dos lugares rituais nos quais estão inseridos, uma vez que a criação da espacialidade e a visão de mundo são criadas em conjunto por meio de rituais e cerimônias que carregam em si significados culturais daqueles locais, criando ordem e produzindo significado.

Thomas (1999), considera que para se compreender a construção de monumentos é necessário considerá-los não somente objetos inteiros por si só, mas sim como a transformação do espaço por meio de objetos diversos retirados da natureza (como pedras e madeira) e colocados em uma configuração elaborada. Essa ação demonstra uma “engenharia cosmológica” na qual se retira objetos significativos que compunham a noção de mundo das populações que os construíram, e os coloca em justaposição. Assim, cada um dos elementos (pedras de diferentes regiões, objetos, elementos artísticos, alinhamentos e direcionamentos) que compõe um monumento possui sua própria associação e conotação, percebida somente por aqueles que construíam e usavam a estrutura (BRADLEY, 1998).

A construção de monumentos é considerada como prática inscrita, pois deixa traços duradouros por trás de si fazendo parte de uma prática cultural voltada para o (re)lembrar (BRADLEY, 1998:90) longe da visão prática do tempo cotidiano, trazendo

consigo uma visão diferente do mundo (BRADLEY, 1998:88). Pode-se considerar, portanto, que os rituais públicos - a escolha e demarcação de lugares sagrados, a ritualização da paisagem e a construção de monumentos - se comunicam através de uma mídia especial (dança e música, por exemplo), seguindo certo padrão ligado à memorização que é transmitido para as próximas gerações, com seus conteúdos formais permitindo pouca modificação. É devido a isto que, provavelmente, os lugares rituais perpassam, na maioria das vezes, séculos e milênios: são lugares de culto da pré- e proto-história, do Neolítico até o período romano, particularmente, no que diz respeito às Ilhas Britânicas.

Desta forma, e de maneira concisa, os estudos de monumentalização observam a articulação entre a criação do monumento e a modificação da paisagem. É uma forma de agir que é projetada para distinguir e privilegiar o que está sendo feito reforçando a tradição e a construção de uma memória por intermédio do engajamento ritual. É o conhecimento cosmológico e prático, a materialização do simbólico. É possível alcançar a cultura que é interiorizada pelas pessoas e expressa na construção com base na criação da memória (Cf. BLOCH, 1998; CUMMINGS, 2004 e 2003; JONES, 2008; BRADLEY, 1998, 1993 e 2012).

Analisar a monumentalização da paisagem vai muito além da observação arquitetônica da “planta” do monumento. É crucial compreender como sua construção se insere e transforma a paisagem na qual ele está contido, observando as relações entre ambiente, sociedade e estrutura. A prática de construção do monumento possui atribuições simbólicas, onde material, cor, tamanho, forma, alinhamento e textura têm relevância. A paisagem possui, portanto, um papel essencial na transmissão dos

conhecimentos práticos e cosmológicos, que são visíveis a partir das análises da construção dos monumentos.

Os monumentos, de maneira geral, estão frequentemente, mas não exclusivamente, conectados com enterramentos. Muitas vezes, devido a sua reutilização ao longo do tempo e sua ressignificação, foram construídos com propósitos não funerários e, com o passar dos anos, foram tomando novos formatos, com inserção, por exemplo, de enterramentos em seus interiores ou arredores. Por isso, não são necessariamente considerados funerários. Cabe ressaltar ainda que a divisão simplista que entende os monumentos como construções “não domésticas” não é a mais adequada, uma vez que existem construções em forma de moradias que aparentam uso exclusivamente ritual (sem o uso tradicional doméstico) e monumentos que remetem a arquiteturas domésticas (BRADLEY, 2005).

Retomando algumas questões discutidas acima, neste trabalho dar-se-á o foco na construção de monumentos durante o Neolítico e começo da Idade do Bronze no que entendemos como Europa Atlântica e como caso de estudo, serão analisados os monumentos do complexo de tumbas no Vale do Boyne, na Irlanda. Isto posto, faz-se necessário enfatizar a importância da construção dos monumentos para as sociedades pré-históricas da região Europa Atlântica.

Mais do que uma região diferenciada do resto da Europa por questões acima já expostas, a faixa Atlântica é considerada atualmente por muitos autores (BRADLEY, 1998 e 2012; THOMAS, 1999; CUNLIFFE, 2008) como uma região que possui uma concepção de mundo diferenciada, e tem suas características acentuadas e seu pensamento simbólico marcado por meio da construção de monumentos a partir do Neolítico. Bradley (1998), foi o primeiro autor a considerar que as populações do

Neolítico que habitavam essa área possuíram uma visão de mundo diferenciada. Mais do que considerar a construção de monumentos um esforço comunal basal para a criação e manutenção da ancestralidade, memória e identidade, os monumentos, por serem circulares em sua planta e arquitetura, seriam representantes da cosmovisão de uma população de caçadores e recoletores que, ao assentar-se, ganhou uma nova noção temporal e espacial e, por isso, modificou sua visão de mundo, ao ter necessidade de criar, demarcar e delimitar laços identitários com os ancestrais (BRADLEY, 1998).

O indivíduo da Europa Atlântica, por habitar uma região costeira, e por ter sua vida muitas vezes influenciada pelo mar e em contato com outras populações da área desde o Mesolítico (CUNLIFFE, 2008), ao habitar um espaço mais aberto, onde céu e terra – céu e mar, se encontram no horizonte, começa a recriar os padrões da sua cosmovisão por intermédio da cultura material ao construir os monumentos tradicionais da região: únicos em formato e significação¹⁶.

Para a presente pesquisa, considerar-se-á que existe um padrão circular presente na construção dos monumentos da Europa Atlântica dos quais os monumentos a serem analisados fazem parte. Diferentemente do que considera Richard Bradley (1998), porém, não será analisado este padrão como uma forma presente e partilhada pelo

¹⁶ Como já trabalhado acima, há um padrão para as construções e uma dualidade – já exposta por Cunliffe (2008) – entre dois eixos da Europa (considerar figura 1). A arquitetura curvilínea é mais comum nas áreas conectadas pelo mar: oeste do Mediterrâneo e a costa do Atlântico, com poucos exemplos na França. Essas áreas eram extremamente conectadas durante o Neolítico e a Idade do Bronze e depois por contatos transoceânicos na Idade do Ferro e no Período Romano (CUNLIFFE, 2001). Sua caracterização não concretiza, necessariamente, um dado que as comunidades ali presentes possuíam, reconheciam e partilhavam de uma origem comum, mas evidencia as trocas de longas distância. Já a arquitetura retilínea é mais comum no eixo da Europa continental, central e norte, enfatizada pelos contatos por terra, exemplificando uma diferença na forma de conceber e lidar com o mundo: na terra, contatos em redes, caminhos e trilhas; enquanto no eixo marítimo a paisagem é mais aberta, com o contato diferenciado entre o indivíduo, o horizonte e o céu – o que, certamente, influenciou na forma de construir, idealizar e habitar das populações.

“inconsciente coletivo”, uma “consciência comum” às populações da área ao longo de gerações¹⁷.

¹⁷ Vale à pena salientar que R. Bradley, trabalha com a noção de arquétipo circular, um conceito que ultrapassa o significado basilar ligado a: padrão, modelo ou até paradigma. No curso de suas obras, o autor vai indicando que sua escolha se aproxima mais do conceito Junguiano de arquétipo, que seria um modelo de construção circular presente no (in)consciente coletivo das populações pré-históricas da faixa atlântica.

CAPÍTULO 2

2.1. Monumentos, ritual e morte

2.1.1 A Morte na Arqueologia

Para que possamos analisar os monumentos aqui em estudo, é preciso primeiro entender como a arqueologia tem retratado a questão funerária.

O estudo e análise de enterramentos e da prática mortuária, atualmente, buscam ir além do relacionamento entre vivos e mortos – como prática social – observando também aspectos rituais, simbólicos e culturais das populações, contribuindo para um conhecimento mais completo a partir da cultura material encontrada. Faz-se, desta forma, um “cruzamento” entre a morte (aquilo que de fato se encontra nos enterramentos) e os sistemas de crença, tornando possível observar e compreender paisagens inteiras criadas e não somente os monumentos individualmente, incorporando mais apropriadamente o nexos entre a religiosidade e a morte, a morte e os sistemas de crenças e a morte e o ritual (TAYLOR, 2011).

Como observa Tarlow (2013), a arqueologia funerária, apesar de focar análises do tratamento dos mortos e da construção e disposição dos enterramentos e objetos e determinar aspectos sofisticados das populações do passado como práticas rituais, cosmologias, crenças, relacionamentos e identidades sociais, bem como discursos emocionais, trata, acima de tudo, do ser humano – algo que foi desconsiderado anteriormente e que hoje tem sido destacado no contexto mortuário. Com isso, surgem problematizações sobre o corpo e seu relacionamento com objetos, lugares e pessoas (ver HAMILAKIS et al, 2002) combinando com métodos tradicionais e novos da análise arqueológica tornando a conceituar o corpo, o indivíduo, a morte e a vida pré-históricas.

Como destaca Taylor (2011: 74-89), são observados artigos de enterramentos posturas e orientações recorrentes de resquícios humanos ou até de tumbas (análise de formatos e alinhamentos recorrentes). O estudo da morte levou os estudiosos a observarem crenças religiosas/rituais e, posteriormente, a buscarem definir e distinguir seus relacionamentos com, por exemplo, os laços ancestrais (sejam eles inventados ou não).

Ações empreendidas em relação ao tratamento do corpo e do morto nos permitem distinguir diferentes sistemas de crenças e práticas rituais comuns a determinadas populações (e até observá-las difundidas por diversas regiões). Nos estudos de arqueologia funerária, entende-se que a posse de um corpo por uma comunidade se torna um pretexto para ações rituais focadas na morte, muitas vezes ramificadas por meio do simbolismo para incluir ideias de renovação social, regeneração, perpetuação de uma ordem cósmica, política etc. – em se tratando da arqueologia da morte voltada para a pré-história, é muito comum que paralelos com a etnoarqueologia ocorram.

Para o presente estudo, não serão feitos paralelos com a etnoarqueologia. O foco maior é o simbolismo com que a morte era tratada e a demarcação do pensamento simbólico de noções a ela ligadas na construção de paisagens rituais nas sociedades do Neolítico irlandês. Considera-se a possibilidade de rituais simbólicos ocorrerem com pretextos de morte, seja na escala micro, observando as tumbas de passagem e seu relacionamento com os monumentos satélites ou em escala macro, com a construção de paisagens rituais demarcando simbolicamente os domínios da morte e da ancestralidade.

2.1.2. A morte antes dos Monumentos (o Mesolítico)

O que intriga os pré-historiadores é por que a morte aparece de maneira mais enfática ou conspícua em determinadas sociedades do que em outras. Com certeza não tem a ver puramente com sociedades mais abastadas, muito menos exclusivamente com ideologias e reflexos sociais. Vai, também, muito além de uma noção simplista baseada nas modificações ocorridas com a introdução de novas economias quando a terra, por decorrência da introdução da agricultura, começou a possuir uma importância maior se tornando foco de preocupações e tensões sociais. É ingênuo ponderar a favor de uma teoria que considere que a terra, em uma sociedade de caçadores e recoletores, tenha pouca importância ou não tenha sido suficientemente enfatizada, só porque não tenha sido utilizada e explorada de maneira intensiva (como conhecemos hoje); pois é justamente durante o Mesolítico que a movimentação na paisagem era sazonal e, portanto, o conhecimento do terreno, dos recursos disponíveis e da geografia dos locais habitados funcionava de maneira elementar para essas populações.

Por existirem poucas evidências de enterramentos durante o Mesolítico (informação que recentemente cada vez mais tem sido refutada à luz de novas

descobertas), muitas vezes, os pesquisadores, de maneira automática e até ingênua, consideram que os mortos para as sociedades de caçadores e recoletores não possuíam tanta importância ou ainda que laços de ancestralidade não eram considerados e muitas vezes até reconhecidos por essas populações. No que diz respeito a essa pesquisa, continuamos a enfatizar que a diferença se encontra, como destacaram Meillassoux (1972) e Bradley (1998), na mudança do pensamento simbólico, marcando na cultura material suas crenças da morte visando maior durabilidade em locais fixos e visíveis na paisagem como já mencionado no capítulo 1.

Assim sendo, é a partir da introdução da agricultura que se tem ideia do que seria uma marcação física do pensamento simbólico das comunidades vivas na cultura material. A escolha deliberada de marcar (ou até semear) a terra com ossos dos mortos, criando um espaço sagrado ligado à memória, traz também consigo uma mudança da visão da morte e também do morto. O que estudiosos chamam de mortalidade pessoal – a ideia de que existe uma memória envolvendo a morte e uma ligação entre gerações – não existe em todas as sociedades e nem todas são capazes de criar enterramentos e verdadeiros memoriais a partir de ritos funerários. Estes só podem (até o momento) ser observados a partir da entrada da agricultura em cena, trazendo consigo noções ligadas à genealogia, territorialidade, identidade de grupo e “mundos sociais” ancestrais projetados fisicamente entre os vivos.

No Mesolítico, o morto e a morte são considerados por muitos estudiosos como verdadeiros “objetos de arte” (TARLOW, 2013) – ou seja, observa-se um impulso de estetizar a morte, demonstrando que o pensamento simbólico estava conectado a um senso profundo de crenças religiosas e rituais, marcando fisicamente a mortalidade, memória e identidade. O morto era pintado, modificado (ossos eram talhados), cuidadosamente escolhido, enterrado e posicionado. Essa ocorrência é observada por todo o Mesolítico, como, por exemplo, a utilização do uso simbólico do ocre como sangue (de cor avermelhada) e a escolha de cavernas para o enterramento com ornamentos em excesso.

Os estudos atuais seguem na linha de considerar que somente pessoas cuidadosamente selecionadas receberiam tratamento mortuário e entendem que os enterramentos estariam ligados à honra (importância social do indivíduo) ou ao medo (interdições rituais, sacrifícios). É possível observar um cuidado com a escolha de

posicionamentos e composições extremamente elaboradas (algumas sem causa aparente da morte) contendo inumações (em sua grande maioria), indicariam morte ritual (principalmente sacrifícios).

A presença não rara de aparatos mortuários (objetos como conchas, ossos de animais, instrumentos musicais e as estatuetas de vênus) vem demonstrar a dialética entre vida e morte, imortalidade e mortalidade, já presentes e marcados na cultura material e pela prática mortuária. Podemos considerar que o começo do pensamento simbólico demarcado na cultura material no Mesolítico culminou no Neolítico, quando atingiu larga escala (construção de monumentos funerários e formas de enterramento conspícuos), dando lugar a todo um aparato funerário construído, ligado não somente mais aos objetos e posicionamentos corporais, mas sim à monumentalidade e à paisagem.

No Mesolítico, assim como no Neolítico e ainda de maneira mais selecionada, é mais do que certo que nem todos os mortos de determinada comunidade eram enterrados ou recebiam tratamento funerário, sendo possível constatar que uma das práticas mais comuns era a inumação, seguida da cremação – havendo indícios de métodos menos formais de deposição na paisagem do que seria o “restante da população”.

2.1.3. O Neolítico: monumentos, morte e ritual

Quando falamos do Neolítico nas Ilhas Britânicas, a evidência de atividade mortuária é bem mais extensa do que as evidências ligadas a uma vida cotidiana de subsistência. Os mortos parecem bem mais visíveis do que os vivos (THOMAS, 1999:126) e os monumentos funerários normalmente são voltados para causar impacto na paisagem (THOMAS, 1999:126; BRADLEY, 1984b:16).

Os primeiros monumentos construídos durante a virada do Mesolítico para o Neolítico tinham como objetivo guardar os restos mortais de alguns indivíduos da comunidade que os construiu e datam do Neolítico Inicial (aproximadamente 4000 a.C.). São as chamadas tumbas de passagem (tumbas com câmaras em uma terminologia mais genérica) e os montículos longos, entendidos como coletivos. É possível observar que seus projetos sugerem a tentativa de criar marcos, lugares fixos na

paisagem para a deposição formal de restos mortais de indivíduos de alguma forma importantes para as populações que os construiu.

Apesar da maciça maioria dos pesquisadores interpretar a “grande” quantidade de vestígios humanos (ossos, fragmentos de ossos e cremações) existentes nesses monumentos como enterramentos comunais das comunidades Neolíticas da faixa da Europa Atlântica, nesta pesquisa o posicionamento diverge. Entende-se que mesmo com um número reduzido de pessoas existentes nas comunidades – para o caso da Irlanda, cerca de 100 a 200 pessoas (Cf. COONEY, 2000) – não eram todos que possuíam o privilégio/prestígio de serem enterrados nesses locais, devido ao dificultoso, trabalhoso e demorado processo desses rituais funerários.

Os formatos dos primeiros monumentos na faixa Atlântica, principalmente as tumbas com câmaras, indicam um acesso relativamente fácil e contínuo ao local de deposição dos restos mortais. Por isso, alguns autores (JONES, 2008 e CUMMINGS, 2008) sugerem que, por possuírem uma característica “aberta”, essas construções foram feitas para que o acesso a esses restos humanos ocorresse ao longo do tempo – como verdadeiras relíquias ancestrais, demonstrando e enfatizando, assim, a importância da ancestralidade para essas comunidades.

Assim, como existiam os montículos longos* no mesmo período em que as tumbas com câmaras, é possível observar que existiam duas formas de tratar os enterramentos e, conseqüentemente, os mortos (JONES, 2008). Na primeira, os restos mortais eram acessíveis, podendo até circular na comunidade e muitas vezes serem transformados. Este tipo de construção, carrega em si uma noção de fluidez temporal, de abertura e recriação contínua, na qual os mortos e ancestrais poderiam interceder e interagir mais diretamente na vida dos vivos.

Já na segunda, os mortos e ancestrais eram assentados em construções fechadas na paisagem, bloqueando qualquer tipo de acesso posterior. Estas construções carregam consigo a noção de um tempo pontual, no qual a preocupação do ritual estava em apresentar uma memória fixa do corpo, estático no tempo e espaço, visando se fixar na memória coletiva pelo posicionamento muitas vezes dramático do corpo assim como dos objetos ao seu redor.

O fato de se construírem monumentos para deposição de restos mortais e o indicativo de que os restos mortais seriam acessados ao longo do tempo – talvez até circulando entre os indivíduos da comunidade por determinado período de tempo – demonstra que, de maneira muito particular, porém extremamente enfática, os mortos continuavam a ter efeito e agência sobre os vivos.

Mesmo que tenham sido fisicamente removidos do domínio dos vivos, longe dos locais de assentamento e de espaços comunais do cotidiano, eles seguem influenciando determinadas ações e “ditando” certas formas de comportamento. Continuam acessíveis e presentes fisicamente durante rituais, na forma de restos mortais ou de objetos que os representassem. Os mortos podiam ser imbuídos de agência de inúmeras maneiras, mas a que mais nos interessa é aquela na qual davam forma ao mundo dos vivos, devido à sua influência contínua (JONES, 2008).

Os restos mortais e tudo que representava esses mortos e ancestrais (a construção do monumento, o próprio enterramento, os objetos pessoais do morto ou da família do morto como (armas – flechas e adagas, cerâmica, contas e ossos – inumados ou cremados) eram tratados como componentes ativos nos ritos mortuários que, por sua vez, funcionavam como forma de manutenção dos laços sociais entre os indivíduos que estavam vivos. Os primeiros monumentos eram abertos e, por isso, permitiam acesso

contínuo às relíquias ancestrais, que podiam circular por tempo considerável na comunidade dos vivos (JONES, 2008).

Os rituais eram processos que possuíam grande diversidade de práticas. Os ritos envolviam uma série de estágios nos quais decisões de locais e a escolha de procedimentos de enterramento eram seguidos. Vale observar que havia ainda a diferença entre os ritos ancestrais e o rito funerário: os primeiros estabeleciam a presença dos ancestrais nos rituais que concerniam aos vivos, daí seu local fixo na paisagem, seu tipo de arquitetura e a indicação de acesso contínuo às relíquias. Já os ritos funerários estavam mais focados no enterramento humano de fato: a inumação, que fixava o local e o momento no qual a morte era socialmente atingida por aquele indivíduo; e a cremação, na qual o lugar da transição não era necessariamente o mesmo onde ocorria o ritual final e o enterramento (JONES, 2008)¹⁸.

Seja qual fosse o rito utilizado ou a forma de escolhida para o tratamento do morto, a memória era mantida viva por meio de objetos e construções que lembravam e afirmavam os laços sociais, o poder do indivíduo morto e, principalmente, o engajamento coletivo. Era por meio deles que o morto estava presente de forma material no domínio cotidiano dos vivos.

As práticas mortuárias empregavam diferentes elementos em sequência, com o intuito de construir a relação entre os vivos e os mortos. Deve-se manter em mente que as práticas variavam localmente e regionalmente e, muitas vezes, coexistiam cronológica e espacialmente. Os recursos materiais, a arquitetura, o rito mortuário e os

¹⁸ É necessário reforçar que não existe comprovação material de tais rituais acima descritos, A. Jones se baseia em interpretações a partir dos achados, trabalhando com hipóteses e sugestões, não havendo, portanto, comprovações a partir da cultura material. Entretanto, compartilhamos da sua visão posto que é um dos poucos estudiosos pós-processuais que consegue entrelaçar os achados com explicações rituais plausíveis para a pré-história das Ilhas Britânicas sem simplesmente repetir o que vem sendo dito há gerações e baseando-se em estudos antropológicos.

objetos contidos nas tumbas e enterramentos enfatizavam diferentes aspectos do processo mortuário e cada comunidade possuía um modo de lidar e se relacionar com seus mortos.

2.2. As tumbas de passagem

As tumbas de passagem são montículos que contêm pedras (megálitos*, geralmente *kerbstones**) em sua construção e, por isso, estão contidas dentro de uma classificação mais genérica conhecida como tumbas megalíticas¹⁹. São tradicionalmente encontradas em toda costa Atlântica, Portugal, Espanha e França, subindo pela região de Wessex em direção ao Mar Irlandês e Norte da Escócia. Foram construídas por volta de 4000 a.C.

¹⁹ Fazem parte da classificação: *portal tombs*, *court tombs* e *wedge tombs* (ver TOWHIG, 2004).

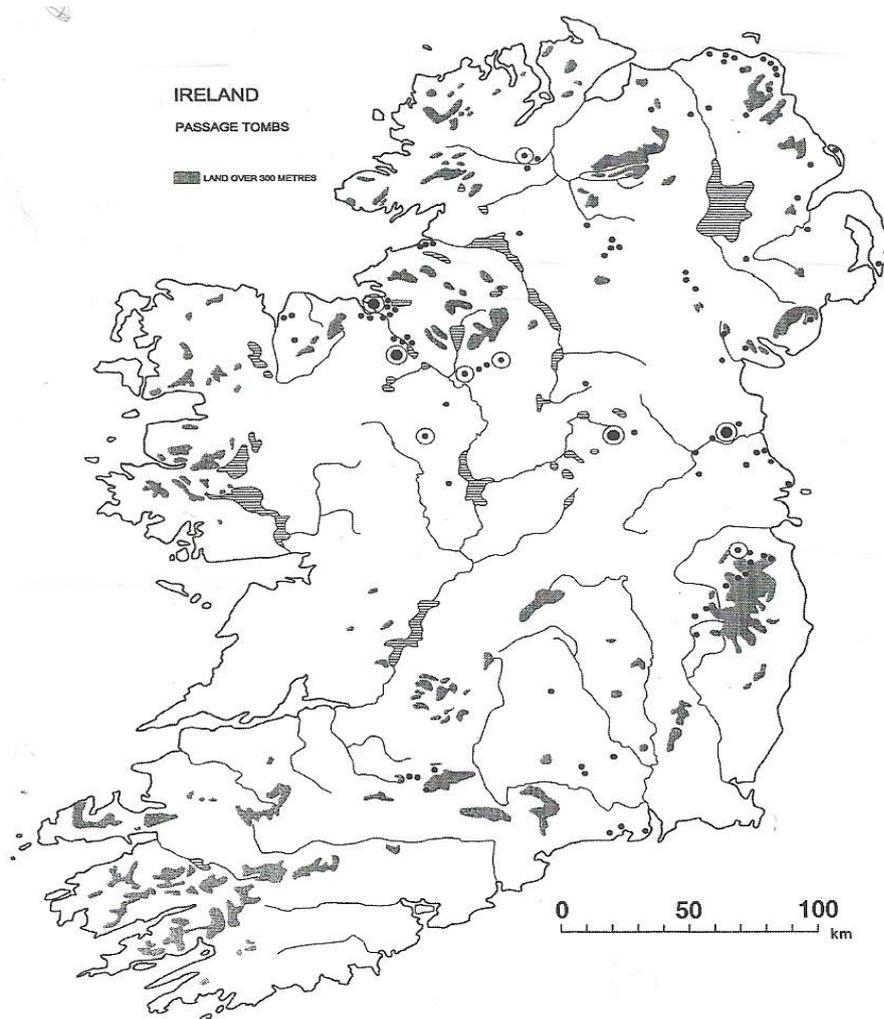


Figura 10: Mapa com a distribuição das tumbas de passagem na Irlanda (TOWHIG, 2004: 44).

As tumbas de passagem variam morfológicamente, mas, de forma genérica, consistem em passagens que levam do exterior para o interior do monumento, em direção a uma câmara mortuária. Possuem uma ou mais câmaras, também construídas em pedras, e o formato mais conhecido é o plano cruciforme. Seus tetos são construídos por lintéis, e as mais elaboradas possuem tetos com lintéis que vão afunilando até seu topo, conhecidos como *corbelled roofs*²⁰ (ver figura 11).

²⁰ São tetos construídos com lintéis de maneira intrincada, que tomam forma de cúpula ou abóbada, marcados por simbologias ligadas a ideias cosmológicas do céu (ver HENSEY, 2015).

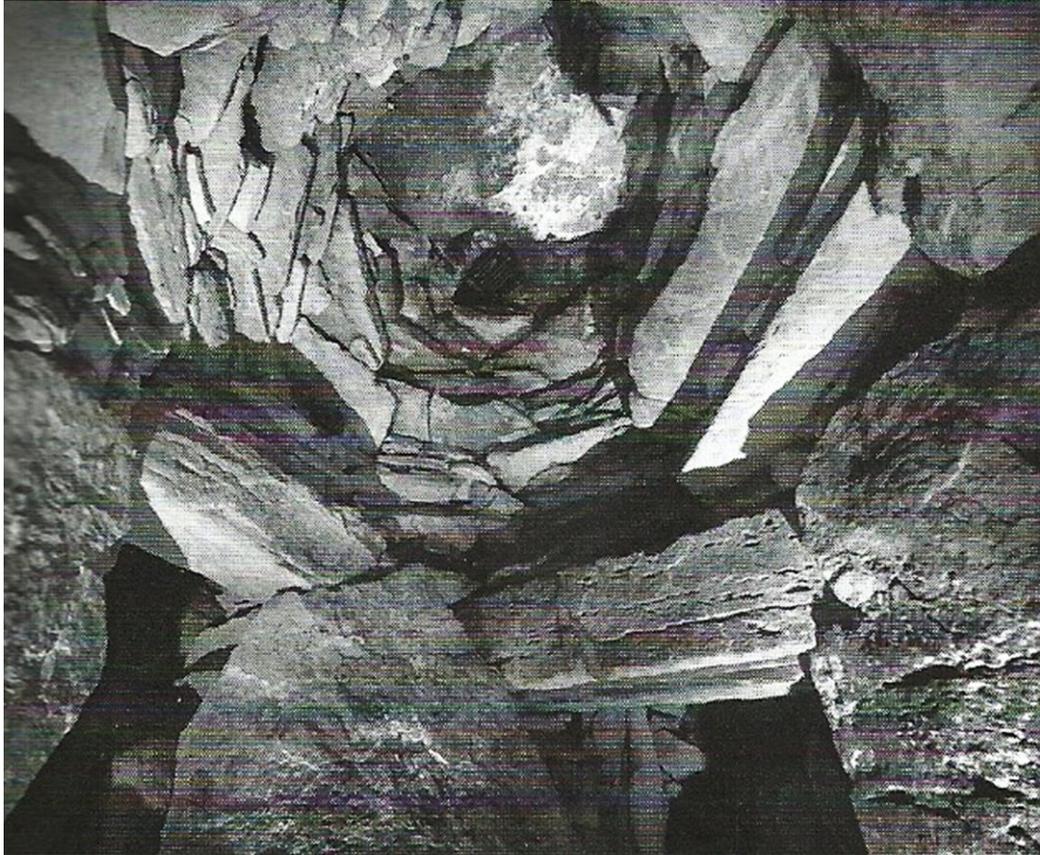


Figura 11: exemplo de teto abobadado, tumba T, Loughcrew (HENSEY, 2015:37)

Elas estão localizadas em locais com maior visibilidade e cuidadosamente posicionadas na paisagem em relação a traços geográficos (CUMMINGS, 2004). São normalmente encontradas em grupos, os quatro maiores sítios de tumbas de passagem irlandesas sendo: *Brú na Bóinne*, *Loughcrew*, *Carrowkeel* e *Carrowmore* (ver figura 12) e, no caso Irlandês, as mais antigas datam de aproximadamente 3800 a.C.

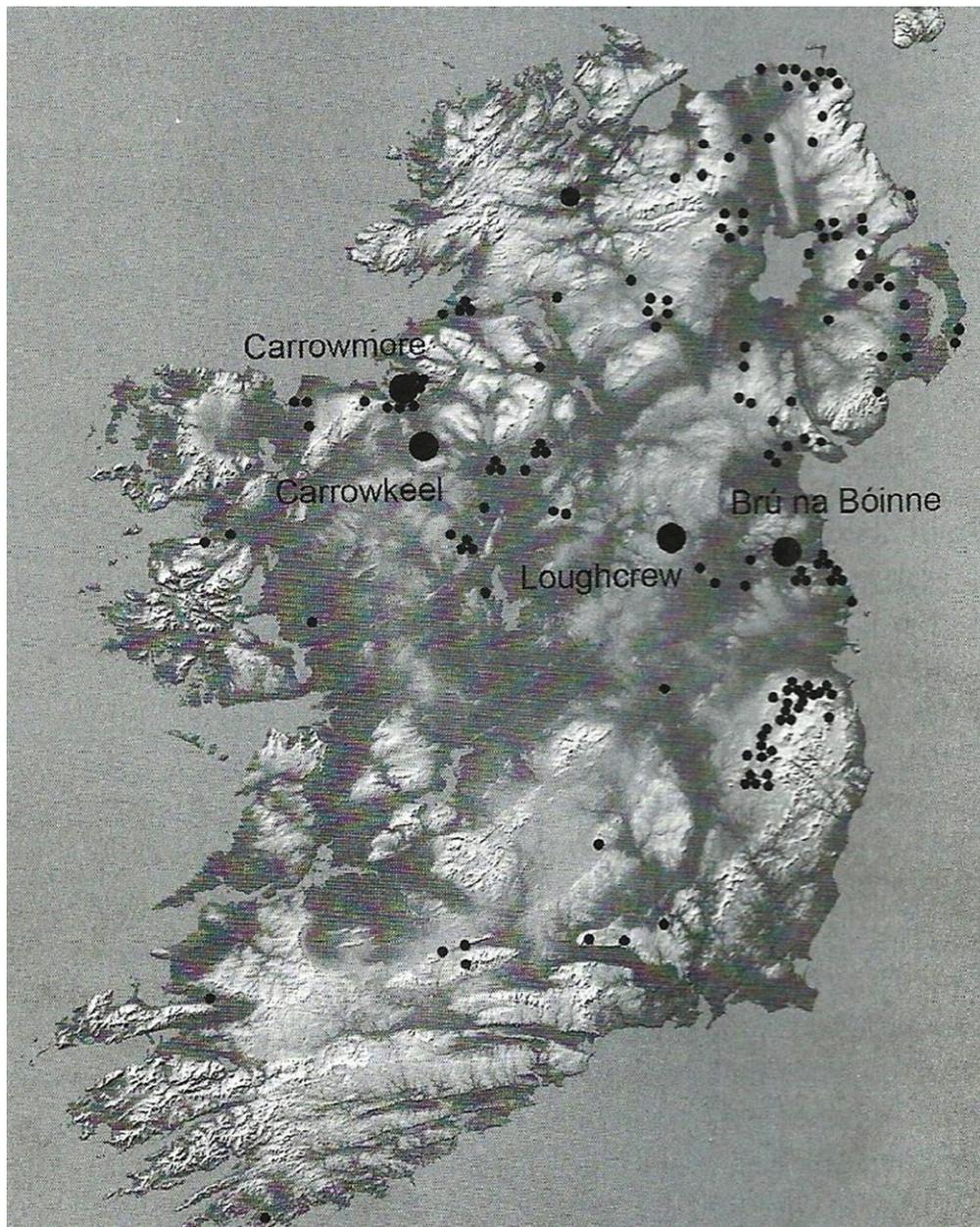


Figura 12: mapa esquemático dos principais sítios de túmulos de passagem
(HENSEY, 2015: 14)

Suas passagens funcionariam como o espaço liminar separando o domínio dos vivos e dos mortos, caracterizando uma estratégia diferente para enfatizar aspectos-chaves do processo funerário. Como acima mencionado, possuem característica “aberta” e há o entendimento de que haveria o acesso contínuo aos ossos e que esses poderiam ser retirados das túmulos e circulariam como relíquias (JONES, 2008).

Além da passagem, as tumbas possuem uma área, algo como um átrio com uma zona delimitada, em frente à câmara mortuária, onde poderiam acomodar um número limitado de pessoas, provavelmente uma diferenciação de status, no local que seria o “coração” de atividade ritual. Pode-se observar que houve um desejo de influenciar o movimento do corpo no espaço com o objetivo de enfatizar o “dentro” e o “fora” – movimento para um local privilegiado ou uma metáfora da “última viagem do falecido” (JONES, 2008).

2.2.1. Caracterização das tumbas de passagem

Como anteriormente mencionado, as tumbas de passagem são encontradas por toda a Europa e muitas encontradas no Continente são mais antigas do que as encontradas na Irlanda. Além disso, existe uma grande variação morfológica encontrada entre as tumbas de passagem por toda a Europa.

Para a presente análise será considerada somente a tipologia das tumbas irlandesas levantadas por Robert Hensey (2015). Ele acredita que existem diversos tipos de tumbas de passagem. Diferentemente da maioria dos pesquisadores, que entendem as diferenciações como processos evolutivos na variação das construções – geralmente observadas de leste, as mais complexas, para oeste, as menos complexas²¹ (ver mapa da figura 12), ele enxerga três diferentes tipologias com diferentes ênfases e características funcionando cronologicamente: o tipo 1 sendo as mais antigas e, por isso, as mais simples e voltadas para um ritual mais “intimista”, e o tipo 3, as mais recentes e mais complexas, voltadas para rituais públicos de grandes multidões²².

²¹ Seguindo a teoria que surgiu na década de 70 no contexto irlandês de que haveria ocorrido uma colonização Francesa a partir da Bretanha Francesa na qual os colonizadores chegam no leste irlandês por barcos até o Rio Boyne, região onde construíram as tumbas mais complexas e o desenvolvimento regional teria sido “copiado” para o oeste da Irlanda, onde as tumbas mais simples seriam as mais recentes.

²² Hensey baseou-se no modelo proposto por Lynch (1969, 1975 e 2000) e Sheridan (1986) de construção das tumbas de passagem na Irlanda, entendendo que ocorreu de oeste (as mais antigas e menores, nomeadas por ele como tipo 1) para leste (as mais recentes e maiores, nomeadas por ele como tipo 3).

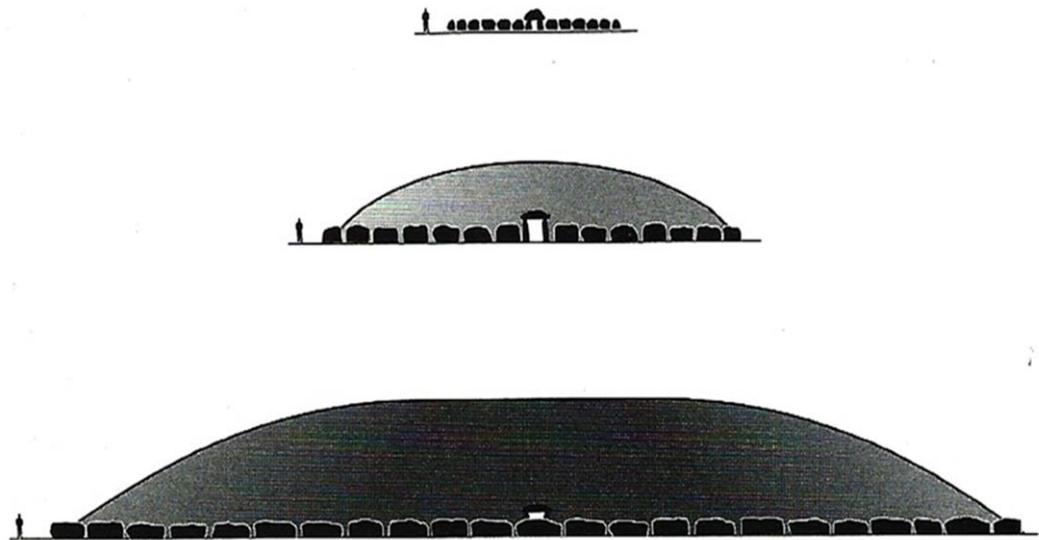
Para o autor, é possível observar o desenvolvimento arquitetônico ou estrutural das construções de maneira cronológica, observando os processos e desenvolvimentos num crescente de complexidade, detalhamento e continuidade dos acertos observados em construções anteriores (ver figura 13). As tumbas de passagem irlandesas, em sua opinião, devem ser consideradas e estudadas em grupo para que seja possível entender determinadas crenças e atividades religiosas do Neolítico, o que não é possível se analisarmos somente uma construção. Ele entende que Newgrange (que é o foco de sua pesquisa) funciona como o exemplo máximo (e talvez mais perfeito) dos conhecimentos adquiridos e colocados em prática dentre os quatro maiores complexos de tumbas de passagem²³ que, juntos, possuem mais da metade das tumbas de passagem irlandesas.

É no vale do Boyne que se tem a ápice da demarcação (principalmente observada em Newgrange, entendido como um produto de experiência acumulada a partir da construção de muitos monumentos similares dentro de determinado período de tempo) de realizações físicas surpreendentes focadas em um interesse em construir mundos interiores, o “outro mundo” – o mundo dos mortos e ancestrais – que pode ser incorporado e acessado por meio das passagens das tumbas: motivação principal de suas construções desde o seu início (HENESEY, 2015: 2).

Evidências recentes de datação das tumbas mais antigas conhecidas em Carrowmore (oeste da Irlanda, ver figura 12) mostram que muitas tumbas de passagem estavam em uso entre 100 e 500 anos antes de Newgrange ser construído, aproximadamente entre 4100 a.C. a 3750 a.C. Essas tumbas mais antigas, consideradas como “ancestrais” de Newgrange e nomeadas como tipo 1, tinham escala limitada, com câmaras que possuíam somente seis pedras (nenhuma delas contendo “arte”

²³ São eles: Carrowmore, Carrowkeel, Brú na Bóinne e Loughcrew.

megalítica²⁴) cobertas com um enorme seixo (ou pedra arredondada), sem evidência de orientação astronômica e nas quais evidências sugerem que foram construídas para servirem como locais de deposição de ossos humanos mais do que para rituais internos, pois desencorajavam a entrada (por serem locais extremamente baixos e estreitos) e não possuíam muito espaço internamente (ver figura 14). Sua localização costeira provavelmente traz à tona lugares míticos para além do oceano de onde os ancestrais vieram ou para onde foram – um domínio ou uma terra dos mortos observada além do horizonte (HENSEY, 2015:3).



Schematic illustration of three types of passage tomb (to scale).

Figura 13: Ilustração esquemática dos três tipos de tumbas de passagem (em escala) (ROBERT, 2015: i).

²⁴ Para a presente pesquisa, não será considerada como um estilo artístico, e sim como decoração presente nas tumbas de passagem.



Figura 14: Carrowmore 3 (HENSEY, 2015: 20).

Hensey (2015: 30-35) define como tipo 2 as tumbas de passagem que foram construídas aproximadamente entre 3600 a 3100 a.C. Como característica mais marcante e que as distingue do tipo 1, temos que são monumentos maiores que possuem câmaras maiores e mais complexas além de passagens mais longas, o que por si só aponta a criação de espaços onde potencialmente ocorreriam rituais internos. Em alguns sítios já foram observadas orientações solares (Carrowkeel B e Loughcrew L, por exemplo). As plantas das construções se mostram mais complexas, possuindo diversas câmaras internas com formatos e acessos diferenciados, sendo o mais comum o formato cruciforme com 3 câmaras voltadas para o lado direito.

As tumbas de passagem tipo 2 possuem tetos em formas de abóbadas (arredondados) formando verdadeiras coberturas de pedras²⁵ com diâmetro externo variando entre 15 e 40 metros. Por serem maiores e mais complexas (necessitando, assim, de mais materiais) é possível que árvores tenham sido derrubadas, animais

²⁵ Cairn

utilizados para transporte de materiais, que houvesse uma maior mobilização de mão de obra utilizada, assim como também tenha exigido maior nível de especialização dos construtores e mais tempo consumido na produção desses monumentos.

Uma característica crucial no tipo 2 de tumbas de passagem irlandesas é que as construções permitiam o acesso de um pequeno grupo de pessoas nas suas câmaras em seu interior, e o acesso pela passagem dava uma experiência como se fosse um túnel (ênfatizando movimentos e sensações individuais pela incorporação). A presença de “arte” megalítica juntamente com o espaço interno maior são indícios de que poderiam ocorrer rituais na parte interna do monumento (diferentemente do tipo 1 de tumbas de passagem).

Os complexos de Carrowkeel, Loughcrew e o vale do Boyne possuem tumbas do tipo 2. Como é possível observar em todos os três sítios citados, as tumbas (ou os complexos de tumbas) são encontrados isolados da paisagem (geograficamente isoladas em áreas mais altas, como em montes ou vales e separadas por rios – como é o caso de *Brú na Bóinne*) que criam uma sensação de ilha, ficando, desta forma, isolados das atividades diárias das comunidades (é consenso entre os estudiosos que poderia ocorrer até proibição ritual desse espaço entendido como o domínio dos mortos e ancestrais).

São características marcantes nas tumbas de tipo 2 que foram aperfeiçoadas e reutilizadas nas tumbas de tipo 3, portanto, experiências sensoriais e simbólicas, como por exemplo, o uso de materiais coloridos ou que se destacam de acordo com a iluminação solar (como o quartzo na entrada de Newgrange e pedras coloridas encontradas nas tumbas em Knowth) e o trabalho com a construção em pedra de câmaras e passagens ênfatizando experiências individuais como a incorporação ligadas ao posicionamento corporal e à questões acústicas (sons que eram reverberados pelas paredes das câmaras); a orientação solar e a “arte” megalítica.

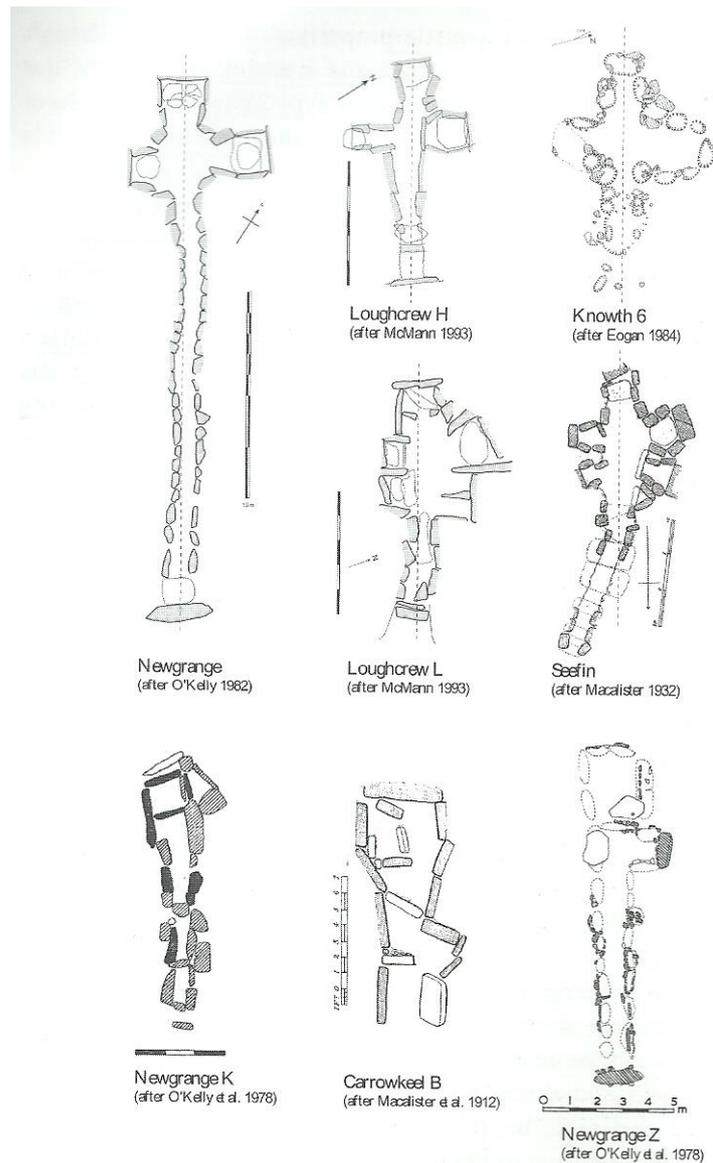


Figura 15: Tumbas de passagem tipo 2 (HENSEY, 2015: 42).

As tumbas de passagem definidas como tipo 3 (Newgrange, Knowth e Dowth) são consideradas por Hensey (2015: 95-111) como versões mais aperfeiçoadas dos tipos 1 e 2. Ele entende que há um movimento religioso que vai crescendo desde o começo do Neolítico e que tem seu ápice no Neolítico Final, quando começa a tomar um lugar central nas comunidades.

As estruturas enormes construídas com extremo detalhamento e complexidade sugerem que o foco dos rituais foi completamente modificado, voltando-se para um

grande público que observaria (e, talvez, participaria) na área externa das tumbas. Celebrações ligadas ao retorno do sol no solstício de inverno (observadas em Newgrange) podem ter se espelhado na desova do salmão o Rio Boyne (ver HENSEY, 2015) e outros indicadores de revitalização do mundo. Para o autor, nesse período, a necessidade de construir grandes monumentos para venerar os ancestrais e a habilidade de líderes espirituais e políticos de negociar com poderes de outro mundo podem ter se tornado cruciais.

Essa “religião dos monumentos” (HENSEY, 2015:4) focada no outro mundo, se tornou central nas comunidades do Vale do Boyne. Praticamente todos os esforços da sociedade se voltaram para a construção (melhoria ou sofisticação) dos grandes monumentos: procurar e transportar os materiais, entalhar as pedras, construir e participar dos cerimoniais e rituais, demonstrando que haveria um consumo enorme do tempo cotidiano da comunidade do Boyne voltado para as tumbas.

Os itens que caracterizam a mudança de foco ritual em tumbas do tipo 1 (mais íntimo, menor e externo ao pequeno monumento) para o ritual ligado às tumbas de tipo 3 (voltados para um consumo público) são: a decoração megalítica maior e mais visível à distância introduzida na parte externa das tumbas de passagem, uma aparente conexão com a água e intensão maior de isolamento geográfico (impressão de verdadeiras ilhas rituais), plataformas introduzidas na parte externa das tumbas, presença de um equipamento ritual exótico e elaborado (como as famosas bases de pedra²⁶ encontradas em Newgrange e Knowth feitas em granito e que serviriam para apoiar esferas feitas de pedra ou cerâmica cozida), além da presença de itens de consumo de luxo encontrados em associação com restos mortais cremados como pingentes de pérola, broches de ossos ou galhadas, esferas feitas de pedra ou cerâmica cozida (ver figura 16) e itens feitos em

²⁶ *Stone basin*

pedras de quartzo ou pedras minerais esverdeadas compostas de silicato de magnésio e raríssimas na Irlanda encontradas em Newgrange.

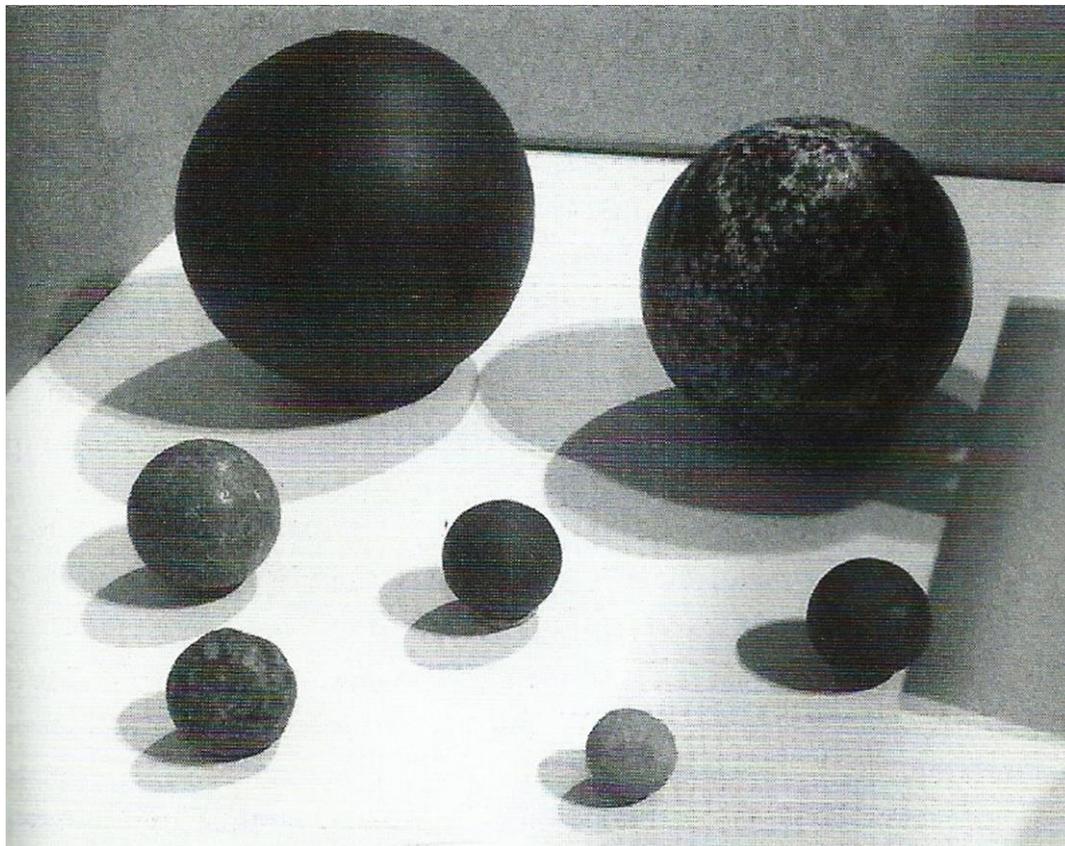


Figura 16: esferas de pedra encontradas em Loughcrew (HENSEY, 2015: 101)



Figura 17: Bases de pedra (stone basin) localizada na parte leste da câmara de Newgrange. Detalhe para os espaços circulares nos quais as esferas rituais seriam colocadas (foto acervo pessoal, maio de 2015).

O alinhamento solar também é mais enfatizado e voltado para um espetáculo público (como é o caso do rooftopbox em Newgrange). Marcações e construções (em pedra ou madeira) lineares indicando caminhos processionais levando à entrada dos monumentos enfatizam o foco em grandes aglomerações de pessoas, representando o aperfeiçoamento e mudanças ocorridos nas tumbas de passagem que datam entre 3200 e 3000 a.C. (como é o caso de Newgrange, Knowth e Dowth).

2.2.2. Experiência e percepção: os sentidos e a corporalidade

Monumentos e, principalmente, as tumbas de passagem têm sido cada vez mais analisadas por meio de estudos cognitivos e sensoriais, no que diz respeito a alinhamentos e posicionamentos, escolha de materiais e principalmente em relação à “arte” megalítica. Guillaume Robin (2010:414) propõe que a morfologia e o tipo de escolhas feitas na construção de tumbas de passagem demonstram que existiria um modelo guiado de construção, decoração e uso dos monumentos, representando uma topografia do que seriam as crenças durante o Neolítico.

Testes acústicos mostram o importante papel do som e da reverberação que ocorria nesses locais, onde a fonte é incerta, o barulho parece estar dentro da cabeça de quem o ouve e, quanto mais longe da fonte do som, mais perto parece que se está dele – efeito que podia ser atribuído à presença dos mortos²⁷.

Existem ainda os efeitos (colaterais) prováveis dessa experiência sensorial como: náuseas, dor de cabeça e alteração do estado de consciência (esta última, entendida como parte principal da experiência ritual dentro desses monumentos). Deste modo, tanto a paisagem quanto os monumentos que a compõem podem ser considerados lugares liminares, locais de jornada entre mundos criados para enfatizar experiências extraordinárias como acústica, alinhamentos, textura (utilização de pedras com texturas e cores diferenciadas) e a “arte” megalítica, criando uma atmosfera surreal dentro deles (CUMMINGS, 2003).

O que se considera “arte” megalítica, na verdade, são desenhos e decorações entalhados nos megálitos que compõe as tumbas de passagem. São características

²⁷ Assim como Hensey (2015: 55), entendo que muito mais do que um local para se depositar ossos pelos especialistas rituais de determinada sociedade, as tumbas de passagem seriam utilizadas não somente para rituais deste tipo, mas também, em algumas tumbas de passagem – principalmente nas de tipo 2 e 3 – algumas pessoas provavelmente passariam períodos prolongados dentro dos monumentos e que esse distanciamento do mundo dos vivos estaria ligado a algum tipo ritual ligado ao mundo dos mortos e poderes naturais ligados aos ciclos solares, por exemplo.

tradicionalmente encontradas nos monumentos da Europa Atlântica. Possuem padrões geométricos e curvilíneos (círculos, espirais, zigue-zagues e triângulos) e foram provavelmente produzidos por martelos que possuíam pedaços de pedras resistentes (como o quartzo) apontados (ver figura 18).

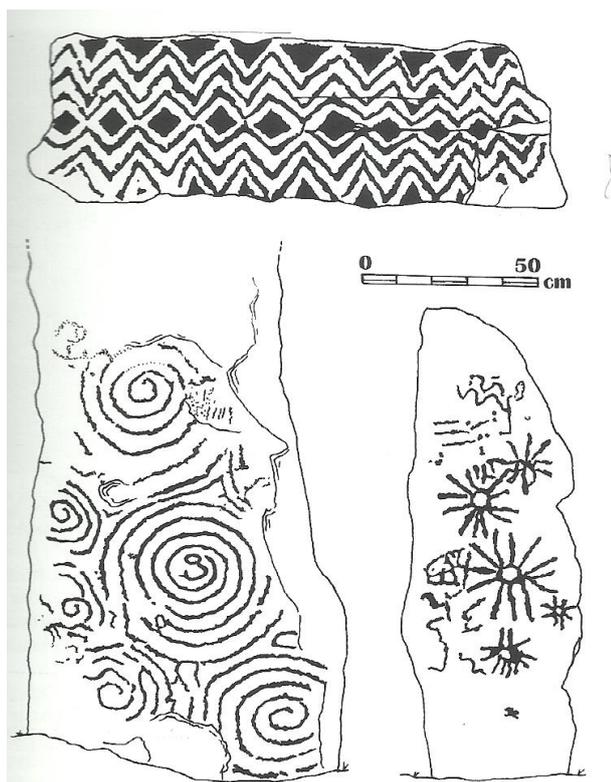


Figura 18: Pedras decoradas de tumbas de passagem no condado de Meath, na Irlanda: acima, Fourknocks; abaixo à esquerda, King's Mountain; abaixo à direita, Loughcrew tumba I (Twohig 2004:43).

Essa decoração presente nos monumentos é muito similar àquela produzida em estados de alteração de consciência, com padrões retilíneos e geométricos, o que leva muitos estudiosos a considerarem que poderiam ter sido produzidas por pessoas usando substâncias alucinógenas (principalmente fungo encontrado em sementes de grama e cereais) e/ou induzidas pelo agitar da luz forte (solar – o fogo não serve), estados de estresse e de privação total ou saturação dos sentidos (estresse e alucinação causados

pelo isolamento total e por meio da dança à exaustão e de música alta e sons repetidos), além de patologias como a indução de cefaleia (DRONFIELD, 1995).

No caso das três tumbas principais de *Brú na Bóinne*, que serão analisadas em detalhe nos capítulos 3 e 4, em um estudo comparando os efeitos da arte a partir de substâncias e patologias em análise clínica com às das artes produzidas nas tumbas de passagem, J. Dronfield (1995) chegou à conclusão que no caso de Newgrange e Knowth é possível observar a presença dos três indutores principais que se sobrepõem: o agitar da luz, fungo alucinógeno e síndromes de enxaqueca. Para Dowth, o estudo não pôde ser mais detalhado devido ao fato de não ter sido completamente escavado, mas há indícios prováveis de indução por enxaqueca e possivelmente influências do agitar da luz ou a privação total da mesma. O autor não descarta que é muito provável a concomitância e sobreposição de outros métodos e fatores já mencionados anteriormente.

As partes interiores do monumento (cada vez maiores nos tipos 2 e 3), normalmente sugerem, como acima exposto, fatores sensoriais e fenomenológicos – possibilitando um maior número de pessoas dentro das câmaras e provavelmente por maior período de tempo. Longe da luz do dia, na escuridão, sabe-se que a memória é encorajada e o corte do contato com o mundo exterior por períodos prolongados possibilita a criação de novos tipos de experiências sensoriais e criação de memórias (HENSEY, 2015: 58).

A ausência de luz fazia com que o fogo provavelmente fosse utilizado e a fumaça e o calor trariam o cheiro dos mortos e da morte. Assim, entrar nesses locais seria uma experiência sensorial, emotiva e distinta, como entrar em outro mundo: o mundo dos mortos.

O monumento, assim como a paisagem estruturada por meio deles, poderia influenciar a maneira como as pessoas se moviam e lidavam com seus corpos, estabelecendo condições para interpretar seus arredores (THOMAS, 1999): os sentidos e a corporalidade considerados tanto dentro como fora dos monumentos. Assim sendo, tanto a paisagem quanto os monumentos que a compõe podem ser considerados lugares liminares, locais de jornada entre mundos criados para enfatizar experiências extraordinárias como acústica, alinhamentos, textura (utilização de pedras com texturas e cores diferenciadas) e a “arte” megalítica criando uma atmosfera praticamente surreal dentro deles (CUMMINGS, 2003).

Trabalhando neste sentido, estudos sobre o sensorial e a corporalidade, assim como definição e análise de conceitos como experiência, percepção e cognição se fazem necessários. Para Merleau-Ponty (2011), a corporeidade observa a percepção (do sujeito com o objeto) em relação ao mundo, sendo a consciência uma projeção do corpo nesse mundo. Seu conceito denominado como pré-objetivo, compreende que a percepção começa no corpo e termina nos objetos. Funciona, deste modo, como um processo humano em aberto, no qual o indivíduo assume e habita um mundo cultural onde sua existência transcende, mas permanece enraizada nas situações de fato. Como já mencionado acima, a percepção tem a ver com a intencionalidade do indivíduo e com uma noção próxima ao “pré-cultural” que diverge do conceito de *habitus* de Bourdieu.

Partindo dessa premissa, é possível chegar à conclusão de que não existe uma percepção humana generalizada. As esferas sociais e culturais dão interpretações e significações, construindo assim uma percepção baseada na vivência. Desta forma, entende-se que não é possível pressupor que os indivíduos percebam e experimentem da mesma maneira (MERLEAU-PONTY, 2011). Existem, assim, diferentes manifestações,

reações e apreensões da corporalidade que variam de acordo com o contexto social, histórico e cultural. O estar no mundo (TILLEY, 2006), varia de acordo com o contexto no qual o indivíduo se insere.

A consequência direta do estar no espaço (CITRO, 2010) e experimentar uma paisagem é o indivíduo conseguir aprender e engajar-se, intelectualmente, sensorialmente e corporalmente, com os ensinamentos contidos nas construções. Em relação à experiência, entretanto, para os estudos em pré-história europeia, considera-se necessário estar inserido no contexto simbólico (e histórico) das construções, dos monumentos, da paisagem, trazendo de imediato a noção de vivência e pertencimento.

Desta maneira, o movimento inter-relacional homem-estrutura-paisagem varia de acordo com o contexto e com os indivíduos envolvidos. Como consequência, entende-se que a paisagem experimentada por um indivíduo na pré-história não pode ser resgatada²⁸ pelos pesquisadores. É essencial levar em consideração que o pesquisador está inserido em um contexto histórico completamente diferente, sua cultura é outra, assim como toda a bagagem e vivência do pesquisador não é a mesma que a de um indivíduo na pré-história. Os pesquisadores podem sim fazer exercícios de reconstrução²⁹ para investigá-lo ou melhor compreendê-lo, mas há sempre o limite de percepção cultural que não podemos ultrapassar.

Assim, dois conceitos cruciais para a utilização dos métodos são: a percepção - consciência da paisagem que inclui observações e possibilidade de engajamento, trazendo consigo sentimentos de pertencimento e a cognição - conhecimentos físicos, metafísicos e culturais da paisagem que influenciam a percepção da paisagem. Ao

²⁸ Nesta pesquisa a reconstrução é possível se entendida como uma hipótese, um teste.

²⁹ Para a presente pesquisa entende-se que a tentativa de reconstrução do passado funciona como forma de modelização e representação do mesmo.

pesquisador, portanto, resta o papel de tentar “juntar as peças” de um quebra-cabeças, utilizando as ferramentas e métodos disponíveis para buscar possibilidades de respostas a partir das percepções que a paisagem que restou à sua frente permitem inferir. São criadas, assim, projeções de uma realidade, uma simulação.

Deste modo, a presente pesquisa vai de encontro à proposta de análise fenomenológica da paisagem proposta por C. Tilley (2006), que ele entende que o pesquisador/ o arqueólogo percebe e experimenta a paisagem da mesma maneira que o homem pré-histórico, ignorando não somente as mudanças físicas e biológicas do homo sapiens-sapiens, mas também as alterações que a paisagem e o paleoambiente sofreram ao longo de milênios. Tendo em vista a radicalização de seu posicionamento teórico e devido ao fato de ser um dos poucos na área a trabalhar com aspectos fenomenológicos na paisagem, para muitos pesquisadores, a fenomenologia da paisagem virou um tema a ser evitado devido à pouca credibilidade criada por teóricos como Tilley.

Ao se tratar de questões teóricas que envolvem a ritualização da paisagem e a monumentalização, muito foi discutido sobre agência e engajamento. Esses dois conceitos, uma vez analisados à luz da fenomenologia (do corpo e da paisagem) fazem parte da área de estudos conhecida como Arqueologia Sensorial. Um dos conceitos basais trabalhados nesse novo ramo de estudos arqueológicos (derivada dos estudos de arqueologia cognitiva) é o da incorporação, pois ele pode ser considerado o cerne para a compreensão do engajamento e da agência para os estudos de pré-história.

Em termos puramente arqueológicos, a incorporação é definida como uma tradição filosófica que enfatiza o engajamento corporal e a experiência como meios de acessar e interpretar paisagens do passado (MILLICAN, 2012). É uma perspectiva humanista que visa alargar a interpretação para incluir todas as dimensões da existência

social e da experiência, alcançando a compreensão da maneira na qual a experiência é desenvolvida por meio dos sentidos do corpo e da cognição de si em termos intelectual, físico, estético e afetivo (DARVILL, 2003). Em resumo, incorporação é o engajamento com os monumentos e a paisagem, uma criação simbólica por meio de uma experimentação *in situ* trazendo à tona a percepção e a afetividade do indivíduo engajado em determinada ação.

Uma outra perspectiva é a de Warnier (1999). Para ele, a incorporação, basicamente, se resume a fazer corpo com os objetos. Nesse sentido, a agência é a síntese da fusão corpo e objeto, trazendo consigo uma noção de prótese, onde há somente um ator. Agência do objeto se dá por meio da significação e os significados só se dão por meio da incorporação. Para ele, existe, portanto, uma dinâmica que é incorporada de tal modo que não se reflete mais, sendo o homem que a domina e coordena como uma espécie de síntese corporal, um automatismo.

Assim, existe uma dinâmica corporal, com práticas que colocam em jogo um aprendizado de técnicas corporais e de objetos que venham a se inscrever na síntese corporal. Adaptando para o caso da pré-história, uma síntese corporal consequente da construção de uma paisagem sensorial que “guia” visualmente, sensorialmente e cineticamente, criando um sistema corpo-monumento-ritual e corpo-paisagem-ritual (Cf. WARNIER, 1999:11) nos quais o protagonismo está no conjunto. A internalização dessa dinâmica, se dá por meio de todos os pontos de contato e de percepção entre objeto e sujeito: dedos, mãos, pés, visão, percepções neuromusculares, olfato, audição.

A incorporação, neste caso, ocorre por meio da memorização de condutas motoras memorizadas pelo corpo: são gestos, ou séries de gestos que, por causa da repetição (como ocorre com o ritual) podem ser realizados sem esforço ou atenção

particular – a mente se “desliga” das ações corporais. O corpo, então, possui uma agência *per se*. Desta forma, o esquema corporal no estudo da paisagem e monumentalização da pré-história entende que o indivíduo engajava-se fazendo “corpo” com o objeto (no caso com o monumento e com a paisagem que o cercava). É necessário salientar que a influência da incorporação é cultural e religiosa por meio de práticas culturais, discursivas e simbólicas e está longe de ser puramente subjetiva (WARNIER, 1999).

Considerando a análise acima, os monumentos e a paisagem possuem uma voz, um discurso. E apesar de não serem mais utilizados da mesma maneira, foram mantidos determinados conhecimentos discursivos ligados ao engajamento do corpo e à ação para a criação e manutenção da memória. Deste modo, o corpo é objeto de aprendizagem, é por onde passam os ensinamentos perpetuando essa memória.

Vale salientar que, assim como expõe Warnier (1999), não é possível falar da incorporação dos objetos (de maneira literal, como uma prótese) pois eles permanecem exteriores aos sujeitos. Assim, a cultura material é transportada para além do corpo e da matéria, é transportada pelo signo, pelo discurso, pelo conhecimento e pelas representações na materialidade dos objetos que nos envolvem.

A identidade simbólica é uma criação baseada a partir da construção simbólica na paisagem e nos monumentos, ocorrendo por meio da agência e da incorporação. Neste caso, é possível pensar a agência a partir da interação do indivíduo engajado com determinados objetos (LATOUR, 2012). Para o estudo de caso, é possível pensar, por exemplo, a pedra como um objeto e a construção de pedra (o monumento), uma vez que os monumentos construídos em pedra possuem uma agência particular na pré-história Atlântica.

Eles estão intimamente relacionados com a representação da comunidade ancestral e a escolha dos materiais reflete um único propósito: durar. Além da necessidade de criar e manter a memória, o que fica implícito na construção de qualquer monumento, o simbolismo da pedra está na sua durabilidade, buscando sua existência na longa duração. Desta forma, se torna possível compreender as escolhas simbólicas das ações humanas (a agência) ao selecionar lugares, direcionamentos/alinhamentos e materiais.

Não é considerar que os objetos, que os materiais e monumentos como um todo possuíssem uma agência própria, mas é considerar que eles mediavam e intervinham diretamente nas ações humanas, como partícipes: sem eles não seria possível completar uma ação (LATOUR, 2012). A seleção do material é importante devido as suas propriedades físicas (sensoriais como tato, visão, olfato e audição e cinéticas), metafísicas, emocionais e impressões rituais, que criam marcas simbólicas na cultura material tornando possível para o estudioso perceber, em parte, o resquício material.

Neste caso, é possível, buscar a durabilidade das interações uma vez que a materialidade é moldada com a performance (LATOUR, 2012) e a partir da cultura material é possível inferir impressões deixadas (as próprias construções, marcas e direcionamentos) no registro material. Deste modo, interpretar artefatos, monumentos e paisagens pré-históricas depende largamente da incorporação além de conhecimento prévio de contextos histórico, cultural e paleoambiental. O conteúdo, quando não percebido no mundo, não transmite significado algum. A percepção é essencial nesses casos e a tecnologia utilizada para a compreensão desses fatores muitas vezes traz consigo uma dissonância.

2.3. O complexo de tumbas de passagem de *Brú na Bóinne*

O complexo de *Brú na Bóinne* (ou Vale do Boyne) é atualmente classificado como patrimônio cultural da UNESCO e possui a maior concentração de arte pré-histórica megalítica da Europa. Está localizado na margem Norte do Rio Boyne, onde o rio faz um “U” no condado de Meath, Leinster, costa leste da Irlanda. Seu reconhecimento como patrimônio cultural, se deu por possuir mais de 40 tumbas de passagem além de mais de 90 monumentos catalogados. Ele possui uma área total de 2500 hectares.

A delimitação para a criação do sítio da UNESCO foi baseada na visibilidade direcionada para a área central, que possui 780 hectares e é composta pela curva norte do Rio Boyne e três focos distintos, cada um funcionando como uma miniatura da paisagem ritual (compostos de assentamento e monumentos satélites) em torno das mais importantes tumbas de passagem conhecidas: Knowth, Newgrange e Dowth.

É possível observar ocupações esparsas na região desde o Mesolítico, porém, sua formação como é conhecida hoje, se deu a partir dos primeiros assentamentos nas áreas que se encontram próximas aos monumentos no Neolítico Inicial, em aproximadamente 3700 a.C. A ocupação do sítio, com a construção contínua de monumentos e observação de atividade se deu até a Idade do Bronze Inicial, em 1500 a.C. (Cf. COONEY, 2000). Após esse período entende-se que o complexo caiu em desuso, após, aproximadamente 800 anos de atividade de construção megalítica – sendo o período de 3200 até 2900 a.C. o de maior atividade (HENSEY, 2015). Foi utilizado ritualmente, entretanto, até o período romano.

O complexo de *Brú na Bóinne*, como já mencionado acima, possui um formato de ilha em terra firme por ser circundado por rios, sendo o principal e mais próximo, o

rio Boyne, onde ele faz a famosa curva norte (ver figura 19). Isso fez com que ele possuísse um isolamento relativo no que diz respeito à comunidade e suas atividades cotidianas, principalmente em tempos pré-históricos. Por se encontrar em terreno relativamente baixo, apenas 60 m acima do nível do mar no seu ponto mais alto, considera-se que seu isolamento fosse certamente mais simbólico (ligado a questões de crenças e rituais – fazendo parte de um outro domínio) do que de fato físico (ver figura 20).

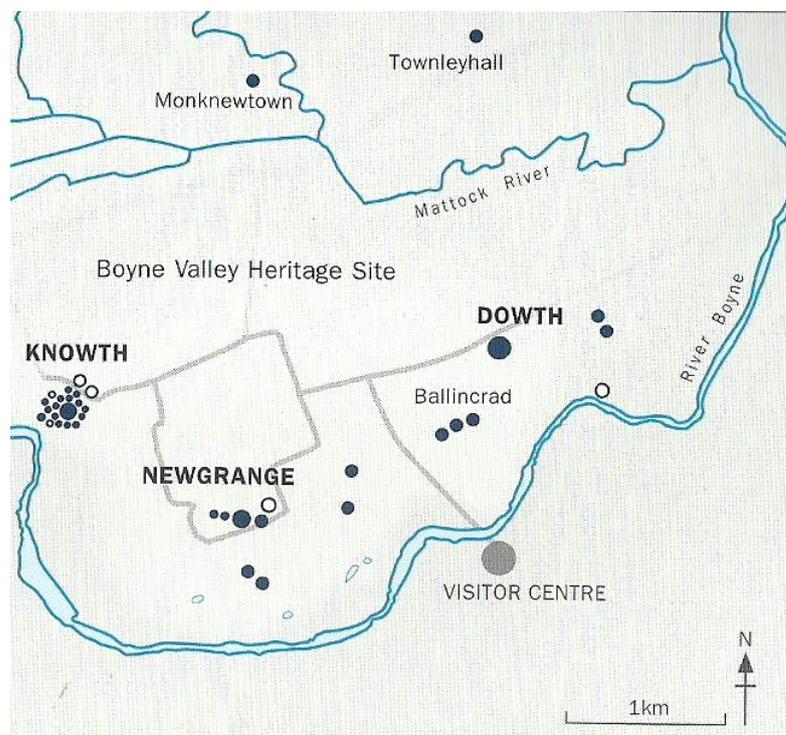


Figura 19: Detalhe da composição do sítio com a demarcação das tumbas sendo circundado (ilhado) pelos rios Mattock e Boyne (EOGAN, 2010: 5).

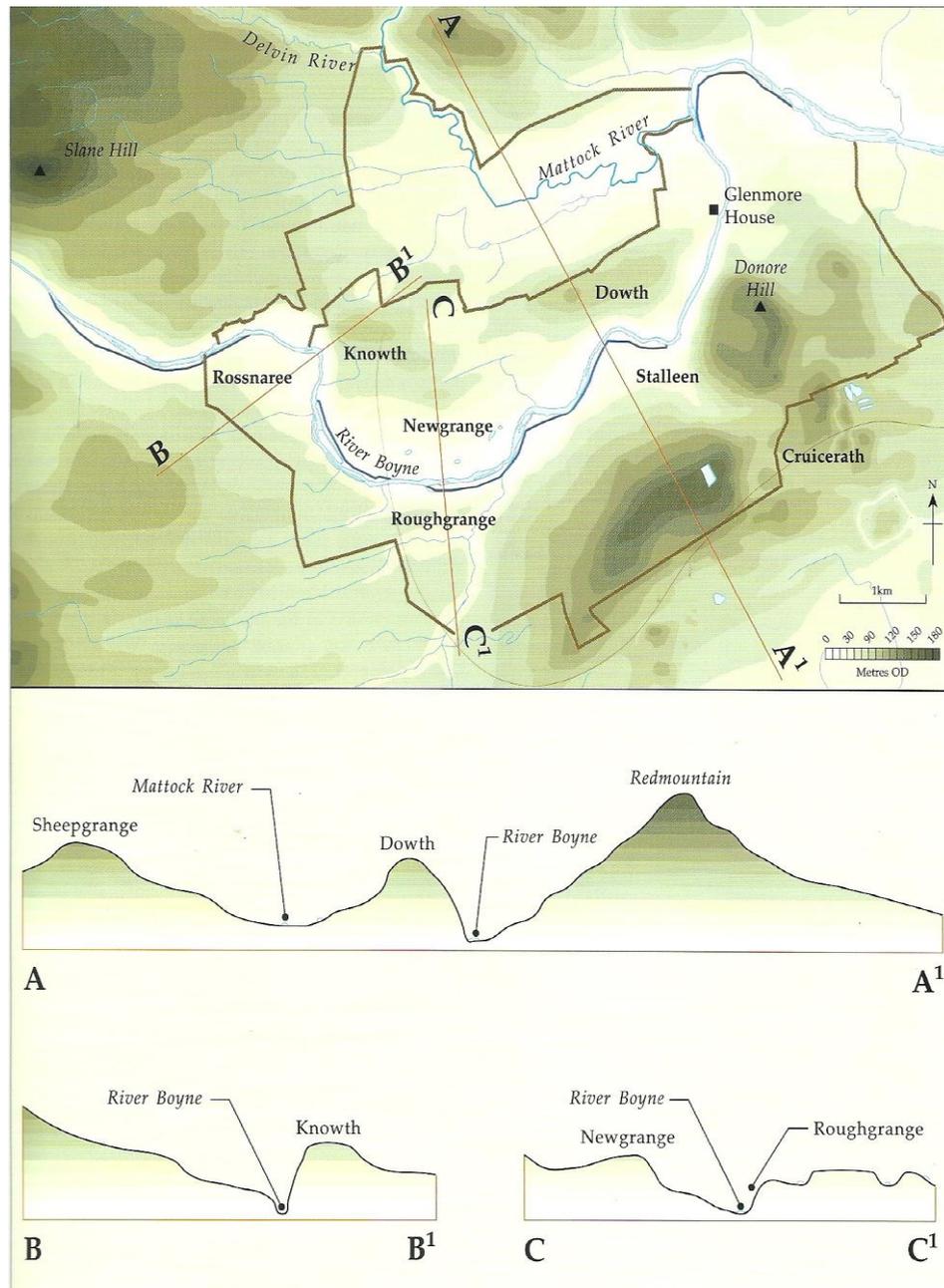


Figura 20: Topografia e elevações no vale do Boyne (STOUT, 2002: 10).

Essa composição da paisagem, a “curva do Boyne” como é chamada, foi formada em algum momento da Idade do Gelo, quando o rio Boyne foi bloqueado por um pedaço de rocha de xisto Carbonífera, pelo que não pôde mais fluir. Essa interrupção forçou-o a fazer uma curva para direita na direção sul, correndo paralelamente à rocha que o bloqueou. Isso fez com que, mais à frente, formasse essa curva na direção norte (EOGAN, 2010: 3).

O terreno da região do Boyne é baixo e argiloso, o que o torna propício para a agricultura. Foi em aproximadamente entre 3700 e 3500 a.C., período em surgem os primeiros assentamentos no local, as terras começam a ser usadas mais extensivamente, determinando a mudança mais drástica da paisagem, quando são abertas clareiras para agricultura e o pastoreio.

2.3.1. O Neolítico Inicial e Médio: a continuidade da cultura material no Vale do Boyne

O Neolítico Inicial na Irlanda tem início aproximadamente entre 4000 e 3600 a.C. e o Neolítico Médio entre 3600 e 3100 a.C. (Cf. COONEY, 2000). Para o caso Irlandês, é no Neolítico (4000 a.C.) que a agricultura começa a ser utilizada, com a primeira grande intervenção da paisagem a ser feita: a derrubada da floresta original. Isso seria resultado do comportamento das comunidades ao colocar em prática em escala comunal e regional ideias e conceitos amplamente difundidos pela Europa Continental Atlântica³⁰, indicando contatos e redes que serviriam de conduta para novas práticas (COONEY, 2000).

Com isso, novos tipos de artefatos e técnicas foram introduzidos, havendo uma mudança econômica com a domesticação de animais (gado, cabra e porco) e o cultivo de cereais. O impacto dessas novas fontes em uma ilha com uma fauna limitada, pode ter sido revolucionário, afetando como as pessoas viviam – com novas tradições e comportamentos, inclusive em relação à construção de monumentos (COONEY, 2000).

Ainda é de especulação entre os estudiosos que o quadro da população no Neolítico Irlandês seja marcado por sociedades de pequena escala onde o parentesco e

³⁰ Afirmação baseada em achados similares na Europa Ocidental, com diferenças regionais.

afinidade seriam a base social, trazendo coesão e solidariedade, operando em grupos de aproximadamente 100/200 pessoas que estariam ligadas por ancestralidade relacional a grupos maiores com uma identidade cultural comum.

Assim, assentamentos fixos com estruturas retangulares datando de 4000 a.C. aparecem por toda a Irlanda, indicando o aparecimento de uma tradição arquitetônica, além da evidência de uso de animais domésticos e produção e processamento de cereais. As primeiras estruturas mortuárias são desse início, como tumbas megalíticas (como as tumbas com câmaras onde se incluem as tumbas de passagem) e estruturas mortuárias em madeira, além do aparecimento de cerâmica carenada³¹ com adaptações regionais ocorrendo ao longo do período (COONEY, 2000).

No Neolítico Médio há a continuidade de ocupação dos assentamentos anteriores, assim há a continuidade de utilização dos sítios funerários e a utilização do mesmo tipo de cerâmica. Como já salientado anteriormente, é nesse período, porém, que há o desenvolvimento no complexo de tumbas de passagem em *Brú na Bóinne*, que alcançou seu pico ao final do Neolítico Médio/começo do Neolítico Final com a construção das grandes tumbas de passagem que dão nomes aos sítios: Knowth, Dowth e Newgrange.

Levando em consideração a teoria proposta por Hensey (2015) sobre a tipologia das tumbas de passagem e a definição de que tumbas de tipo 3 (que é o caso de Newgrange, Knowth e Dowth) podem ter sido originadas reutilizando tumbas de tipo 1 e 2, não é possível afirmar com certeza qual das construções é, de fato, a mais antiga, tornando impossível discernir qualquer mudança enfática a partir do que observamos das tumbas atualmente entre o que poderia ter sido originado durante o Neolítico Inicial e Médio como tumbas de tipo 1 e 2.

³¹ Tradicional do Norte da Inglaterra.

Além disso, por não ser possível observar etapas distintas de construção de tumbas e da utilização do sítio, além de uma mudança da cultura material encontrada (a exemplo da cerâmica carenada) durante o Neolítico Inicial e Médio, para essa pesquisa, considerar-se-á o Neolítico Inicial e o Médio como uma etapa única na construção e ocupação da paisagem de *Brú na Bóinne*.

2.3.2. O Neolítico Final: a fase final de construção das tumbas de passagem na área central do Vale do Boyne

No Neolítico Final (3100-2500 a.C.) muitos dos sítios continuam em uso. Porém, em *Brú na Bóinne* foi observado que não houve construção de tumbas após a construção das três principais (Newgrange, Dowth e Knowth) e foi introduzida a cerâmica *Grooveware*³², usada em contexto ritual e possuindo uma ligação fortíssima com as tumbas de passagem como, por exemplo, Newgrange e Knowth.

Como mencionado anteriormente, a partir da tipologia das tumbas, podemos concluir que houve, entretanto, modificações e melhorias nas estruturas das 3 tumbas de passagem principais, tornando-as do tipo 2 para o tipo 3. Com o foco ritual voltando-se para o grande público e a consequente ênfase na área externa dos monumentos (além de modificações das próprias tumbas) ao final do Neolítico Final e começo da Idade do Bronze Inicial, iniciou-se a construção do que consideramos aqui monumentos satélites, como *henges** e *cursus**, tipos de estruturas rituais não funerárias, externos às tumbas de passagem mas que possuiriam o foco (e a visibilidade) voltados para elas.

É também na mudança de período entre o Neolítico Final e começo da Idade do Bronze Inicial que surge a utilização da cerâmica campaniforme (cerca de 2500 a.C.)

³² Tradicional da Inglaterra.

nessa região, utilizada em locais cerimoniais como as tumbas de passagem do complexo do Vale do rio Boyne.

A grande mudança social enxergada pelos estudiosos é vista na paisagem e nas construções a partir do Bronze Inicial, já que há o uso abundante de contextos funerários com enterramentos conspícuos individuais (conhecidos como montículos) com a presença da cerâmica campaniforme e bens de luxo, que marcariam diferenças sociais e econômicas, assim como o aumento na complexidade social (COONEY, 2000).

2.3.3. Para além da morte em *Brú na Bóinne*: a Idade do Bronze Inicial

Como já explicado, foi durante a transição do Neolítico Final para o Bronze Inicial que os primeiros monumentos não funerários surgiram, refletindo o esforço comunal e de atividade ritual, sendo eles as primeiras edificações circulares de madeira, *henges* contendo fossos circulares ou anelares, *cursus*, bem como todo o tipo de marcas intencionais na paisagem.

Dentro do contexto de transição do Neolítico para a Idade do Bronze, por meio da sedentarização, da difusão da agricultura, da utilização da cerâmica, armas polidas e da mudança de foco e poder há manutenção nas práticas do Neolítico Final para a Idade do Bronze Inicial, principalmente no que se refere à construção de monumentos de temática não funerária, que se espalhou por toda a área da Europa Atlântica, Inglaterra e Irlanda (BRADLEY, 1998).

Foi a partir do Bronze Inicial que as populações, começaram, de fato, a ampliar a fronteira agrícola e empreender largo desflorestamento, criando áreas para pastagens de animais e campos de cultivo, fazendo com que as diferenças sociais e econômicas

ficassem cada vez mais marcadas por meio da introdução de novos materiais e o consequente aumento na complexidade social.

Na Idade do Bronze observa-se a disseminação, a ascensão e a proeminência do trabalho com metal – principalmente o cobre e sua liga com o estanho. A intensificação da metalurgia (que surgiu no Neolítico Final) e o aumento da sua importância teve consequências tecnológica, econômica e social. Tecnológica, porque uma série de utilizações e novas habilidades no que tangia o uso de ferramentas em metal se tornaram necessárias; econômica, porque houve o aumento de matérias-primas assim como maior extensão das redes de contato e do comércio de longa distância, que se intensificaram; e social, pois os efeitos da introdução de novos tipos de materiais, a confecção de artefatos assim como os contatos mais intensos, produziram formas de enriquecimento pessoal, possibilidades de demonstração de status e afirmação das diferenças sociais (MILISAUKAS *et al*, 2011).

Assim, as mudanças sociais podem ser enxergadas pelos estudiosos basicamente, em dois pontos: na confecção e utilização de materiais em metal e nas modificações ocorridas na paisagem, por meio da monumentalização.

Diferentemente dos materiais em pedra, as ferramentas e objetos feitos em bronze representaram novas possibilidades, haja vista a maleabilidade proporcionada pela mudança radical do estado material adquirido pelo calor além de sua maior resistência (CHILDE, 1930), não esquecendo aqui de citar seu maior valor econômico, principalmente dentro do contexto de trocas de bens de consumo de luxo. Ademais, o manuseio com o metal traz à tona a figura do ferreiro, que possui a tarefa e o conhecimento específico, diferenciado e artístico, além de sua provável posição privilegiada dentro da sociedade pré-histórica (CHILDE, 1930). O surgimento de tarefas

e ofícios especializados também se intensifica nesse período, ratificando a ideia dos estudiosos de maior complexidade social dessas populações no Bronze Inicial.

Com todas as mudanças econômicas e sociais ocorrendo, alguns autores entendem que as modificações ocorridas na paisagem podem ser traduzidas pelo surgimento de montículos: seriam contextos funerários com enterramentos conspícuos individuais contendo objetos de consumo de luxo marcados pela presença da cerâmica campaniforme e de bens de consumo de luxo, advindos da intensificação das redes de trocas e contatos (McINTOSH, 2006; COONEY, 2000; BRADLEY, 2007).

Os montículos estariam em oposição à tradição dos enterramentos coletivos e mais simples – montículos longos, típicos do Neolítico. Tais construções indicariam, para a grande maioria dos pré-historiadores – principalmente os processualistas –, mudanças das noções comunais do Neolítico para noções individuais na Idade do Bronze, o que fundamentaria a mudança na sociedade em relação ao Neolítico Inicial e Final. Essas modificações são visíveis tanto na organização social quanto econômica e ritual. A riqueza e o poder seriam concentrados por poucos indivíduos, evidenciando, deste modo, um processo de diferenciação social (McINTOSH, 2006).

Entretanto, é importante salientar que a mudança drástica na estrutura social observada nos campos acima – com o começo de enterramentos entendidos como individuais na Idade do Bronze Inicial que continham bens de consumo de luxo, juntamente com a presença de cerâmica campaniforme (ou vasos globulares) – ainda possui uma noção extremamente arraigada histórico-cultural, entendendo que, de alguma forma, essas mudanças são consequentes da introdução da “nova” cultura por meio do “*Beaker Folk*” – a população da cerâmica campaniforme.

O posicionamento teórico da presente pesquisa no que diz respeito a essa questão vai ao encontro do posicionamento proposto por A. Jones (2008) e J. Thomas (1999), que criticam a visão centrada na mudança social como consequência da chegada de culturas exteriores, neste caso, das populações da cerâmica campaniforme (o povo Beaker). Para os autores, a mudança entendida como “drástica” seria consequência da cronologia curta oferecida pela datação em carbono nos anos 1950, além de poucos achados da época que comprovassem a escolha das populações para a entrada de novos elementos culturais, bem como da noção de impossibilidade de coexistência de práticas, voltadas para a crença em substituições culturais.

Dessa forma, dentro da perspectiva pós-processual, volta à tona a ênfase em adaptações regionais e locais e, neste caso de estudo, a mudança observada na construção de monumentos e nos rituais que ali ocorriam do Neolítico Final (a fase final das tumbas de passagem) para a Idade do Bronze Inicial (os monumentos satélites circulares) ocorre pela mudança do foco ritual das populações em *Brú na Bóinne*. Jones (2008) ainda afirma que há diversidade de práticas mortuárias no período compreendido entre 4000 a 1500 a.C. e que existe sequência mortuária nos montículos, considerando-os cemitérios e, portanto, coletivos.

Como já discutido acima, diferentemente da noção coletiva dos monumentos do Neolítico exposta por Jones (e pela maioria dos pesquisadores), o entendimento no que diz respeito aos enterramentos coletivos do Neolítico se faz a partir do fato que, por mais comunais que pareçam (levando em consideração o número de indivíduos ali enterrados em comparação com o tamanho da população), receber tratamento ritual e funerário não era para todos da comunidade.

Nem todo morto era enterrado e, assim como na Idade do Bronze, havia sim uma escolha deliberada por parte da comunidade para enterrar determinados indivíduos, os quais entende-se aqui como privilegiados. Desse modo, a “mudança” que ocorre para a Idade do Bronze é a ênfase e maior seleção para enterrar determinados indivíduos.

Conforme salientado, muitas das mudanças que se atribui ao Neolítico, marcando-o como período de “revolução”, correspondem, na verdade, a um processo que teve início no Mesolítico e se alongou pelo Neolítico chegando à Idade do Bronze, possuindo seu ápice de expansão agrícola, avanço técnico e consolidação das redes de comércio ao final da Idade do Bronze. Por isso, se faz necessária uma análise na longa duração e a consequente quebra da noção de estagnação das sociedades pré-históricas. É importante deixar claro que foi também na virada do Neolítico para a Idade do Bronze Inicial que se iniciou a produção de uma identidade social através da construção de monumentos, trazendo consigo a noção de ancestralidade, cosmologia pré-histórica e demarcações territoriais.

2.4. Conclusões Parciais: a reinterpretção e a reutilização dos monumentos principais

As mudanças de tratamento da morte e a maneira como se lidava com o morto sofreram transformações desde o Mesolítico. Por outro lado, o pensamento simbólico marcado na cultura material, apesar de enterramentos do Mesolítico serem extremamente raros, demonstram que houve um aumento (se consideramos quantidade) e um enfoque cada vez maior dentro das sociedades do Neolítico.

O começo do Neolítico demonstra que, com as mudanças ocorridas por consequência da sedentarização, um laço maior com a terra e com questões ligadas à identidade comunal e memória ocorreu de maneira mais enfática.

As atividades funerárias e rituais, antes mais espaçadas na paisagem, foram concentradas e ligadas a determinados grupos e comunidades. Pode ser muito provável que os espíritos e forças naturais antes procurados e cultuados em locais de natureza selvagem, durante o Neolítico possam ter sido realocados para dentro das tumbas de passagem a partir de escolhas de materiais, alinhamentos e criação de outros domínios.

Não à toa, muitas das jornadas que podemos observar nas construções de tumbas de passagem tem ligação simbólica com mudanças de ciclos naturais: morte, jornada ao outro mundo, transformação e reaparecimento (ligados provavelmente a crenças de reencarnação), demonstrando uma perspectiva cíclica em suas essas construções e no simbolismo (HENSEY, 2015: 53-55).

Assim como o desenvolvimento do pensamento simbólico, as suas marcações físicas, no caso em análise, as tumbas de passagem, sofrem modificações ao longo do Neolítico e a paisagem ao seu redor também sofre alterações. Hensey (2015: 111) trabalha com a ideia de que a mudança da tipologia nas tumbas tem a ver, não somente com o foco ritual acima de tudo, mas também com as mudanças climáticas ocorridas do tipo 2 para o tipo 3.

Em sua análise, a partir de 3600 a.C., o clima na Irlanda começa a esquentar novamente, após um período anterior de frio intenso e modificação na paisagem – por isso as tumbas de tipo 2 são voltadas para o ritual internamente. Com o aquecimento climático, surge a possibilidade de movimentação maior na paisagem e uma participação maior dos rituais (não somente um grupo de escolhidos acessando o

interior da tumba somente). Isso fez com que as tumbas fossem “alteradas” para o tipo 3, tornando-se maiores, mais complexas e com várias características externas a elas que indicam seu foco voltado para o público. O foco se torna o ritual e, em consequência, as pessoas que dele participavam.

É ao final do Neolítico Final que essa “reciclagem” dos monumentos ocorre, quando Newgrange atinge seu esplendor máximo. Seguindo a mudança do foco ritual para a área externa aos monumentos, no começo da Idade do Bronze Inicial é possível observar, então, de maneira mais sólida a alteração do ritual para a área externa e a diminuição do uso interno das tumbas de passagem, com a construção de monumentos satélites.

Henges, *cursus* e círculos de madeira e pedra são construídos em áreas anexas aos monumentos mais antigos, todos eles demonstrando um enfoque voltado para as tumbas de passagem, demonstrando assim que, em vez de uma alteração social ocorrida por consequência de uma migração populacional do povo Beaker, o foco ritual assim como o uso das tumbas de passagem se modifica: passa de “casa dos mortos recente” – monumentos claramente focados em rituais exclusivamente funerários, para um domínio claramente ancestral ligado puramente à memória. Para rituais funerários, surgem novos tipos de monumentos funerários (os montículos).

CAPÍTULO 3

3. Os monumentos do Vale do Boyne: repertório dos sítios em estudo

3.1 Criando uma Metodologia

Há o intuito de estabelecer o simbolismo e o uso das estruturas construídas durante o Neolítico Final e Idade do Bronze Inicial na região do Vale do Rio Boyne, no complexo arqueológico conhecido como *Brú na Bóinne*, como constituintes de uma paisagem ritual. Por conseguinte, no que diz respeito a recursos disponíveis, tipo de ambiente adaptado e simbolismos associados, entende-se que é possível inserir o estudo de caso dentro do padrão de paisagem ritual para o Neolítico tradicional da faixa Atlântica europeia.

Ademais, além de passar por questões tradicionais a respeito dos estudos em pré-história, pretende-se posicionar a pesquisa indo de encontro à visão tradicional dos estudos de pré-história europeia (principalmente em relação às Ilhas Britânicas) no que diz respeito à mudança social visualizada na paisagem por muitos estudiosos durante a virada do Neolítico para a Idade do Bronze, com o objetivo de quebrar o argumento ainda muito presente no discurso arqueológico que a mudança social observada se deu a partir de uma influência externa – a chegada do povo Beaker.

A partir do estudo de caso, pretende-se enfatizar que para além das mudanças sociais ocorridas, a mudança observada na paisagem foi, na verdade, uma mudança de foco ritual (uma vez que muitos dos monumentos do Neolítico foram (re)utilizados e os novos monumentos construídos, na grande maioria dos casos, eram voltados ou tinham visibilidade para os monumentos mais antigos, fazendo, assim, parte da mesma paisagem ritual. Para tanto, alguns problemas metodológicos se fizeram presentes no

andamento da pesquisa, fazendo com que uma nova metodologia de análise fosse criada.

Retomando a discussão do capítulo 2, onde foram trabalhadas algumas questões teóricas concernentes aos conceitos de percepção e experiência, se faz necessário lembrar que a ligação entre percepção, experiência e afetividade levam ao engajamento e é de crucial importância considerar que o que se entende como sensorial é uma simulação baseada no que é possível perceber hoje pelo pesquisador. Desta forma, não é mais possível abrir espaço para pensar a dicotomia “corpo” e “mente” na arqueologia sensorial uma vez que essa divisão parte do pressuposto que não seria possível “decodificar” a sociedade estudada.

Para Bourdieu (1977) o corpo é um produto social, e o *habitus* é uma maneira de se portar baseada no convívio social. Existe, portanto, um condicionamento cultural e social sobre o corpo, que funciona como um “produto/fabricação” cultural. Como já mencionado, o corpo e a mente do arqueólogo não são mais os mesmos, e o pesquisador está inserido em um *habitus* que difere (nas mais diversas dimensões) do *habitus* das populações pré-históricas. Desta forma, tanto a percepção quanto a reação, experimentação e interpretação, necessariamente, divergem daquela do homem pré-histórico.

Deste modo, como é possível decodificar algo que não existe na nossa sociedade? E os símbolos que existem, seus significados podem ser interpretados de forma diversa? Como é possível interpretar os dados existentes hoje por meio da cultura material, se eles, por meio da percepção, interpretação, enfoque, *habitus* e vivência do pesquisador já teriam sido corrompidos? Como captar as metáforas construídas pelo

ritual dentro das sociedades ágrafas e suas manifestações corporais, percepções e reações?

Obviamente, devem ser considerados os limites do pesquisador e as limitações da própria pesquisa em pré-história. Porém, existem determinadas fronteiras (i)materiais e simbólicas (já mencionadas acima) que são possíveis de trabalhar, por meio de técnicas corporais e interpretação de uma memória corporal ligada à percepção. Há uma afetividade tátil que é possível projetar, em parte, que é a criação e manutenção da memória por meio da interação física de indivíduos e objetos: um fluxo material, informacional, de ideias, afetos, emoções e memória.

Deste modo, conhecendo o contexto, os sentidos se tornam multi-temporais: ativam uma multi-temporalidade da matéria a partir do objeto. O tempo é duracional e experimental, mostrando o vínculo da matéria com a temporalidade. Há uma coexistência, lado-a-lado do passado e do presente (como no tempo ritual) a intervenção do presente por meio do comprometimento sensorial (HAMILAKIS, 2014³³).

É necessário, portanto, compreender que há uma limitação da interpretação e compreensão dos dados por meio da cultura material, se não forem consideradas a parte fenomenológica da experiência e percepção. O indivíduo não é nunca um expectador passivo, seja atualmente, seja em tempos pré-históricos. Citando Citro (2010), é necessário ser no mundo e estar no mundo.

O corpo do pesquisador não pode “sumir” ou ser “suprimido”, ele faz parte da experiência, sua percepção é necessária: é preciso lembrar que todo enfoque de pesquisa é subjetivo, existe sempre um enfoque, um direcionamento dado pelo pesquisador a partir de um determinado referencial teórico. Desta maneira, para a presente pesquisa,

³³ Comunicação oral no VII TAAS, San Felipe, Chile.

entende-se que seja necessário ir além da fenomenologia para pensar a experiência corporal, sem a necessidade, entretanto, de ultrapassar a racionalização intelectual— a racionalização sempre existirá, em primeiro ou segundo plano de análise. Devem existir limites lógicos e racionais desenvolvidos e impostos pelo próprio pesquisador.

Tendo em vista a dualidade existente entre as metodologias mais “racionais” e as fenomenológicas, fez-se necessário buscar uma abordagem holística, com o intuito de observar a percepção e a ação na paisagem, pensando o corpo interagindo no espaço (CITRO, 2010). Na falta da existência de metodologias adequadas para o estudo do sensorial (a análise da percepção) nos monumentos e na paisagem de maneira conjunta, se fez crucial a criação de uma metodologia própria, mesclando métodos cartesianos e quantitativos: foto aérea, mapas, programas de georeferenciamento (GPS LOG), GIS e LiDar com o método de análise por meio da fenomenologia: a percepção desses espaços por meio da experiência, vivência e percepção *in situ* (e também a partir de observações e estudos de outros pesquisadores).

Deste modo, os três complexos de monumentos que compõe a área central de *Brú na Bóinne* (Newgrange, Knowth e Dowth) serão comparados entre si e em relação às estruturas satélites, além de serem colocados em perspectiva em relação à paisagem que os cerca. Objetiva-se assim, compreender a atribuição de significado e a utilização ritual de acordo com o período de sua construção. A finalidade principal é trabalhar com a experiência e a percepção (do pesquisador) em relação ao monumento e à paisagem em questão.

A escolha da metodologia, optando por dois métodos que são considerados incompatíveis por alguns pesquisadores (ver MILLICAN, 2012), se deu pela necessidade de criar um quadro mais completo dentro dos estudos de paisagem e

arqueologia sensorial. A arqueologia da experiência, fenomenológica, ligada à percepção, subjetiva e interpretativa que se dá a partir do engajamento corporal (da incorporação com os monumentos e a paisagem) e com a forte familiaridade (vivência) com o espaço e a arqueologia quantitativa, abstrata, computacional, baseada em modelizações a partir de uma representação da realidade ligada aos símbolos.

As técnicas e ferramentas quantitativas/cartesianas funcionarão como uma ferramenta para raciocínio, criando projeções e possuindo o indivíduo como análise mínima. Desta forma, combinar-se-á a abordagem entendida como “êmica”, baseada na interpretação, na experiência e percepção a partir do indivíduo com a “ética”, advinda de dados quantitativos e computacionais, entendidos com uma análise vinda de “fora” do indivíduo.

Ao conjugar os dois métodos, cartesiano e fenomenológico, entende-se que será feita uma interpretação holística e mais rica a partir dos dois tipos de abordagem, uma vez que a visão “de fora” pode adicionar à visão “de dentro”. Será possível, com a abordagem entendida como “meio termo”, compreender os sítios para além de mapas³⁴ e plantas, considerando-os espaços reais e lugares possíveis de adicionar dados com maior controle e integridade às abordagens de experiência (MILLICAN, 2012) – o que, infelizmente, não ocorre atualmente nos estudos fenomenológicos da paisagem a partir da arqueologia sensorial.

Isto posto, os três monumentos principais serão estudados, em um primeiro momento, como uma unidade mínima de análise – buscando o indivíduo e seu engajamento como análise mínima dentro do monumento -, onde buscar-se-á analisar, perceber e interpretar o simbolismo e a atividade ritual, assim como a agência dos

³⁴ Vale aqui destacar as experiências de *deepmapping* feitas por Bodenhosmer (2013).

indivíduos e objetos, por meio das escolhas individuais e coletivas, dos objetos, posicionamentos e materiais escolhidos. O elemento principal é a incorporação, consequência direta de como o indivíduo se porta no espaço, como funcionam os sentidos e as emoções criadas pelos monumentos, os objetos e materiais selecionados para sua construção.

Para tanto, durante a pesquisa, tendo em vista a inexistência de métodos para este tipo de abordagem, foi criada uma análise fenomenológica dentro e fora dos monumentos. Desta forma, a pesquisa se distanciará da maioria dos estudos, trazendo uma nova abordagem na maneira de estudar os monumentos e sua inserção na paisagem, que isolam de um lado, a análise da paisagem e, do outro, o sensorial dos monumentos, na eterna dicotomia o externo x o interno, ético e êmico.

Por meio da análise criada, visa-se analisar os dois concomitantemente, como o conjunto que formam: os monumentos e a paisagem, analisando-os como etapas advindas de um mesmo processo de apreensão, percepção, interpretação e transmissão e decompor em tipos de percepção/apreensão, sem, necessariamente, separar os enfoques da paisagem e do monumento. Nessa abordagem, parte-se do princípio que tudo o que foi aplicado na construção (e dentro) do monumento foi percebido e apreendido a partir da experiência do indivíduo na paisagem.

Assim, a análise será dividida em nove categorias nas quais a paisagem, o monumento e os sentidos devem ser observados conjuntamente – do mais geral para o particular:

- a) Posicionamento: o que existe próximo ao item analisado como objetos, construções, elementos naturais.
- b) Alinhamentos em relação aos elementos principais que o cercam.

- c) Visibilidade: o direcionamento do olhar, visibilidade/invisibilidade. Nesse item serão incluídas observações de decomposição de luminosidade (a existência ou não de luminosidade, natural ou não, faz com que haja variações no padrão de visibilidade).
- d) Incorporação. Este item se subdivide em: cinestesia, gestual e posicionamento do(s) indivíduo(s).
- e) Som. Serão analisados vedação total do som, reverberações ou eco.
- f) Cor. Nesse item também serão incluídas observações de decomposição de luminosidade (a existência ou não de luminosidade, natural ou não, faz com que haja variações nas cores).
- g) Textura: serão observadas diferentes texturas dos materiais (frio, úmido, enrugado, escorregadio, frisado, etc).
- h) Cheiro/odor (olfato). Serão analisadas presença de odores e passagens de ar. Direcionamento do vento em determinadas épocas do ano e alteração do cheiro pela vegetação poderão ser considerados.
- i) Sensação gerada/criada no pesquisador.

Optou-se por deixar o tempo de fora da categoria de análise da tabela fenomenológica, visto que, como mais acima mencionado, entendo que existe uma intervenção inevitável do tempo presente, que de certa forma compromete sensorialmente a análise do tempo como item fenomenológico. Para esta pesquisa, o tempo será entendido como “suspenso”, com a presença do passado no presente trazendo à tona a noção de multitemporalidade desses lugares rituais.

Para cada um dos três monumentos principais (Newgrange, Knowth e Dowth) foi criada uma análise fenomenológica objetivando analisar a relação dos monumentos principais com os monumentos satélites construídos posteriormente que será cruzada com análises feita com base em fotografias, imagens de satélites e LiDar (quando existentes), além do cruzamento com os dados de uma análise feita a partir do GIS com a análise espacial de visibilidade (que foram criadas com intuito de observar a movimentação e visibilidade desses monumentos entre si e sua visualização na paisagem).

Objetiva-se entender a inserção desses monumentos na paisagem que os cerca, assim como sua influência na experiência e percepção no indivíduo presente nela. A metodologia de análise será a acima citada, com o diferencial na utilização do padrão de visibilidade (*viewsheds*) no GIS, que serão usados com o objetivo de observar a movimentação e visibilidade dos monumentos principais com os monumentos satélites e elementos naturais (como rios e montanhas).

Na terceira e última etapa do processo de análise, os dados obtidos serão cruzados: o “dentro” e o “fora”. Serão cruzados os dados obtidos com cada monumento, a paisagem que o cerca a partir dos métodos conjugados: a ficha de análise fenomenológica com Foto Aérea, LiDar e o padrão de visibilidade do GIS (observando sempre a área central – composta pelos monumentos satélites e a paisagem ao redor –, Newgrange, Dowth, Kowth e seu relacionamento com os monumentos satélites), tornando possível estabelecer a relação entre: padrões de (in)visibilidade, movimentação, incorporação e sensação (nesse caso aqui, funcionando como mera sugestão). A relação será dada a partir dos dados coletados dos monumentos principais

(as três tumbas de passagem), entre os monumentos principais e suas estruturas satélites selecionados e entre os monumentos principais e a paisagem que os cerca.

Portanto, a metodologia criada se baseia na necessidade de se concentrar na interpretação de aspectos qualitativos da paisagem arqueológica, ou seja, a abordagem tem o foco da sua análise na percepção: o estudo dos monumentos e sua relação entre si, assim como com a paisagem ao seu redor. Neste sentido, a percepção sensorial da paisagem tem sido fundamental para as interpretações que favorecem a pluralidade, permitindo a interpretação e gestão das paisagens do passado.

Ao conjugar métodos vistos por muitos como excludentes, busca-se uma maneira mais humanista de observar e analisar o registro arqueológico. É necessário ir além das abordagens existentes, que muitas vezes limitam e direcionam o olhar do pesquisador, deixando de lado a vivência em uma paisagem que é (e continua sendo ao longo dos séculos) imbuída de significado, que transcende o econômico e se infiltra em todas as atividades da população. A paisagem deve ser analisada como uma plataforma interativa para a experiência humana, recriada por meio de construções físicas e metafísicas que constantemente alteram o relacionamento daqueles que nela se engajam.

A metodologia aqui criada visa por um lado, diminuir os equívocos que podem ocorrer a partir de uma abordagem puramente fenomenológica, respeitando as limitações já expostas e, de outro, entender o potencial de representação (nunca reconstrução) da paisagem pré-histórica, podendo despir as camadas mais recentes da paisagem, analisando camadas subsequentemente, observando os dados e interposições de monumentos e marcas intencionais na paisagem, decompondo o mundo tridimensional dos dados cartesianos, computacionais e quantitativos em uma superfície bidimensional com uma simulação da paisagem que poderia ser facilmente reconhecida

pelos indivíduos da pré-história. É pensar uma complexa rede de associações, entre agentes – partícipes – humanos e não humanos (LATOUR, 2012) que constroem e compõe essas paisagens pré-históricas.

3.2. O complexo de tumbas de *Brú na Bóinne*: a área Central

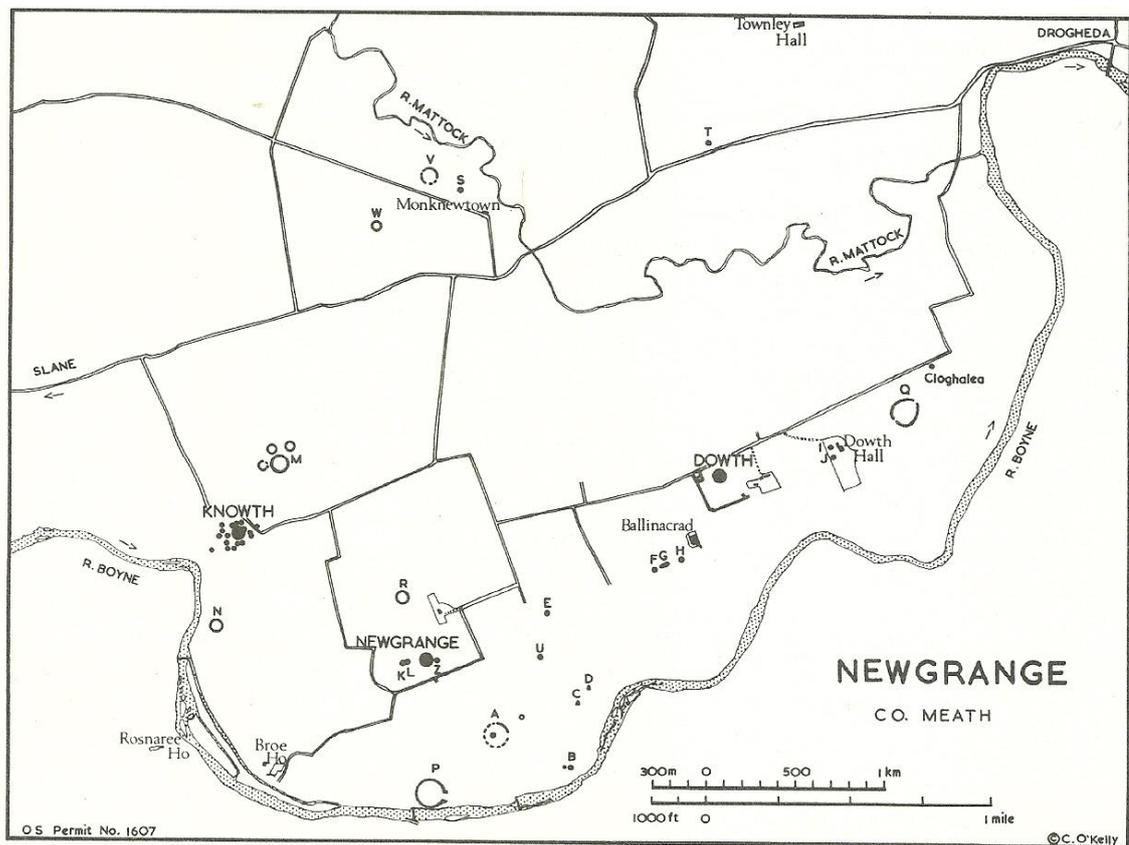


Figura 21: Imagem aérea da área central de *Brú na Bóinne* contendo os sítios principais e os monumentos satélites (O'KELLY, 1982:14).



Figura 22: Foto de Satélite da Área central de *Brú na Bóinne* com a indicação dos três monumentos principais (GOOGLE EARTH, 2013).

Como anteriormente mencionado (ver capítulo 2), os sítios de Knowth, Newgrange e Dowth dominam a paisagem do complexo de tumbas de *Brú na Bóinne*, fazendo parte, porém, de um cemitério muito maior, fazendo com que somente na parte central existam 39 tumbas de passagem (ver figura 24), sendo muito provável que sítios adicionais possam ter sido destruídos ao longo dos anos (EOGAN, 2010: 4).

Passage tomb		SMR No.
Dowth	Main mound with cruciform and undifferentiated chambers	20:16
Dowth E	Round mound with berm and outer kerb	19:43
Dowth F	Circular mound	19:42
Dowth G	Possible site, elongated mound	19:41
Dowth H	Circular, kerbed mound	19:40
Dowth I	Kerbed mound	20:12
Dowth J	Chambered round mound	20:13
Dowth	Site, no precise location	Wilde 1847
Dowth	Possible site, round mound	20:23
Dowth	Site	20:09
Dowth	Possible site	C. O'Kelly 1979
Knowth 1	Main mound with cruciform and undifferentiated chambers	19:30
Knowth 2	Partial remains	19:30
Knowth 3	Possible site	19:30
Knowth 4	Partial remains with undifferentiated chamber	19:30
Knowth 5	Possible site	19:30
Knowth 6	Partial remains with cruciform chamber	19:30
Knowth 7	Reconstructed with undifferentiated chamber	19:30
Knowth 8	Partial remains with undifferentiated chamber	19:30
Knowth 9	Partial remains with cruciform chamber	19:30
Knowth 10	Partial remains with undifferentiated chamber	19:30
Knowth 11	Site	19:30
Knowth 12	Partial remains with undifferentiated chamber	19:30
Knowth 13	Reconstructed with undifferentiated chamber	19:30
Knowth 14	Reconstructed with undifferentiated chamber	19:30
Knowth 15	Undifferentiated chamber	19:30
Knowth 16	Reconstructed with undifferentiated chamber	19:30
Knowth 17	Reconstructed with cruciform chamber	19:30
Knowth 18	Reconstructed with cruciform chamber	19:30
Knowth	Possible site	Herity 1967
Knowth	Possible site	Eogan 1986
Newgrange 1	Main mound, reconstructed with cruciform chamber	19:45
Newgrange A	Circular, flat-topped mound	19:49
Newgrange B	Circular mound	19:58
Newgrange K	Partial remains with undifferentiated chamber	19:46
Newgrange L	Partial remains with cruciform chamber	19:46
Newgrange U	Kerbed mound	19:51
Newgrange Z	Partial remains with undifferentiated chamber	19:44
Newgrange Z1	Possible site, circular mound	19:44
Monknewtown	Round mound	19:17
Townleyhall	Round mound, with undifferentiated chamber	LH24:08

Figura 23: Lista de tumbas da área central do Vale do Boyne (STOUT, 2014: 26).

A área central com formato em “U”, conhecida como a curva norte do Boyne é resultado da dinâmica entre os componentes naturais e naturais. Como já explicitado no capítulo 2, sua característica geográfica única teve um impacto crucial na construção

desta paisagem milenar, levando a crer que os sítios que ali se encontram foram escolhidos e formados como resultado do formato, tamanho e posicionamento na paisagem (STOUT, 2014: 2).

É uma paisagem natural composta de pequenas ondulações³⁵ que começaram a ser formadas e moldadas a partir da última Era do Gelo. É a partir do Vale do Boyne que é possível ter acesso fácil do Mar Irlandês para o interior da parte leste da Irlanda, fazendo parte do “triângulo do Leste” (ver figura 24) – conhecida como a parte da Irlanda que recebe menos chuva, contém menos áreas alagadas/pantanosas do que qualquer outra região do país.

Esses dois fatores ambiental e de acessibilidade combinados, fizeram com que essa área fosse atrativa aos grupos indígenas da pré-história principalmente se considerarmos também uma facilidade anual de alimentos seja durante o Mesolítico³⁶ com a caça e a recoleta, seja durante o Neolítico com a agricultura e pecuária. É, provavelmente pelos fatos expostos, que possui desenvolvimentos culturais tão marcantes (STOUT, 2014: 2).

³⁵ Apesar de ter formação a partir de rochas da era Paleozóica e rochas Carboníferas, além de camadas mais recentes de solo calcário (ver figuras 26, 27 e 28).

³⁶ Essa área oferece grande quantidade de peixes (salmão e enguias, principalmente) – importantes componentes da dieta das comunidades pré-históricas, visto a existência mais limitada de mamíferos na Irlanda como um todo, apesar da existência mais comum de cervos vermelhos no Vale do Boyne.

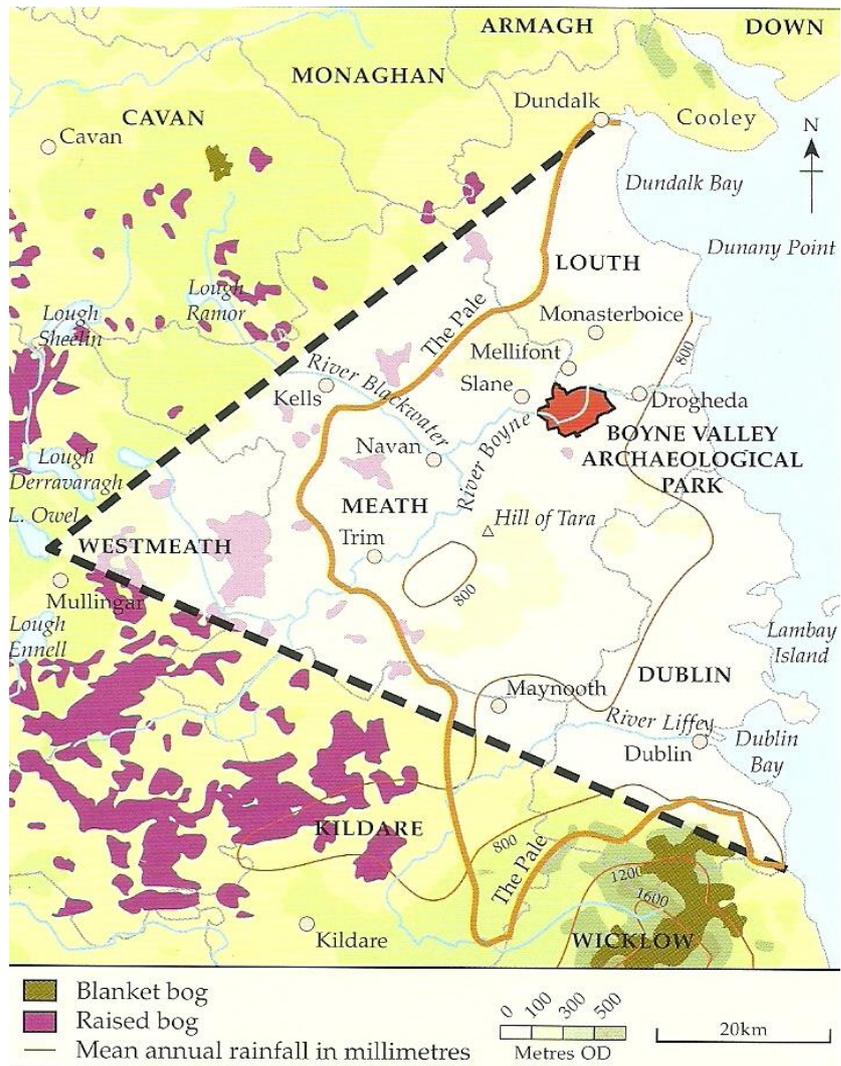


Figura 24: O “triângulo do Leste” representando a área de maior acessibilidade e fatores ambientais favoráveis (como pouca chuva) (STOUT, 2014:3).

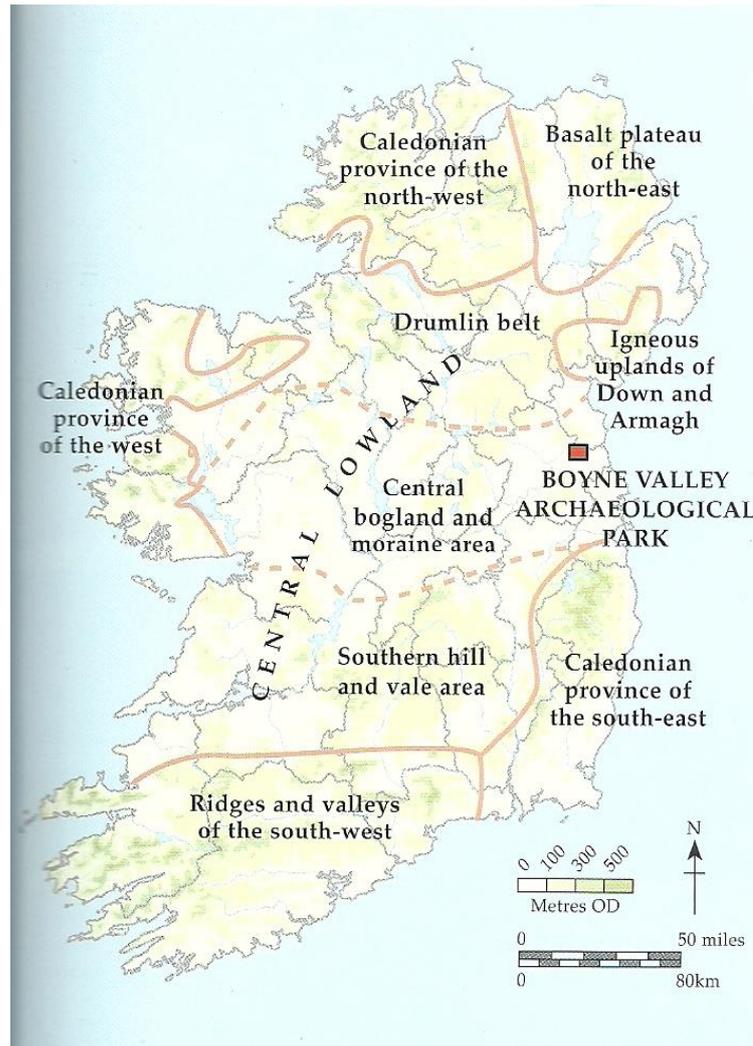


Figura 25: Regiões físicas da Irlanda. A curva do Boyne se encontra a leste de uma área de planície, região composta predominantemente de características de terrenos baixos glaciais (STOUT, 2014: 3).

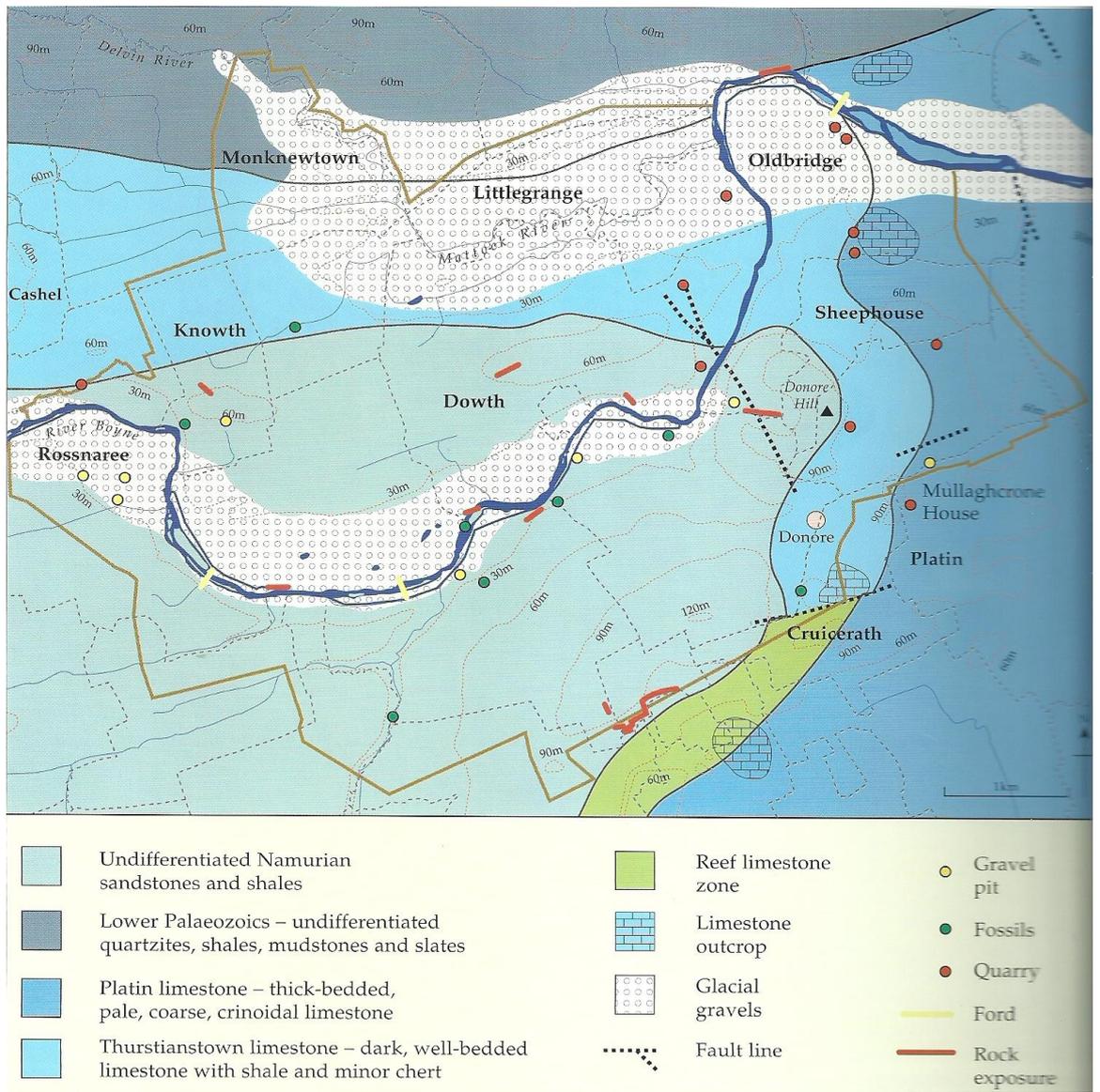


Figura 26: Mapa Geológico da curva do Boyne. A área consiste basicamente em rochas do período Carbonífero que se encontra entre duas camadas: rochas do baixo paleolítico ao norte e ao sul. Além disso, é uma região que possui depósitos de fósseis riquíssimos (STOUT, 2014: 4).

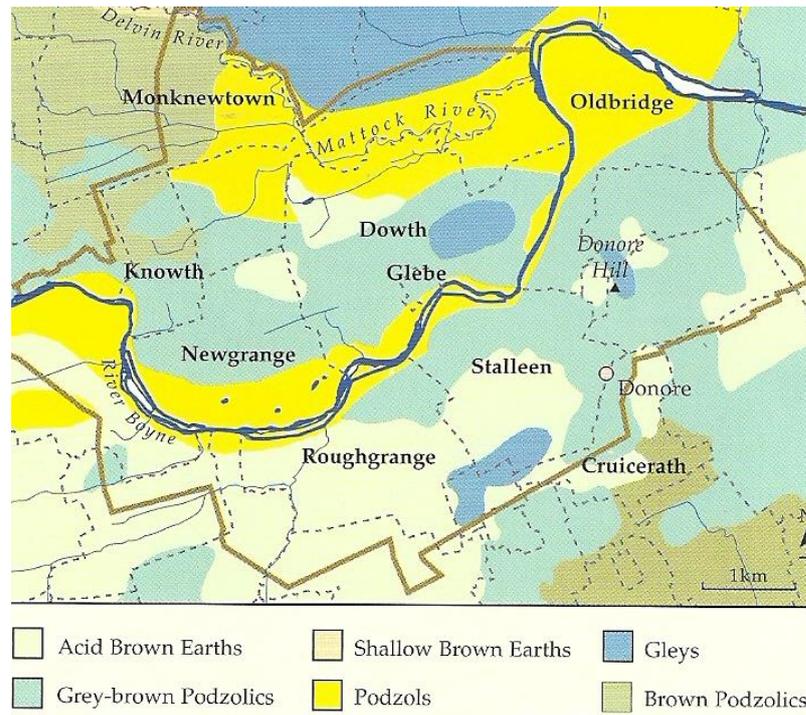


Figura 27: Tipos de solo encontrados em Brú na Bóinne (STOUT, 2014:12).

Em relação ao solo da região, o sistema de drenagem natural a partir da última Era do Gelo criou uma área pantanosa que consiste entre Newgrange e Dowth. No geral, o solo dominante na curva do Boyne é fértil, conhecido como *podzol* marrom-esverdeado, argiloso, adequado para pasto e lavoura.

Análise de pólen e sementes das amostras de solo retiradas das escavações (principalmente de Knowth) demonstram que era uma região densa de floresta durante o período Mesolítico (que deu lugar à grama verde durante os 500 anos seguintes, no Neolítico, uma vez que ocorre a limpeza e a derrubada das árvores para dar lugar aos espaços de agricultura e pastoreio, além das áreas rituais com a construção de monumentos)³⁷. Carvalho e Olmo nos terrenos mais altos eram seguidos de Aveleiras e Amieiros na área mais baixa. O banco do rio representa uma quebra nessa floresta

³⁷ Conclusões tiradas a partir da análise de pólen, sementes e micro-fósseis de Newgrange e Knowth.

densa, evidenciando um terreno mais argiloso devido a possíveis inundações nas cheias do rio Boyne.

O solo do terreno mais elevado logo abaixo de Newgrange é fundo, bem drenado e muito mais adequado para o cultivo de cereais. Foi encontrada presença de pólen de cereais nas proximidades de Newgrange, demonstrando que os construtores possuíam plantações nos arredores durante o Neolítico. O terreno mais baixo foi provavelmente usado para pastoreio, devido ao risco de inundação durante o Neolítico (STOUT, 2014: 31) (ver figura 28).

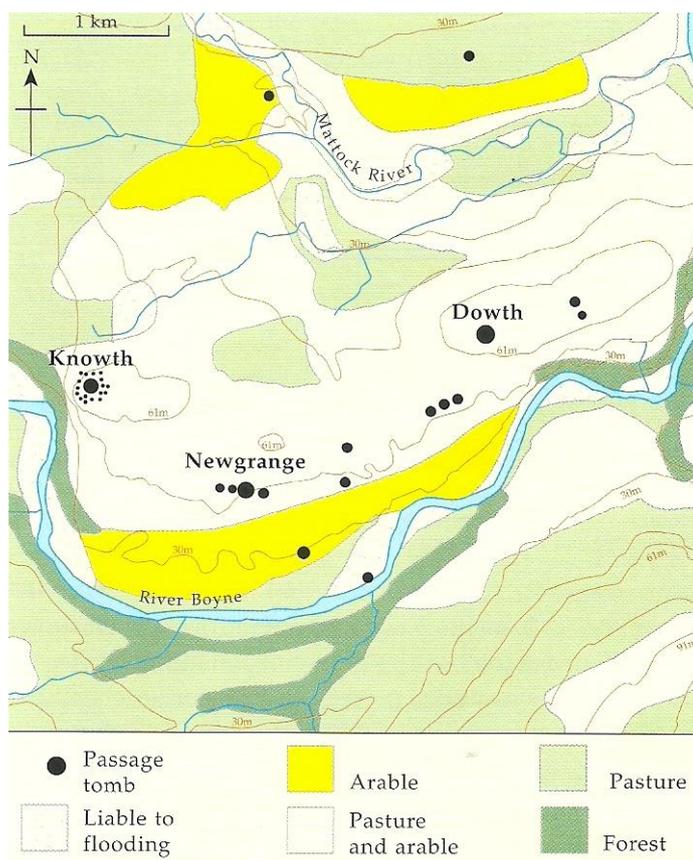


Figura 28: Padrão de uso da terra do Neolítico reconstruído por Gabriel Cooney, combinando a evidência de escavações com geomorfologia, geologia e modelo de padrão de solo atual (STOUT, 2014: 31).

Foi também devido ao posicionamento do complexo de tumbas que provavelmente foi possível a construção das tumbas de passagem utilizando grande quantidade de pedras (aproximadamente 200 mil toneladas) – o que demonstra uma organização para extração e transporte dos materiais. Os megálitos eram provavelmente transportados em distâncias mais curtas (Clogher Head, ver figura 30), utilizando toras de madeira e cordas. Arenitos e pedras calcárias (encontradas localmente, assim como os *kerbstones**) serviram de pedras estruturais. Para a parte externa das tumbas de passagem Newgrange e Knowth foram usados cinco tipos de pedras, dentre elas o quartzo e o granito. Vale reforçar que as maiores e as pedras mais elaboradas (com “arte” megalítica) encontram-se próximas as entradas das tumbas.

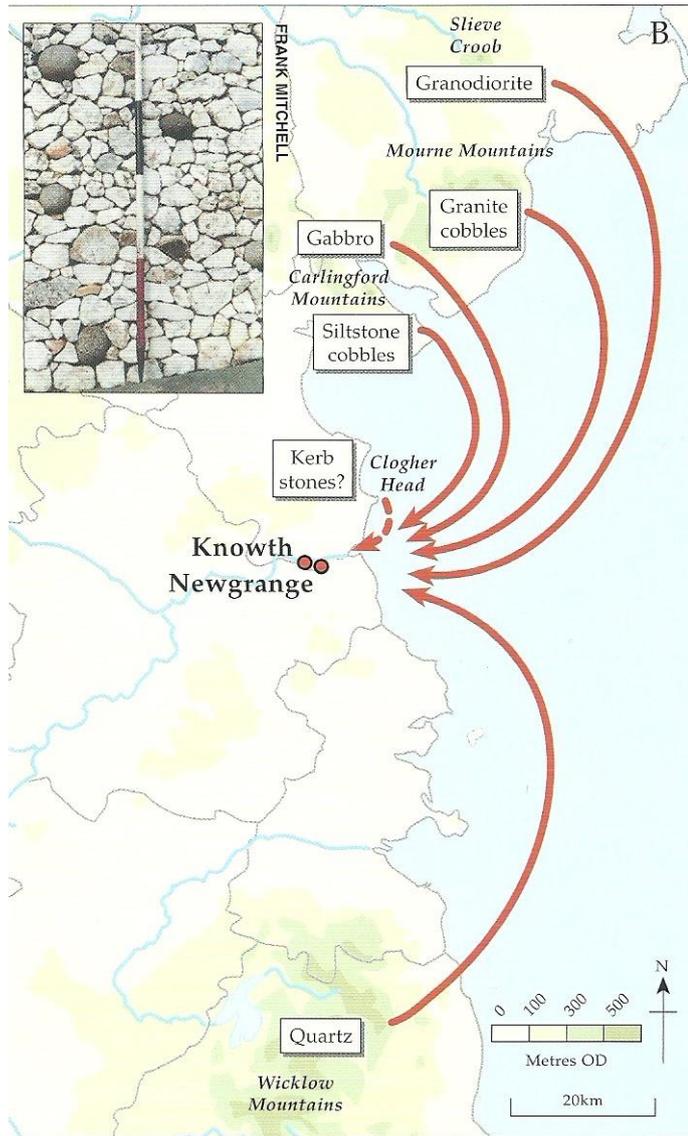


Figura 29: mapeamento do uso de diferentes tipos de pedras utilizadas nas tumbas de Brú na Bóinne (STOUT, 2014:30).

3.2.1. Newgrange



Figura 30: foto aérea de Newgrange
(<http://www.knowth.com>, acessado em dezembro de 2014).

Encontra-se localizado sobre um cume na área central do Vale do Boyne, onde a partir dele há um declive até o Rio Boyne, criando um anfiteatro natural. Assim como em Knowth, as primeiras atividades foram de assentamento, no período anterior à construção da tumba (em sua “versão final” de tipo 3), entre 3900 e 3500 a.C.³⁸.

As escavações da tumba de passagem principal (Newgrange) começaram com O’kelly – e ocorreram entre os anos de 1962 e 1975. O entorno de Newgrange foi escavado a partir da década de 80, quando foi identificada concentração significativa de monumentos (circulares) cerimoniais do Neolítico Final/Idade do Bronze Inicial

³⁸ A presença de ossos de ovelha e gado e grãos de cereais demonstram que já existia algum tipo de estabilidade nos assentamentos para a utilização de policultura de alimentos.

(STOUT, 2014: 18), confirmando que mesmo após o entendimento “declínio” das tumbas de passagem, a área funcionou como foco contínuo de atividade ritual.

Foi também durante a escavação do ambiente que circunda Newgrange nos anos 80 que Daragh Lehane (1983) notou possíveis resquícios de técnicas de trabalho em sílex Mesolíticas em algumas ferramentas datadas do Neolítico Final/Idade do Bronze Inicial, especialmente formas microlíticas e pequenas ferramentas lembrando brocas em sílex de cristal rochoso para furar substâncias menos duras. Infelizmente, até o presente momento a pesquisa encontra-se como inconclusiva.

O sítio de Newgrange (ou seja, o complexo de monumentos), assim como a tumba principal, pode ser considerado contemporâneo a Knowth, compreendendo a tumba principal e três tumbas satélites (duas para oeste sítios conhecidos como K e L; e uma para leste, sítio Z), todas elas possuindo formato cruciforme³⁹.

A tumba principal possui entre 80/90 metros de diâmetro com a planta em formato cruciforme (ver figura 32) e 11 metros de altura e seu parapeito composto por megálitos tem 97 pedras contíguas. O’Kelly (1982) em sua análise e interpretação, acreditou que o monte sofreu um desmoronamento após sua finalização, fazendo crer que havia uma sustentação (um muro/parapeito) quase vertical do monte da tumba e que esta foi enterrada. Durante a restauração (extremamente) controversa⁴⁰ do monumento, O’Kelly optou por “reconstruí-la” com quartzo e granitos encontrados durante as escavações.

³⁹ Existem dois formatos de plantas das tumbas de passagem usadas no mesmo período. O outro formato é o utilizado na maioria das tumbas satélites em Knowth, nomeado como indiferenciado pelos estudiosos, já que sua característica é somente uma única passagem, sem câmaras internas e nem anexos (ver figura no item 3.2.3).

⁴⁰ A maioria dos estudiosos e pesquisadores discordam da existência desse “muro” de quartzo (EOGAN, STOUT, HENSEY entre outros) acreditando ser improvável que o perfil íngreme tenha sido mantido a partir do revestimento de quartzo.

A datação de rádio carbono indica que a construção do túmulo como é conhecido hoje (sua versão “final” do tipo 3) ocorreu em 3200 a. C., mas vale ressaltar que é possível observar a sua construção como um processo, evidenciando etapas anteriores⁴¹, o que leva a crer que esteve em construção por aproximadamente 800 anos.

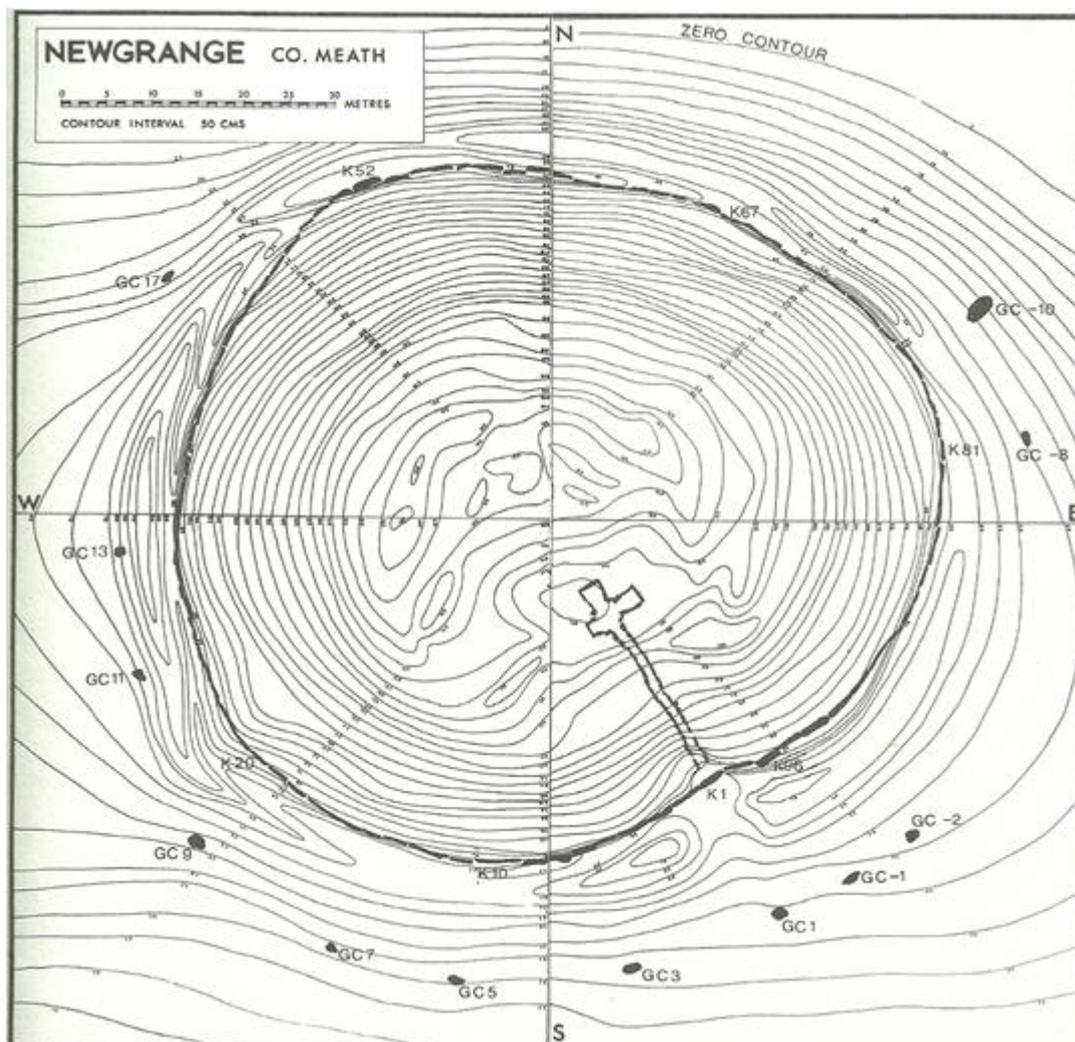


Figura 31: Planta Baixa de Newgrange contendo levantamento topográfico do terreno (O'KELLY, 1982:15).

A passagem dessa tumba principal possui 19 metros de comprimento e se abre para uma câmara cruciforme com um teto (de formato abobadado) de 6 metros de altura

⁴¹ Hensey (2015) destaca diferenciação da altura da tumba, assim como reutilização de pedras contendo arte rupestre “escondidas” do olho do público como indícios de reutilização, ressignificação e reconstrução ou aumento do que seria uma tumba tipo 2 (anterior ao que vemos atualmente construído).

que termina em um único pedaço de rocha “tampando” o teto (ver figura 33). A passagem se abre para o sudeste em direção ao solstício de inverno (ver figuras 35 e 36) e a câmara leste (do lado direito da planta) é a maior de todas, demonstrando a caracterização das plantas cruciformes que tendem para o lado direito de tipo 2 mostradas anteriormente.



Figura 32: detalhe do teto abobadado em Newgrange (acervo pessoal, maio de 2015).

Sobre a entrada existe uma pedra com uma abertura retangular chamada de *rooftop box* por onde um filete de sol do solstício de inverno atravessa a passagem iluminando até o ponto mais fundo da câmara principal (ver figuras 34 e 35) onde existe uma pedra chamada *basin stone*^{*42} – pedra também encontrada em nas tumbas principais Knowth e Dowth que provavelmente serviram de recipientes de restos

⁴² Ou bacia de pedra. Existem, no total, 4 delas na câmara. Uma a oeste e uma a norte e mais duas no lado leste.

cremados (camada do solo onde havia pedaços quebrados dessas pedras continha resquícios mortais não cremados e cremados de cinco pessoas, que foram encontrados com seus depósitos funerários originais: pérolas, miçangas em mármore e argila e objetos em osso)⁴³.

O alinhamento com o solstício de inverno fez de Newgrange a estrutura mais antiga a utilizar alinhamento astronômico, demonstrando que os construtores já possuíam técnica, familiaridade e experiência em relação aos ciclos astronômicos.



Figura 33: *Rooftop box* (<http://www.knowth.com> acessado em dezembro de 2014).

⁴³ Em relação aos enterramentos e ornamentos funerários não foi achado muita coisa em Newgrange. No sítio K foram encontrados alguns resquícios de ossos cremados, assim como em diferentes partes da tumba L. Na tumba Z também foram encontrados resquícios de ossos cremados, entretanto, o contexto havia sido perturbado.

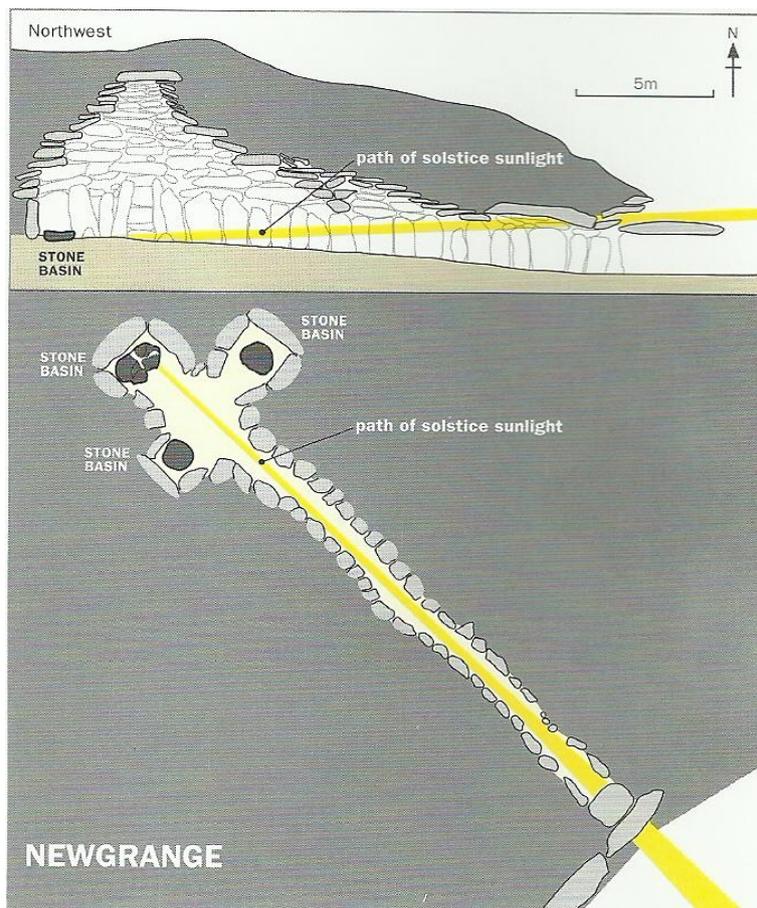


Figura 34: demonstração da passagem da luz do sol no solstício de inverno (EOGAN, 2010:20)

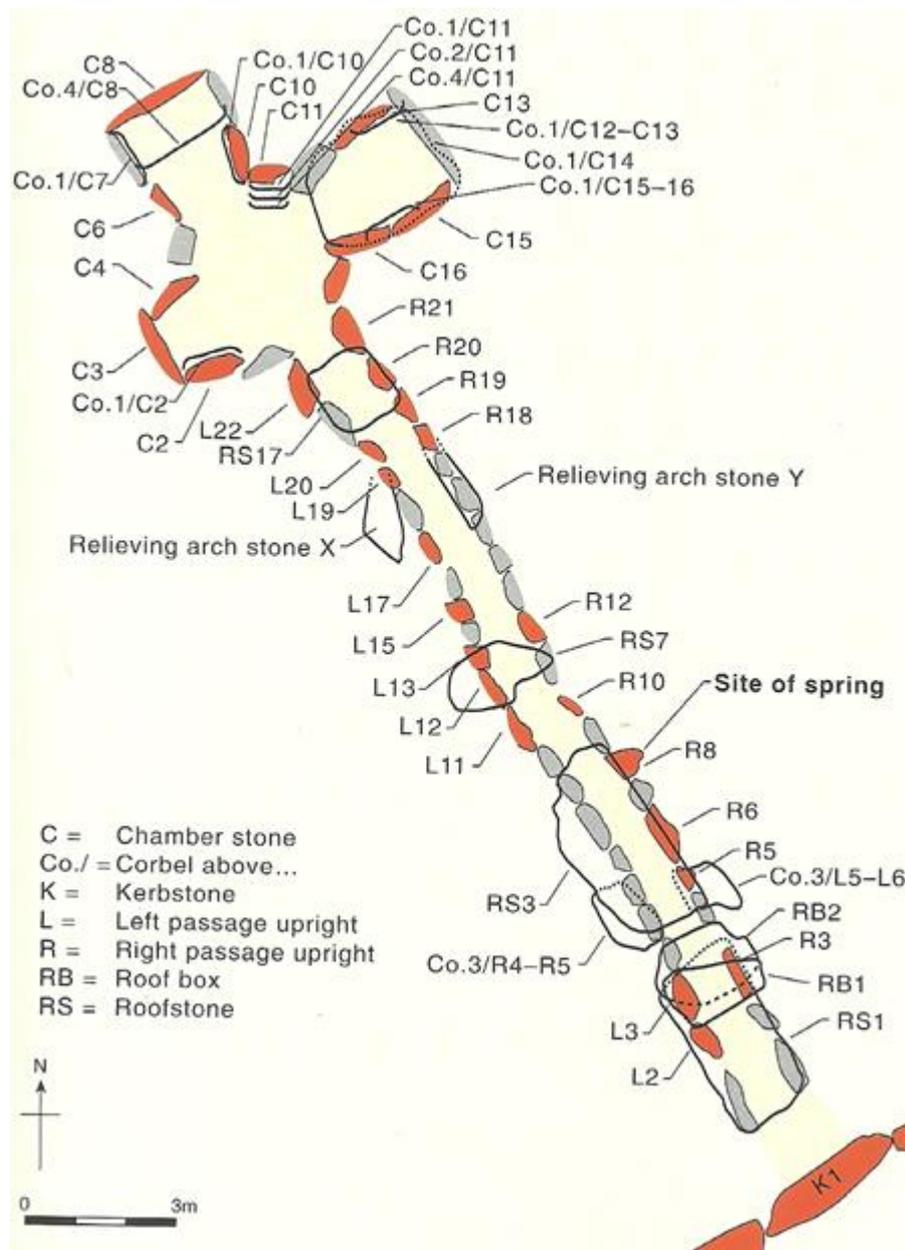


Figura 35: Detalhe dos megálitos utilizados na passagem cruciforme e nas câmaras de Newgrange (STOUT & STOUT, 2008: 29).

“Arte” megalítica é encontrada por toda a parte, com um tipo mais característico de losangos, zigue-zagues e espirais que estão em áreas de maior importância/visibilidade (a mais famosa, a tripla espiral representada no Kerbstone K1 na entrada da tumba – ver figura 36).



Figura 36: “Arte” megalítica – Kerbstone K1 contendo a espiral tripla na entrada de Newgrange (acervo pessoal, maio 2015).

No final do Neolítico e Início da Idade do Bronze, Newgrange, como mencionado anteriormente, teve seu foco ritual modificado, como já explicado no final do capítulo 2. Dentre as construções mais importantes, destaca-se a construção de um *cursus* (não é possível fazer uma datação exata, mas acredita-se ser contemporâneo à construção e utilização de Newgrange) cerca de 100 metros a leste da tumba principal, composto por duas margens paralelas com cerca de 20 metros de distância com orientação norte-sul. A parte final com formato em U no Sul comanda um ponto de

visualização avantajado seja de Newgrange, seja da paisagem ao seu redor, controlando o que pode ser visto durante a procissão.

Na Idade do Bronze Inicial (2875 a.C.-2455 a.C.), um círculo de madeira enorme⁴⁴ com cerca de 67 m de diâmetro (com seus postes de madeiras separados com 1 metro de distância entre si) foi construído a sudeste do túmulo principal (e abarca a tumba de passagem Z). As madeiras são anteriores ao círculo de pedras que fica ao redor de Newgrange composto por *standing stones* (12 delas sobreviveram e possuem entre 2-2,5 metros de altura. Se esse círculo foi completo, chegou a possuir 38 pedras enormes, possuindo um diâmetro de cerca de 104 metros).

O fosso contém enterradas oferendas votivas e ossos de animais e, dentro do círculo de madeira, é possível observar sinal de atividade com resquícios de materiais feitos de sílex e cacos de cerâmica (*Grooveware* e *Beaker*). Há ainda um círculo de madeira menor, com 13 metros de diâmetro contemporâneo ao maior.

Dois *henges* planos foram construídos na margem do Rio, abaixo de Newgrange (ambos foram arados) mas possuíam cerca de 70 metros de diâmetro.

⁴⁴ Escavações arqueológicas chefiadas por David Sweetman entre 1982 e 1983 revelaram sua presença.

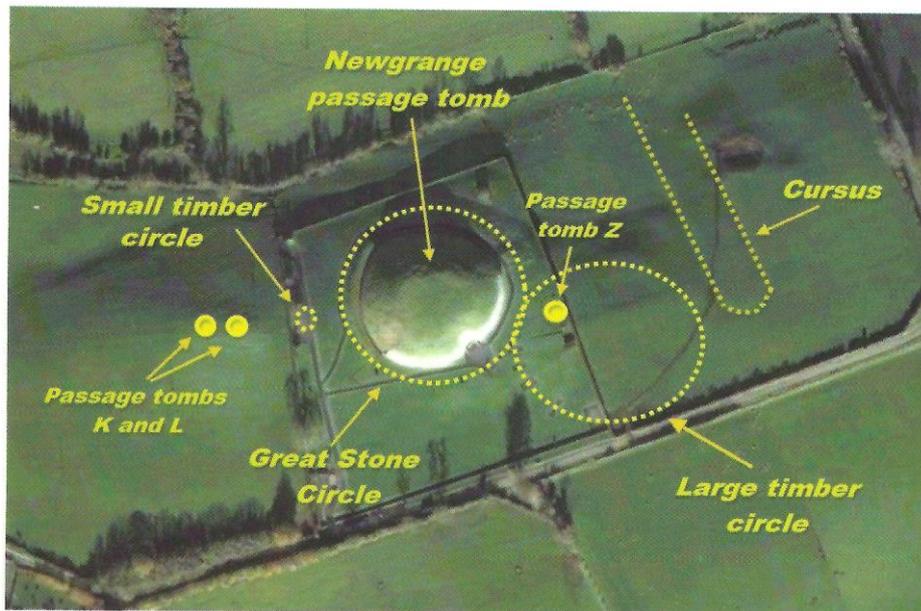


Figura 37: visão aérea de Newgrange e os monumentos satélites compondo uma paisagem ritual no período compreendido entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze Inicial (CONDIT & COONEY, 2014).



Figura 38: vista da parte norte do que seria o círculo de madeira que engloba a tumba de passagem Z, posicionada a leste de Newgrange (acervo pessoal, maio 2015).

3.2.2. Knowth



Figura 39: Imagem de satélite de Knowth (GOOGLE EARTH, 2013).

O complexo está localizado na parte ocidental do complexo do Vale do rio Boyne, a oeste de Newgrange numa parte íngreme logo acima do rio. Como acima descrito, o complexo teve início em período concomitante ao complexo de Newgrange, e deu-se de maneira similar: assentamentos em casas de madeira. Foram identificadas duas fases de ocupação pré-construção da tumba de passagem (do tipo 3) no sítio de Knowth baseado no tipo de cerâmica utilizada e nos resquícios de três casas de madeira retangulares construídas em terreno plano compostas de uma única entrada, construídas aproximadamente em 3.900 a.C. (duas das quais se estendem para dentro da grande tumba de Knowth). Já a segunda fase de ocupação foi em torno de 3.500 a.C., contendo duas casas na parte leste da tumba, uma abaixo de uma tumba satélite e uma abaixo da passagem ocidental da tumba.

Escavações começam em Knowth em 1940, quando Macalister consegue expor metade dos Kerbstones da tumba principal e uma câmara de uma das tumbas satélites. É

somente em 1962 que George Eogan dá início à escavação do sítio como um todo e que durou 40 anos.

O monte principal que contém a tumba possui cerca de 100 metros de diâmetro, não é acessível ao público e, é o maior da Europa, contendo 85 metros de diâmetro e 9,9 metros de altura. É composto por duas tumbas construídas de costas uma para outra (como é possível observar nas figuras 40 e 41). A primeira foi encontrada em 1967, que possui o estilo denominado de indiferenciado por ser somente uma passagem. A segunda, foi encontrada em 1968 e possui o estilo de planta cruciforme (mais tradicional da Irlanda).

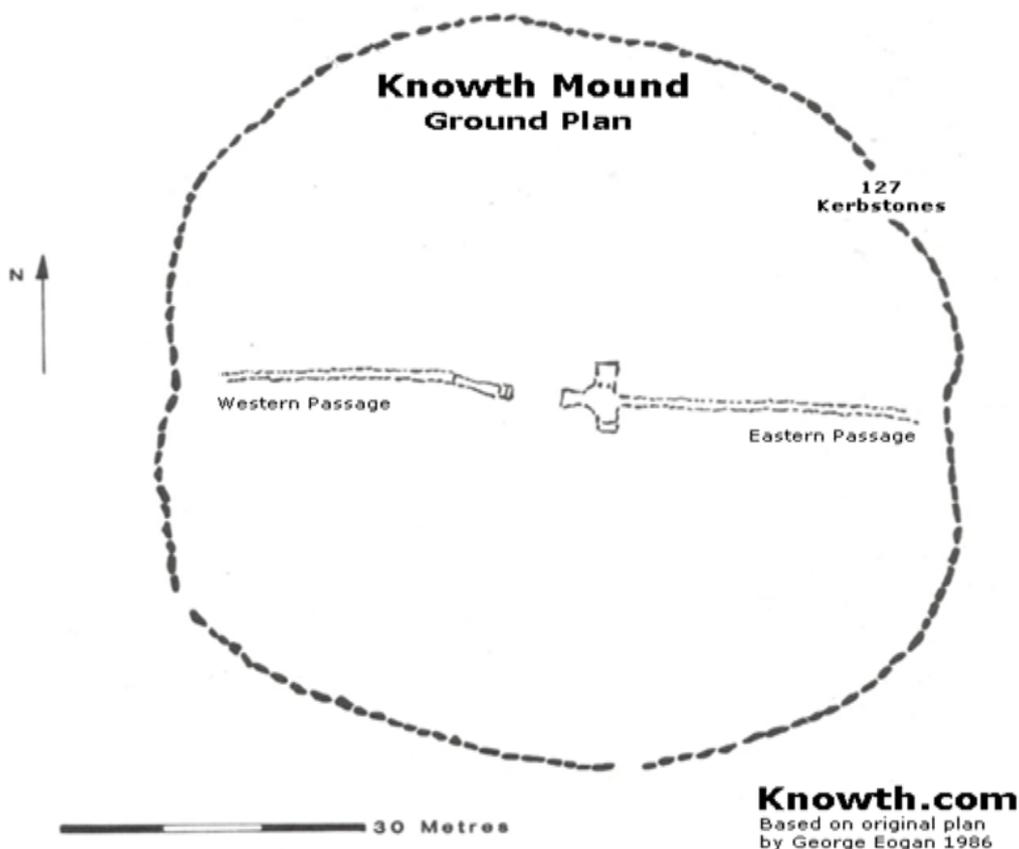


Figura 40: Planta baixa do monte principal de Knowth (<http://www.knowth.com> acessado em dezembro de 2014).

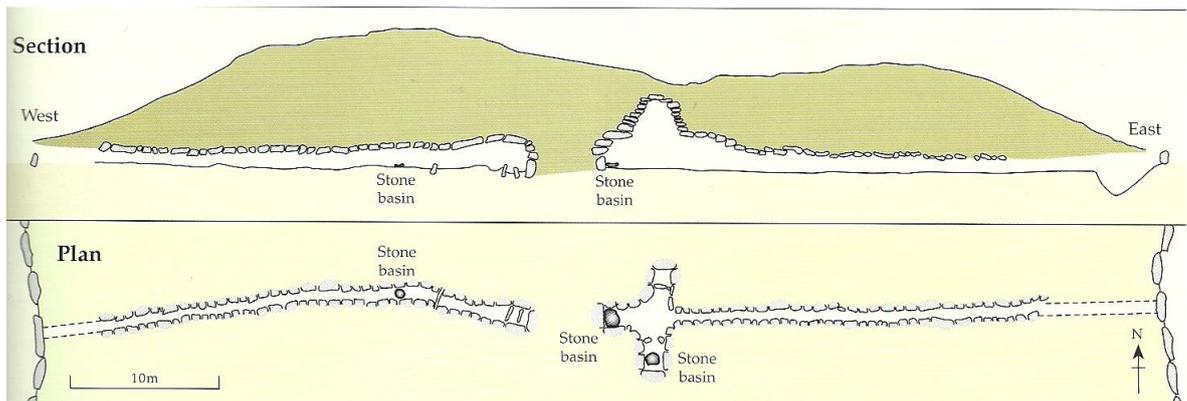


Figura 41: Seção plana do monte da tumba principal de Knowth (STOUT, 2014: 49)

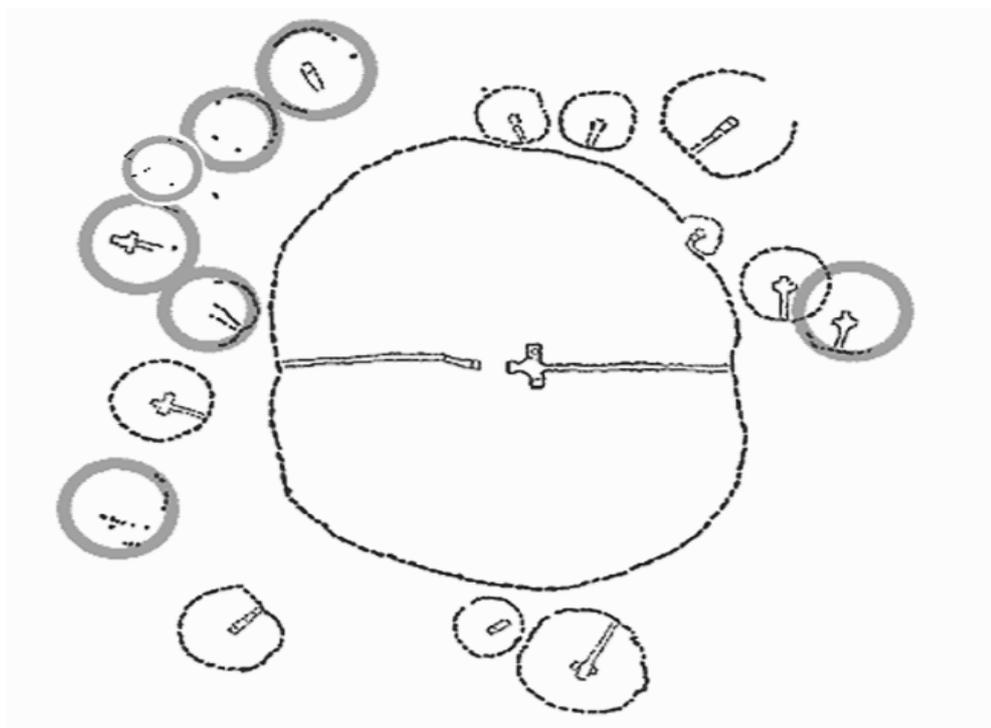


Figura 42: planta baixa das 17 tumbas satélites (<http://www.knowth.com> acessado em dezembro de 2014).

O complexo possui um total de 19 tumbas satélites que foram posicionadas ao redor da tumba principal demonstrando algum tipo de ligação ritual, identitária e ancestral com ela. Ao que tudo indica, suas construções ocorrem durante o Neolítico Final (assim como Newgrange). As tumbas satélites aparentam ser do tipo 2 por serem menores e não possuírem “arte” megalítica.

Já o monte principal que é composto pelas duas tumbas e se encaixa nitidamente na tipologia 3 de tumbas de passagem, seja pela sua complexidade, seja pela quantidade enorme de “arte” megalítica tanto em seu interior quanto em seu exterior e pelos materiais rituais encontrados em seu interior. Assim como Newgrange, a parte externa do monte contém “arte” megalítica complexa em todo seu exterior, assim como *kerbstones* decorados e posicionados verticalmente marcando suas entradas (leste e oeste).

A tumba leste possui o teto abobadado e a oeste possui uma *basin stone* (a maior encontrada na Irlanda) mais larga do que a própria passagem da tumba, o que indica que foi posicionada ali antes mesmo da construção da tumba (ver figura 43).

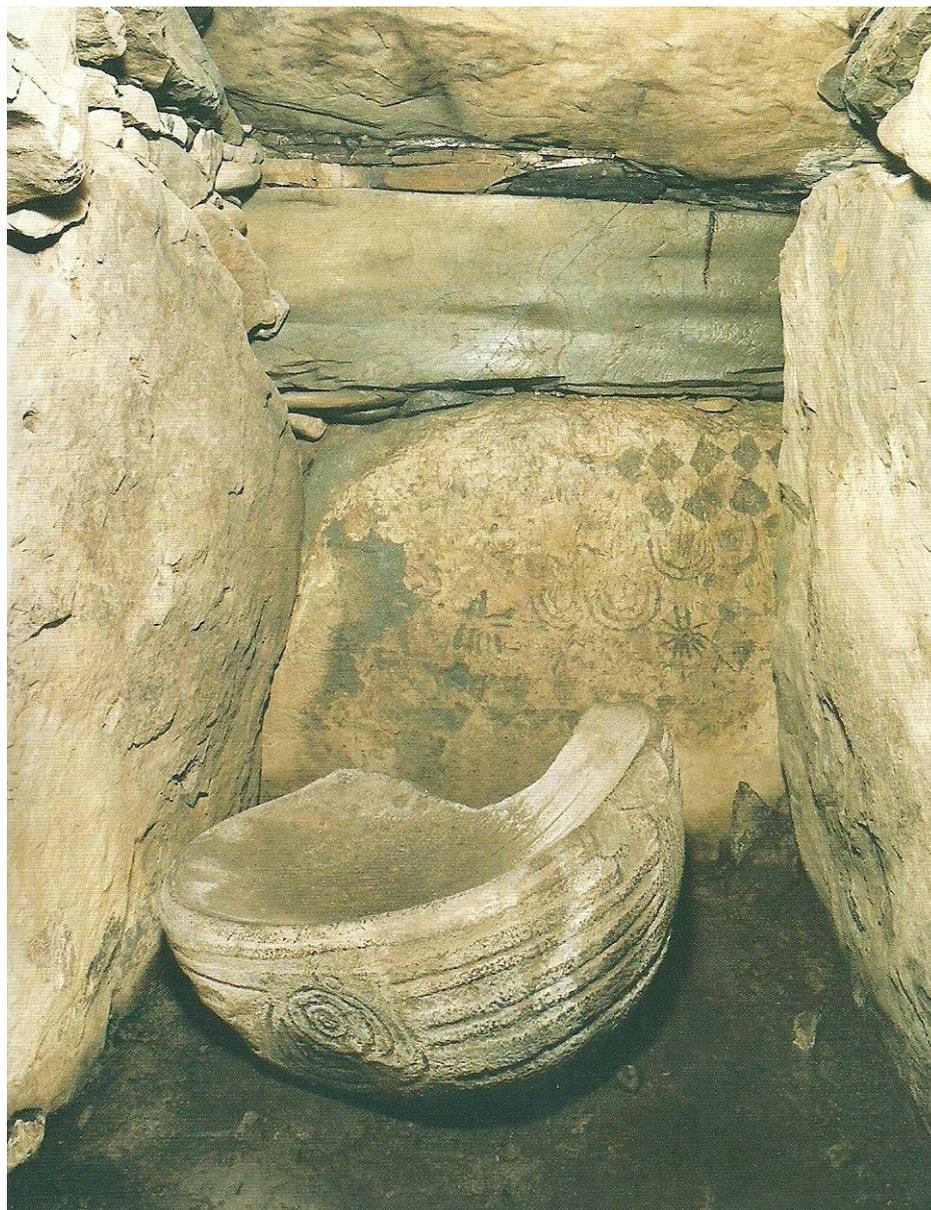


Figura 43: Bacia de pedra (*basin stone*) na tumba leste (STOUT, 2014: 51).

O túmulo principal (que contém as duas tumbas de passagem), possui um modelo semicircular, achatado (a leste e oeste na parte de duas passagens de câmaras funerárias opostas) e um parapeito contendo 127 *kerbstones* horizontais contíguos. Possui a maior coleção de arte rupestre contida em tumbas de passagem da Europa, com mais de 300 pedras decoradas que ornamentam as principais áreas da tumba e criam um grande impacto, principalmente nos *kerbstones* localizados próximos às entradas das

tumbas (como a famosa “arte” megalítica encontrada próxima à entrada da tumba oeste, ver figura 44).



Figura 44: Decoração do *kerbstone* próximo à entrada da tumba leste considerado como calendário ou disco solar (STOUT, 2014: 53).

Motivos recorrentes curvilíneos e geométricos, círculos e espirais em uma ampla variedade, indicando diversas técnicas e (possíveis) autorias. Nas tumbas satélites é muito mais raro encontrar “arte” megalítica e, quando encontrada, possui um padrão menos complexo de motivos.

Em relação aos enterramentos e resquícios humanos, na parte leste da tumba principal foram encontrados resquícios de mais de 100 indivíduos, cuja metade pertenceu a indivíduos jovens. Nas tumbas satélites somente poucos restos humanos foram encontrados.

A atividade do final do Neolítico/Início da Idade do Bronze Inicial é marcada pela construção de um círculo de madeira com 8 metros de diâmetro em frente à entrada da tumba leste (ver figura 45). Existem enterramentos de cerâmica e ossos de animais

nos fossos e em torno dos postes de madeira. Estruturas do Bronze Inicial não foram identificadas, mas existem áreas em que houve ocupação como poços, fossos, fornos de fundição contendo pedaços de materiais em sílex como pontas de flechas e setas, além de cerâmica campaniforme.



Figura 45: Círculo de madeira (reconstruído) em frente à tumba leste (acervo pessoal, maio 2015)

3.2.3 Dowth



Figura 46: foto aérea da tumba de Dowth (<http://www.knowth.com> acessado em dezembro de 2014).

O terceiro foco da atividade ritual no Vale do Boyne é a grande tumba de passagem de Dowth. Está localizada na parte leste de um cume alongado. Se compara em tamanho e em estrutura com Newgrange e Knowth, apesar de não ser muito explorado. Somente um grande recorte retangular horizontal no lado oeste do monte foi escavado no seu topo na década de 1840 em escavações apoiadas pela Royal Irish Academy.

O monte tem cerca de 85 m de diâmetro com as beiradas contendo *kerbstones* pelo menos até a metade de seu perímetro, com 66 pedras visíveis que formam uma espécie de parapeito. O monte, assim como Knowth, é composto de duas tumbas, ambas na parte oeste do monte.

A tumba menor é a que fica mais a sul, possuindo uma passagem pequena e uma câmara circular com um recesso construído a sul (cerca de 4 metros de diâmetro). Ao final do dia mais curto do ano, os raios do sol poente iluminam a passagem e a câmara

circular, de maneira similar ao evento de solstício em Newgrange. A tumba mais ao norte tem uma passagem com pouco mais de 8 metros de comprimento e que se abre para uma câmara cruciforme, com um anexo em forma de L que conduz à direita para um recuo (ver figuras 47 e 48).

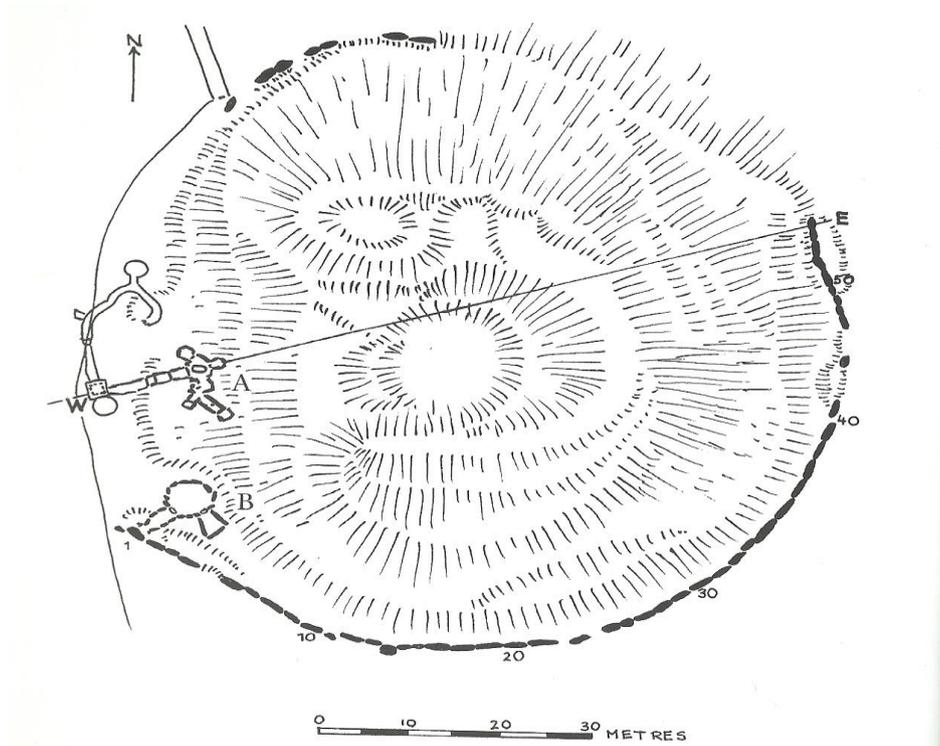


Figura 47: planta baixa das tumbas contíguas que formam Dowth, levantamento feito por Michael e Claire O'Kelly em 1969. A= Dowth norte e B= Dowth Sul (MORONEY, 1999: 8).

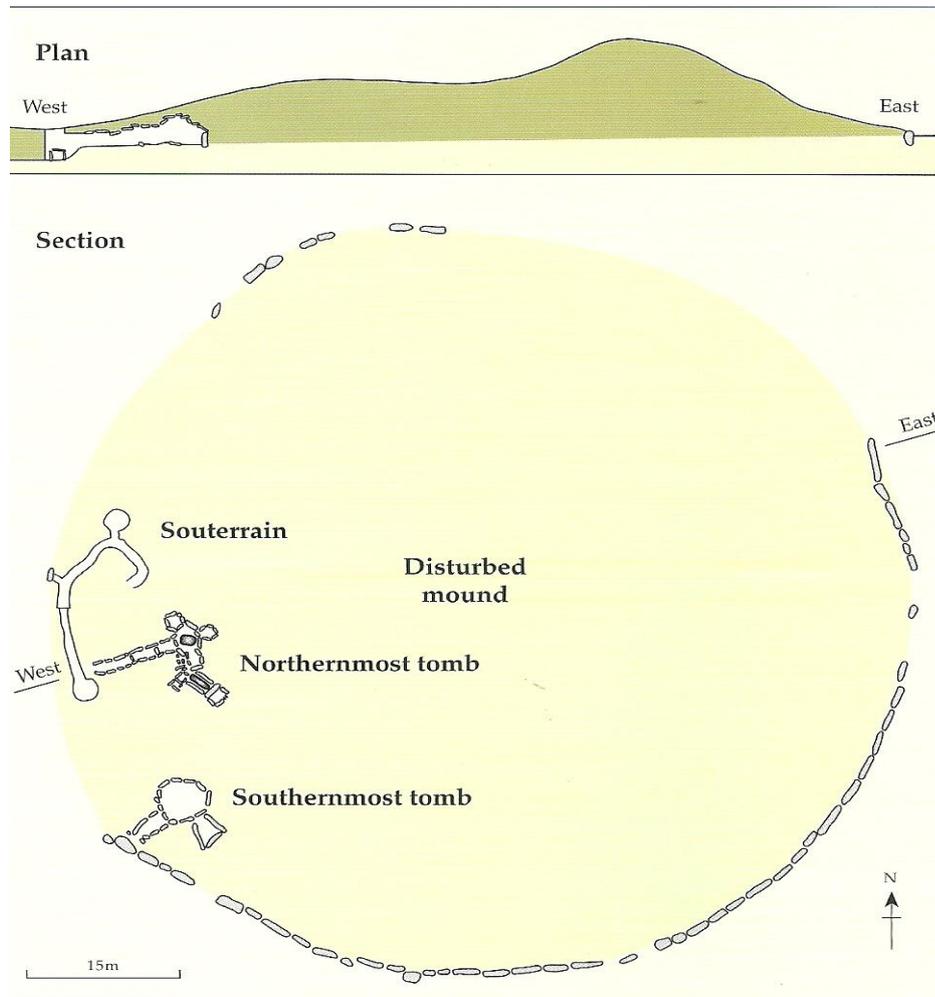


Figura 48: Plano e a planta baixa do monte Dowth contendo as duas tumbas internamente (STOUT, 2014: 55).

Dentro da parte central da câmara cruciforme existe uma bacia de pedra (*stone basin*) suficientemente grande para caber duas pessoas deitadas que provavelmente continha ossos humanos cremados. Foram encontrados alguns fragmentos de ossos de origem animal e humana no interior da tumba norte.



Figura 49: Bacia de pedra contida na tumba mais ao norte (Stout 2014: 56).

“Arte” megalítica pode ser encontrada em pelo menos 37 pedras em Dowth. 15 encontram-se nos *kerbstones*, 11 em Dowth Norte e 11 em Dowth Sul (nas passagens e nas câmaras). O círculo é o motivo mais utilizado.

Em relação a estruturas posteriores às tumbas, na parte mais a leste do complexo, existe o *henge* de Dowth, com 175 m de diâmetro (que se encontra em terras de propriedade privada, sem acesso público). Suas margens foram bem conservadas e possui 20 m de largura e até 5 m de altura, datando provavelmente de 2500 a.C. (Idade do Bronze Inicial).



Figura 50: foto aérea do *henge* de Dowth (<http://www.knowth.com> acessado em dezembro de 2014)

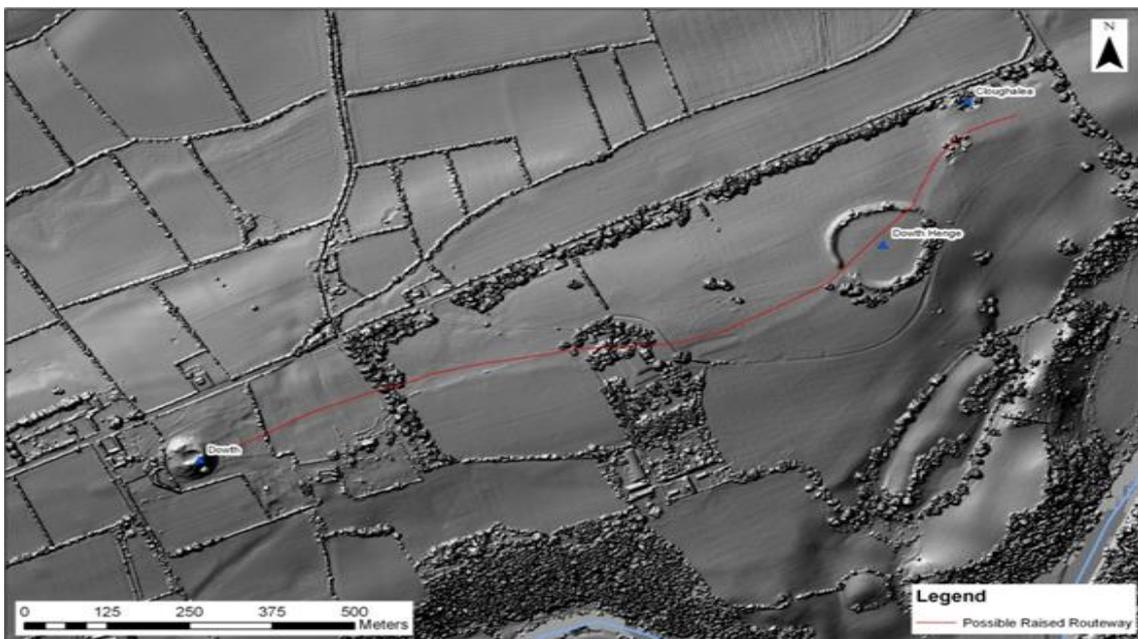


Figura 51: imagem de satélite feita por LiDar mostrando possível rota processional marcada no terreno entre a tumba Dowth e o *henge* de Dowth (<http://www.knowth.com> acessado em dezembro de 2014).

3.3. Conclusões Parciais

Neste capítulo, ao analisarmos mais pontualmente os dados paleoambientais e geográficos onde está contido o complexo de Tumbas de *Brú na Bóinne*, é possível considerarmos algumas informações cruciais. Desde o Mesolítico demonstrou ser uma área extremamente fértil e de clima mais ameno em relação ao restante da ilha, ideal para tarefas de caça (principalmente pesca do salmão) e recoleta. Escavações indicam (ainda que de maneira não conclusiva, por enquanto) que a área do Vale do Boyne teve presença humana periodicamente muito antes do início do Neolítico e a provável fertilidade e abundância do terreno fez com que cada vez mais a presença humana demarcasse esta região – até com possíveis focos rituais espalhados pela paisagem.

Não à toa, foi durante o Neolítico, com o assentamento das populações na região observadas a partir da presença de casas nas áreas em torno das tumbas principais de Newgrange e Knowth a partir de 3500 a.C., que a região sofre alterações drásticas em sua paisagem. A grande área densamente florestada dá lugar a campos de cereais, área de pastoreio e espaços rituais e funerários já delimitados para as futuras tumbas de passagem mais complexas do tipo 2 e 3.

Ao analisarmos a paisagem de cada complexo de tumbas individualmente além da área central como um todo também é possível concluirmos que, assim como no capítulo 2, há claramente uma mudança no que diz respeito às construções do Neolítico Final para o para a Idade do Bronze Inicial determinando a mudança de foco ritual de dentro dos monumentos para fora deles: a participação de grandes aglomerações de pessoas nos rituais se torna crucial.

Com o complexo de Newgrange é que é possível analisar de maneira mais enfática com as construções do enorme círculo de madeira, a criação do círculo de

pedras externo em torno de Newgrange, assim como o *Cursus*. Todos esses monumentos possuem uma ligação com a tumba de passagem principal, e a indicação maior é pela visibilidade e incorporação (é direcionado o olhar para qualquer tipo de movimentação feita dentro dessas estruturas: ou para a tumba principal, ou para o rio Boyne – esse item será melhor desenvolvido no capítulo 4).

Knowth além de possuir as 19 tumbas satélites (contemporâneas ou um pouco mais recentes do que o monte principal que contém as duas tumbas principais no tipo 3 como é visto hoje), possui um único (porém marcante) monumento marcando a mudança de foco ritual: o círculo de madeira posicionado na entrada da tumba oeste. Assim como no caso de Newgrange, esse círculo dialoga e tem seu foco o monumento principal, também pela parte de dentro (para entender melhor, ver capítulo 4).

No caso de Dowth, seu único elemento satélite é tão impressionante quanto a tumba: um *henge* de 175 metros de diâmetro à leste do monte principal. A olho nu, não é possível observarmos visibilidade e conexão direta com o monumento, porém, a partir do LiDar é possível observar uma rota processional ligando o henge à tumba de passagem (ver capítulo 4).

Desta forma, é possível concluirmos que o foco ritual de fato mudou, sim, no período que compreende o final do Neolítico Final até a Idade do Bronze Inicial. O foco deixa de ser única e exclusivamente ligado a ritos puramente funerários para prováveis ritos de celebração de ciclos naturais (como o solstício de inverno observado em Newgrange e Dowth) e ritos ligados à manutenção da memória e ancestralidade, não somente a partir da construção dos monumentos, mas sim da sua utilização com o foco voltado para os monumentos mais antigos. Demonstrando que o morto (agora um ancestral) continua tendo agência no mundo dos vivos enfática no mundo dos vivos.

Capítulo 4

4. Por uma nova metodologia

4.1. A metodologia como experimento – algumas considerações

Antes de adentrar na análise dos dados obtidos, é necessário levar em consideração que, assim como os colegas das ciências duras, a presente pesquisa funcionou como um experimento. Desta forma, se faz imperativo avaliar os seguintes itens antes de prosseguir: **a) Limitações do processo; b) Condições; c) Seleções efetuadas;**

a) Limitações encontradas durante o processo de coleta de dados:

A primeira dificuldade que deve ser considerada é relativa à coleta dos dados da análise fenomenológica. Para que esta fosse possível, foi necessário ir a campo para que o levantamento dos dados pudesse ser feito de forma plausível, *in situ*, em vez de utilizar descrições realizadas por outros pesquisadores e se basear somente em coordenadas geoespaciais conseguidas por meio de ferramentas como o Google Earth, mapas e imagens de satélites.

Assim, como já informado anteriormente, foi feita uma viagem de pesquisa para coleta de dados e reconhecimento de campo e, devido às limitações já conhecidas pelos pesquisadores brasileiros, o tempo desta foi muito curto se considerarmos a quantidade de dados que deveriam ser coletados, já que o foco era o perceber e experimentar a paisagem.

Foi, então, possível disponibilizar quatro dias para a análise e coleta de dados. O primeiro, foi uma visita técnica ao complexo de tumbas de *Brú na Bóinne* como parte do evento *Europa Conference: The Origins of Monumentality* oferecido pelo

Prehistoric Society na *University College Dublin*, com os maiores especialistas da área: o que se mostrou crucial para a pesquisa.

Os três demais dias foram utilizados para retornar ao sítio de *Brú na Bóinne* e coletar os dados. Apesar das tentativas e dos vários contatos (antes e durante a ida ao local), não foi possível conseguir uma liberação para uma visita de estudante e pesquisador, técnica (especializada), fazendo com que a pesquisadora só tivesse acesso como visitante, como parte do grande público. Este impedimento dificultou a captação de dados seja por determinar o tempo em que, como visitante, poderia ficar em cada monumento (somente o tempo da visita guiada), seja por conta do acesso restrito a eles (não se acessa o complexo de Dowth como parte da visitação e precisa de uma liberação do dono das terras onde o complexo se encontra) e de limitações como não poder fotografar no interior de Newgrange.

Outro fator crucial que impediu uma coleta de dados mais precisa, foi relativo à limitação técnica: por não possuir um aparelho de georeferenciamento profissional (GPS) (mais adequado às demandas da atual pesquisa), foi necessário a utilização de aplicativos para *smartphones* e *tablets* que funcionassem como um GPS e permitissem marcar as fotos tiradas pela pesquisadora com as coordenadas espaciais, focando uma futura análise.

Dentre os aplicativos disponíveis, foi necessário um que oferecesse o georeferenciamento mais preciso possível. O escolhido foi o aplicativo chamado *GPS Log*, que oferecia a menor perda (entre 5 e 7 metros – já considerados suficientemente grandes levando-se em conta que para analisar percepções fenomenológicas, centímetros fazem a diferença). O desafio encontrado em campo, na verdade, foi ainda maior, uma vez que o sinal da internet se mostrou intermitente, fosse na área ao redor

dos monumentos, fosse na parte interna deles. Isso fez com que algumas marcações do GPS saíssem com erros e repetições, mesmo com a pesquisadora tendo observado o problema a tempo e retornando aos locais com o objetivo de refazer as marcações, forçando a pesquisadora a desistir da marcação e análise na parte interna das tumbas Newgrange, Dowth e Knowth.

A proposta inicial de criar os mapas a partir do zero em programas como o ArcGIS e QuantumGIS, mostrou-se inviável devido a alguns fatores como tempo disponível e conhecimento técnico/específico da pesquisadora. Ao ter contato maior com os programas e com leituras técnicas mais aprofundadas, observou que não somente a criação das relações dentro do banco de dados do GIS seriam necessárias, mas ainda seria imperativo a sobreposição de mapas e a vetorização dos mesmos: mapas de relevo, de identificação das estruturas arqueológicas por parte das autoridades irlandesas etc. Os mapas (principalmente os mais específicos da região em estudo), em sua grande maioria, só estão disponíveis e acessíveis em versões já alteradas para determinados estudos específicos, nos quais os metadados estão disponíveis para acesso público, porém incompletos e/ou incompatíveis com os programas utilizados nesta pesquisa, como o Quantum GIS.

Tendo em vista a ampla quantidade de dados a serem trabalhados, além da sobreposição, vetorização e criação dos novos mapas no GIS, mostrou-se inviável colocar em prática a proposta inicial, tornando-se um grande desafio que, infelizmente, não foi vencido devido ao curto espaço de tempo que decorreu desde a qualificação. Foi observado que seriam necessárias etapas para a sobreposição, vetorização e processamento dos dados nos mapas, que ultrapassariam muito o tempo de análise imaginado e proposto para o mestrado. Além disso, acredita-se que seja crucial um

curso específico para a utilização do GIS voltado para análise arqueológica para os pesquisadores que pretendem levar a frente o desafio. Quando se trata da criação de mapas e análises na escala proposta o tempo teria que ser muito maior para que um pesquisador sozinho conseguisse levar à frente, sendo necessário muito mais do que os 5 meses restantes desde a qualificação.

Desta forma, optou-se por utilizar os mapas criados no GIS pelos pesquisadores que levaram à frente a fase III do Relatório Final do projeto de levantamento da paisagem do Vale do Boyne feito pelo *Irish Heritage*⁴⁵. A solução encontrada foi utilizar mapas criados em GIS e suas consequentes análises espaciais de visibilidade (*viewsheds*) criados para esta fase do Relatório e adequar sua utilização e análises para a presente pesquisa, em conjunto com as imagens de satélite e LiDar, além da análise fenomenológica.

b) Condições:

Ponderando as limitações observadas, as condições nas quais os dados foram coletados – o pouco tempo para coletá-los, as restrições da visitação dos sítios e o funcionamento inadequado (e inesperado) do programa de GPS – fizeram com que o resultado final da pesquisa não fosse o idealizado no seu planejamento original.

A partir da exposição dos fatos que comprometeram o andamento ideal da presente pesquisa, foram necessários alguns ajustes, principalmente no que diz respeito às seleções feitas e aos tipos de dados disponíveis.

Se for levado em consideração a grande quantidade de dados e informações que poderia ser coletada no complexo de tumbas de *Brú na Bóinne*, mesmo se durante o

⁴⁵ (DAVIS *et alli*, 2010).

processo fosse concedido à pesquisadora uma entrada diferenciada (diferente do grande público), foi notado que seria necessário um tempo em campo maior, provavelmente mais do que uma semana, dedicando alguns dias para cada complexo de tumbas, para que uma única pessoa sozinha conseguisse obter a quantidade dos dados imaginados no primeiro momento da pesquisa.

Em relação às ferramentas utilizadas, mostrou-se essencial a utilização de um aparelho de GPS profissional, que forneceria marcações mais precisas evitando, desta forma, os erros e problemas enfrentados com o aplicativo para *smartphones*.

Outro fator importante foi a época do ano e a condição climática em que os dados foram coletados. Os dados foram coletados entre o dia 31 de maio e 3 de junho, e infelizmente, todos os dias foram extremamente fechados e chuvosos, dificultando qualquer observação mais apurada da influência da luz solar nos monumentos e direcionamento do vento, por exemplo. Esse fato demonstrou que seria interessante que a pesquisa pudesse ser realizada em diferentes épocas do ano, já que o clima e a variação de luz assim como o direcionamento do vento influenciam muito na questão sensorial (visibilidade x invisibilidade, direcionamento da luz e do vento, questões olfativas provocadas pela vegetação e a chuva em determinadas épocas do ano).

Como já foram mencionadas as limitações de acesso e visitação além do tempo limitado para a visitação, buscou-se visitar o complexo em momentos diferentes, procurando uma forma mais completa de conseguir os dados: no período matinal (de manhã cedo, entre as 8 e 11 horas) e no período vespertino (entre 13 e 18 horas). No período noturno, a partir do entardecer, como o último horário de visitação era 17:30 hr., não foi possível fazer qualquer tipo de análise.

Deste modo, foi possível visitar o complexo de Newgrange de manhã e no período da tarde, o de Knowth de manhã e também no período da tarde. Já o complexo de Dowth, infelizmente, só foi possível visitar no período da tarde, durante a visita técnica do evento da *Prehistoric Society* em 31/05/2015, causando mais uma limitação para uma análise mais completa.

c) As seleções efetuadas:

A partir das limitações e condições adversas acima expostas, foi necessário realizar algumas seleções na amostra de mapas, imagens de satélite e LiDar, fotografias da pesquisa de campo e da análise fenomenológica.

Considerando o enfoque principal da pesquisa como a mudança de foco ritual do final do Neolítico para a Idade do Bronze Inicial, foram escolhidos “pontos” entendidos como cruciais para este enfoque (denominados aqui de amostras). Assim, cada ponto escolhido foi pensado dentro da relação estruturas do Bronze Inicial com as estruturas do Neolítico Final, ou seja, de monumentos satélites e sua relação (visibilidade, posicionamento, sensorial) com as tumbas de passagem e/ou vice-versa.

Devido às dificuldades com o sinal do aplicativo de GPS, a análise da parte interna das tumbas de passagem não será considerada nas amostras escolhidas, como era o objetivo num primeiro momento da pesquisa.

Para cada amostra escolhida, foi criada uma ficha de análise baseada na tabela de análise fenomenológica anteriormente mencionada (chegou-se à conclusão que a criação da tabela fenomenológica por área tornaria difícil e confusa a compreensão em uma versão impressa do material, já que as tabelas ficariam com excesso de informação e difíceis de comparar entre uma folha e outra).

Desta maneira, cada ficha contém os dados da análise na seguinte ordem: a imagem do ponto georeferenciado *in situ* marcado na imagem de satélite (Google Earth) e, em seguida, segue a análise fenomenológica da amostra contendo imagens tiradas do local para uma melhor compreensão da amostra. Em um segundo momento, a análise das amostras é inserida e cruzada com os métodos quantitativos/computacionais disponíveis como: mapas criados em GIS contendo análise espacial de visibilidade (*viewsheds*) e imagem de LiDar (quando presentes).

As fichas de análise, não são puramente fenomenológicas pois possuem o georeferenciamento e a imagem de satélite do ponto escolhido. Ao comparar e cruzar as fichas e os dados nela contidos com os dados dos mapas de GIS criados pelo III relatório da paisagem de *Brú na Bóinne*⁴⁶ assim como as análises espaciais de visibilidade (*viewsheds*) por eles obtidos traz à tona o uso da metodologia criada, que associa a análise dos dados computacionais/quantitativos dos mapas e imagens à análise fenomenológica das amostras escolhidas.

4.2. As fichas de análise

⁴⁶ (DAVIS *et alli*, 2010).

Ficha 1

Identificação: Amostra 1 – entrada da tumba de passagem Newgrange

Imagem:



Imagem obtida a partir do Google Earth juntamente com o programa GPS Log utilizado para marcar os pontos do GPS na pesquisa de campo (acervo pessoal, Junho 2015).

Geotag: 53°41'42.10"N, - 6°28'40.54"O'. Elevação: 45 metros (dados obtidos com o GPS Log e Google Earth).

Descrição: ponto marcado na entrada da tumba de Newgrange entre a entrada da tumba e a pedra denominada *Kerbstone 1* – que foi marcada pelo seu posicionamento “bloqueando” a entrada da tumba e pela presença da “arte” megalítica mais famosa do complexo de tumbas de *Brú na Bóinne*: a trílice espiral.



Imagem da visibilidade do ponto escolhido: a partir de uma linha reta da entrada da tumba (acervo pessoal, junho 2015).



Imagem da entrada da tumba, ponto escolhido como amostra 1 (acervo pessoal, junho 2015).



Imagem da visibilidade da entrada da passagem da tumba atrás do ponto escolhido como amostra 1.

Posicionamento: seu posicionamento em relação ao complexo de Newgrange é centralizado, uma vez que a partir deste ponto é possível observar a “queda” do terreno em direção ao rio Boyne (à Sudeste) e a paisagem mais aberta ao seu redor, assim como as estruturas satélites como o círculo de madeira à leste, a tumba Z e o *cursus*.

Alinhamentos: consideraremos seu alinhamento conjuntamente com o famoso *rooftopbox* que se encontra logo acima da entrada da tumba, ou seja, está alinhado com o sol nascente do solstício de inverno, já que alguns relatos dão conta que antes do sol adentrar pelo *rooftopbox*, ele bate na entrada da tumba. À leste encontra-se o monumento satélite mais importante, o enorme círculo de madeira da Idade do Bronze e a nordeste o monumento conhecido como *cursus* na direção sudeste-sul o Rio Boyne.

Visibilidade: o indivíduo que se posiciona de costas para a entrada da tumba, tem o olhar diretamente direcionado para parte do semi-círculo de *kerbstones* (*standing*

stones) que estão localizados ao redor da tumba, muito provavelmente por se destacarem pela cor (em relação à grama) e que por serem estruturas que possuem maiores do que um ser humano em pé. Sem segundo plano às *standing stones*, mais para a esquerda e ao fundo, o olhar é direcionado para os pedaços de madeira que demarcam o posicionamento dos postes do enorme círculo de madeira (monumento satélite da Idade do Bronze Inicial). Em terceiro plano, o foco se torna os pontos naturais como a descida do relevo em direção ao Rio Boyne. É possível ainda observar a parte da lateral da tumba satélite Z à esquerda, e sabendo da localização do *cursus* (ver figura 38 no capítulo 3), é possível inferir que seria possível enxergar movimentação dentro do mesmo (se o indivíduo soubesse para onde olhar). Não é possível observarmos as demais tumbas principais desta posição atualmente (Kowth e Dowth).

Incorporação: o posicionamento do indivíduo na entrada na tumba foi claramente dificultado pela presença do *kerbstone* 1, que de certa forma “vedava” a entrada da tumba. O posicionamento de um indivíduo nesse local possui um sentido ambíguo: em relação à tumba, se posicionado de frente para ela, ela passa a impressão de grandiosidade e funciona como um abrigo em relação à paisagem mais aberta, forçando o indivíduo a se dobrar ao entrar, reforçando, talvez a sua pequena significância em relação ao enorme monumento; se posicionado de costas para a tumba e de frente para paisagem aberta, o corporal do indivíduo se modifica: por estar em um local mais elevado daquela paisagem, ele tem uma visão panorâmica da mesma, fazendo com que automaticamente, domine visualmente a paisagem.

Som: a influência do vento e da chuva nesta paisagem foi muito grande durante o período de análise, funcionando como um “tampão” para qualquer tipo de som na área externa. A sensação é de isolamento acústico mesmo na paisagem externa.

Textura: a textura gelada e grossa do *kerbstone* 1 e o impressionante trabalho na pedra com a marcação da “arte” megalítica faz um contraste grande entre as texturas dele com o *quartzo* branco.

Cor: o indivíduo posicionado de frente para tumba, o que mais chama atenção é o contraste do muro de *quartzo* com o restante da construção. Já o indivíduo posicionado de costas para a tumba e de frente para a paisagem ao redor, fica óbvio o contraste do horizonte com a grama, da grama com as pedras do semicírculo de *kerbstones* e com os postes de madeira do círculo de madeira satélite. É provável que com uma incidência solar maior (um dia ensolarado) o contraste deve ser ainda maior devido à incidência de luz nas pedras, nos pedaços de madeira e na grama, além do céu azul.

Olfato: devido à chuva e ao vento, não foi possível definir nenhuma questão olfativa.

Sensação: como anteriormente mencionado, a sensação é de isolamento total (acusticamente) e ambígua se considerarmos um indivíduo de frente e de costas para a tumba. Um indivíduo de costas para a entrada da tumba, tem a sensação de estar em uma área elevada da paisagem, olhando para a “queda” do relevo à sua frente e o rio Boyne: é uma sensação de liberdade e de superioridade. Um indivíduo de costas para a paisagem ao redor e de frente para a entrada do monumento, tem o impacto do tamanho da estrutura e da sensação de abrigo, além do impacto da cor do branco do muro de *quartzo*.

Ficha 2

Identificação: Amostra 2 – círculo de madeira (monumento Satélite da Idade do Bronze no complexo de Newgrange)

Imagem:



Imagem obtida a partir do Google Earth juntamente com o programa GPS Log utilizado para marcar os pontos do GPS na pesquisa de campo (acervo pessoal, Junho 2015).

Geotag: variando de 53°41'40.58''N até 53°41'38.81'' N. 6°28'38.92''O' (com variações ao longo do monumento). Elevação variando entre 54 metros e 49 metros (dados obtidos com o GPS Log e Google Earth) (foram marcados 4 pontos no mapa onde estão escavados os postes de madeira dentro da área do complexo de Newgrange).



Imagem da escavação dos postes de madeira mais a sudeste da tumba de Newgrange que define parte da amostra 2 (acervo pessoal, junho 2015). Os retângulos marcados no terreno são a parte escavada do círculo de madeira



Imagem da visibilidade do que seria o interior do círculo de madeira com o olhar direcionado para Newgrange que define parte da amostra 2 (acervo pessoal, junho 2015).



Imagem da visibilidade do que seria o interior do círculo de madeira com o olhar direcionado para Newgrange que define parte da amostra 2 (acervo pessoal, junho 2015).

Descrição: o círculo de madeira, teria sido construído por postes de madeira, como já mencionado no capítulo 3. Atualmente, encontra-se parcialmente escavado, funcionando como um semicírculo contendo retângulos escavados e postes de madeiras curtos próximo a Newgrange. Os pontos foram marcados a partir de cada retângulo escavado (observados nas imagens acima), havendo variações e erros devido à má cobertura de internet na área (como já explicado anteriormente). O círculo de madeira engloba ainda a tumba Z (ver figura 39).

Posicionamento: encontra-se a sudeste do túmulo principal e chega a tangenciar o semicírculo de *standing stones* ao redor de Newgrange. À nordeste encontra-se o *cursus*. O rio Boyne percorre sua direção Sul-Sudeste.

Alinhamentos: não é possível determinar qualquer tipo de alinhamento da estrutura, além dos posicionamentos acima mencionados.

Visibilidade: o foco do direcionamento de olhar a partir de um indivíduo posicionado na parte de dentro do círculo de madeira é, sem dúvida, Newgrange. De todos os pontos analisados, é possível observar o monumento. Considerando que o círculo está numa área de descida, o foco se torna o que está mais ao alto, no caso, Newgrange. Outro

possível foco a partir de dentro do círculo seria o *cursus*. Deve-se considerar que um ponto principal de visibilidade seria o muro de *quartzos* de Newgrange, devido à luminosidade das pedras brancas. De qualquer maneira, não é possível afirmar com precisão o padrão de visibilidade e luminosidade no círculo de madeira, uma vez que ele foi construído concentricamente e não há medidas exatas do tamanho dos postes (que poderiam facilmente vedar a visibilidade em determinados pontos internamente ou vedar a visibilidade de quem encontra-se do lado de fora do círculo. Atualmente também não é possível dali observar as tumbas Knowth e Dowth.

Incorporação: por ser um círculo de madeira concêntrico, é possível interpretar que haveria um padrão de movimentação dos indivíduos na parte interna e externa do círculo – é possível que houvesse algum tipo de vedação do acesso a partir de determinados pontos do círculo por sua concentricidade. Ainda é possível concluir que há o impedimento de passagem de mais de um indivíduo entre os postes de madeira (a tirar pelas distâncias entre cada um).

Som: atualmente, tem-se a mesma sensação de tampão e isolamento de qualquer som devido à chuva e ao vento. É provável que, dependendo da altura dos postes de madeira, houvesse uma vedação do som na parte interna do círculo: um indivíduo na parte externa não escutaria o que está acontecendo na parte interna e vice-versa.

Textura: não é possível provar qualquer alteração da textura da madeira pois os postes originais não existem mais.

Cor: há o contraste da madeira com a grama/vegetação e da madeira com o monumento de pedras (Newgrange) à sua esquerda. Principalmente se considerarmos o muro de pedras de *quartzos*. É possível que em um dia ensolarado, a luminosidade incida de maneira tal que destaque ainda mais o contraste *quartzos* x madeira.

Olfato: devido à chuva e ao vento, não foi possível definir nenhuma questão olfativa.

Sensação: a partir do ponto de vista de um indivíduo do lado de dentro do círculo de pedras, é possível compreender o foco em Newgrange, principalmente se considerarmos sua “elevação” em relação ao círculo (que está “descendo” em direção ao rio Boyne). Newgrange domina a visibilidade das partes analisadas do círculo. Mesmo considerando os círculos concêntricos feitos em postes de madeira, a distância entre os postes provavelmente criaria um jogo de visibilidade x invisibilidade momentânea de Newgrange, se considerarmos um indivíduo circulando ali dentro. A tumba Z que está contida na parte mais ao norte deste círculo atualmente só pode ser percebida pela sua estrutura plana. É provável que na pré-história funcionasse como outro ponto de foco do olhar, assim como o *cursus*. Desta forma, traz à tona a sensação de direcionamento e foco de olhar de acordo com a movimentação dentro do círculo, além do provável jogo de visibilidade e invisibilidade dos monumentos ao redor.

Ficha 3

Identificação: Amostra 3 – ponto marcado na entrada oeste da tumba de passagem

Knowth.

Imagem:



Imagem obtida a partir do Google Earth juntamente com o programa GPS Log utilizado para marcar os pontos do GPS na pesquisa de campo (acervo pessoal, Junho 2015).

Geotag: 53°42'08.49'' N 6°29'28.27''O. Elevação: 60 m



Imagem a partir do ponto de observação da entrada oeste da tumba principal de Knowth a partir do ponto de vista da *standing stone* escolhido como amostra 3 (acervo pessoal, Junho 2015).



Imagem demonstrando a vista lateral da *standing stone* escolhida como amostra 3 (acervo pessoal, junho 2015).



Imagem feita a partir da entrada da tumba oeste de Knowth. Ponto de vista da tumba para a paisagem ao redor (acervo pessoal, Junho 2015).

Descrição: ponto marcado na entrada oeste da tumba principal de Knowth. Está localizado na parte oeste da tumba principal. Pode ser considerada como uma tumba das duas tumbas que formam o monte conhecido como tumba principal. É marcada pela existência de uma *standing stone* (provavelmente um *kerbstone*) em frente à entrada e esta é bloqueada por um *kerbstone* horizontal que possui “arte” megalítica.

Posicionamento: É possível observar a paisagem ao redor se considerarmos um indivíduo de costas para a tumba e de frente para as tumbas satélites ao redor (do lado esquerdo e direito desta entrada encontram-se duas tumbas satélites, uma delas somente ainda inteira).

Alinhamentos: A passagem se estende para o centro da tumba na direção Oeste-Leste, trazendo à tona o alinhamento com o Sol: sua entrada está voltada para o sol poente e sua passagem acompanha a trajetória solar poente-nascente.

Visibilidade: o monte, a tumba como um todo se faz visível a partir de todas as tumbas satélites, pois as 19 tumbas satélites possuem ou suas entradas ou suas passagens voltadas para Knowth. Em relação à entrada oeste especificamente, a *standing stone* dá a impressão de estar funcionando como um bloqueio de visão do indivíduo que se encontra posicionado de fora da tumba (de frente para ela e de costas para a paisagem ao redor) e provavelmente até da entrada mais fácil da luminosidade solar. E para o indivíduo que se encontra posicionado de costas para entrada da tumba, a *standing stone* também funciona como um bloqueio da área ao redor. O *kerbstone* horizontal além de um bloqueio físico (um “selamento” posterior à construção da tumba) da entrada também pode alterar o padrão de visibilidade para dentro e fora da tumba. É possível visualizar em um primeiro plano ainda duas das 19 tumbas satélites (uma do lado direito e uma do lado esquerdo a essa entrada) e mais duas do lado esquerdo em um segundo plano. O rio não é visualizado deste ponto atualmente devido à vegetação, mas a Curva do Boyne ocorre se dá próxima a esta entrada (correndo na direção sudeste-sudoeste). É possível ainda observar a queda do terreno em direção ao rio, demonstrando que Knowth está numa leve elevação do terreno (leve para quem está na paisagem, porém mais acentuada do que Newgrange).

Incorporação: Como acima mencionado, além do possível bloqueio de visão pela *standing stone* localizada bem à frente desta entrada, a localização da pedra funciona como uma forma de bloqueio ao acesso direto à sua entrada. Bloqueando a entrada, literalmente, encontra-se um *kerbstone* na horizontal (um dos 127 contíguos que foram posicionados ao redor do monte da tumba) contendo “arte” megalítica. Atualmente a tumba encontra-se fechada para o acesso do público, mas é possível observar que somente um indivíduo consegue adentrar a tumba por vez, e que é necessário que ele se agache para adentrar a tumba.

Som: Assim como no caso de Newgrange, a chuva e o vento funcionam como um isolamento acústico na paisagem. É provável que um indivíduo localizado na entrada da tumba não escutasse sons muito mais distantes do que 1 metro de distância.

Textura: a textura que é possível avaliar é a do *kerbstone* na horizontal, pois é todo trabalhado com “arte” megalítica geométrica (linhas e traços). Já a pedra na vertical, a *standing stone* encontra-se polida e entalhada, mas não possui nenhuma “arte” megalítica.

Cor: Não foi possível observar grande variação de cor (considerando que as pedras estavam molhadas de chuva), somente o contraste das pedras com a grama. E a diferença de tonalidade entre a *standing stone* (mais clara e levemente amarelada) e os *kerbstones* ao redor da tumba. É provável que em um dia com a incidência de iluminação maior, algumas características das pedras saltem aos olhos (como brilho e o contraste entre tonalidades mais claras e escuras).

Olfato: devido à chuva e ao vento, não foi possível definir nenhuma questão olfativa.

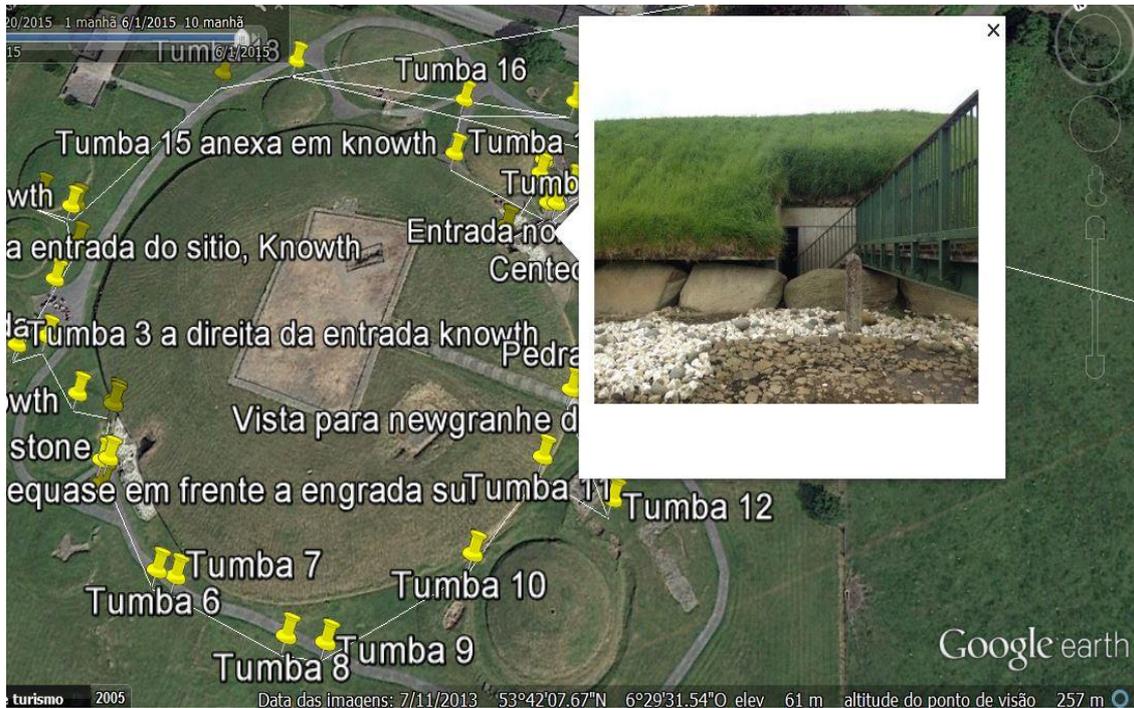
Sensação: diferentemente da sensação de domínio da paisagem de uma maneira ativa, como acontece com Newgrange, o impacto da tumba de Knowth na paisagem ocorre de maneira diferente. Grande parte disso se dá pelo fato dele não ter sido restaurado como Newgrange, apenas escavado tentando manter seu estado mais “bruto”. A impressão é de uma tumba (externamente) mais rústica. Grande parte do impacto também pode ser diminuído pela maneira do acesso atual ao complexo e por Knowth não estar posicionado tão alto em relação à esta entrada. Seu domínio da paisagem só é observável a partir de uma observação mais acurada do posicionamento das tumbas satélites que o cercam. A “descida” até o rio Boyne também ocorre de maneira menos dramática no terreno. A sensação em relação do indivíduo na paisagem aberta ocorre da

mesma forma como com Newgrange. E o impacto do da tumba no indivíduo também é menor, acredito que pelo seu posicionamento em uma área mais baixa do que Newgrange, já que o monte de Knowth é mais alto e maior.

Ficha 4

Identificação: Amostra 4 – entrada leste da tumba de Knowth

Imagem:



Geotag: 53°42'07.67''N, 6°29.31.54''O. Elevação de 61 metros.



Imagem da entrada leste da segunda tumba que está contida no monte principal de Knowth do ponto de vista de um indivíduo de frente para tumba e de costas para a paisagem ao redor. Standing stone foi escolhido como amostra 4 (acervo pessoal, junho 2015).



Imagem feita a partir da perspectiva de um indivíduo posicionado de costas para a entrada leste da tumba escolhida como amostra 4 (acervo pessoal, junho 2015).

Descrição: A entrada leste é o acesso à segunda tumba que compõe o monte conhecido como tumba principal de Knowth. Também é marcada pela presença de uma *standing stone* (provavelmente um *kerbstone*) em frente à entrada e esta é bloqueada por um *kerbstone* horizontal que possui “arte” megalítica. O terceiro *kerbstone* (à esquerda de

quem está de costas para a entrada contando a partir do que está bloqueando esta entrada) é o que contém o possível calendário observado na figura 45 no capítulo 3 – uma das maiores artes megalíticas do complexo.

Posicionamento: É possível observar a paisagem ao redor se considerarmos a perspectiva de um indivíduo de costas para a tumba e de frente para as tumbas satélites ao redor (do lado esquerdo são três). Do lado direito, em frente e levemente posicionado à direita (ainda considerando a mesma perspectiva) é possível observarmos o círculo de madeira de Knowth (construção posterior à tumba, da Idade do Bronze Inicial).

Alinhamentos: o alinhamento da tumba é na direção leste, voltada para o sol nascente. Está no lado exatamente posto à tumba oeste, e a sua passagem é na direção Leste-Oeste, deixando clara a trajetória solar ao longo do dia nascente-poente.

Visibilidade: Em relação à entrada leste especificamente, a *standing stone* dá a impressão de também estar funcionando como um bloqueio de visão do indivíduo que se encontra posicionado de fora da tumba (de frente para ela e de costas para a paisagem ao redor) e provavelmente até do bloqueio da luminosidade solar. E para o indivíduo que se encontra posicionado de costas para entrada da tumba, a *standing stone* também funciona como um bloqueio da área ao redor. O *kerbstone* horizontal além de um bloqueio físico (um “selamento” posterior à construção da tumba) da entrada também pode alterar o padrão de visibilidade para dentro e fora da tumba. É possível visualizar em um primeiro plano ainda três das 19 tumbas satélites (todas do lado esquerdo de quem se encontra de costas para a tumba principal) e de frente para a entrada da tumba, dominando a paisagem, está localizado o círculo de madeira, dominando o direcionamento do olhar do indivíduo. O rio não é visualizado deste ponto e ele passa mais afastado se compararmos com a entrada oeste, correndo na direção sudeste-

sudoeste. É possível ainda observar a queda do terreno não é tão acentuada nesta parte. Mas sabe-se que é nesta direção que Newgrange se torna visível se observada atualmente do topo da estrutura (existe uma rampa construída na tumba na parte sudeste).

Incorporação: Como já acima mencionado na ficha de análise 3, além do possível bloqueio de visão pela *standing stone* localizada bem à frente desta entrada, a localização da pedra funciona como uma forma de bloqueio ao acesso direto à sua entrada. Bloqueando a entrada, literalmente, encontra-se um *kerbstone* na horizontal (um dos 127 contíguos que foram posicionados ao redor do monte da tumba) contendo “arte” megalítica geométrica. Atualmente a tumba encontra-se aberta (e com a entrada reformada) para o acesso do público. Mesmo assim, é possível observar que somente um indivíduo consegue adentrar a tumba por vez, não sendo necessário que ele agache para entrar na tumba (pelo menos não com as modificações atuais).

Som: Assim como no caso de Newgrange e da tumba oeste, a chuva e o vento funcionam como um isolamento acústico na paisagem nesta localização também. É provável que um indivíduo localizado na entrada da tumba não escutasse, por exemplos, os sons ocorridos na parte interna do círculo de madeira.

Textura: a textura é possível avaliar é a do *kerbstone* na horizontal, pois é todo trabalhado com “arte” megalítica geométrica (linhas e traços com leves ondulações). Já a pedra na vertical, a *standing stone* não se encontra polida, e sim toda entalhada, sem uma definição se seria “arte” megalítica.

Cor: Não foi possível observar grande variação de cor (considerando que as pedras estavam molhadas de chuva), somente o contraste das pedras com a grama. Diferentemente da tumba oeste, na tumba leste não foi possível observar a diferença de

tonalidade entre a *standing stone* e os *kerbstones* ao redor da tumba. É provável que em um dia com a incidência de iluminação maior, algumas características das pedras saltem aos olhos (como brilho e o contraste entre tonalidades mais claras e escuras).

Olfato: devido à chuva e ao vento, não foi possível definir nenhuma questão olfativa.

Sensação: diferentemente da sensação de domínio da paisagem de uma maneira ativa, como acontece com Newgrange, o impacto da tumba de Knowth na paisagem ocorre de maneira diferente. Grande parte disso se dá pelo fato dele não ter sido restaurado como Newgrange, apenas escavado tentando manter seu estado mais “bruto”. A impressão é de uma tumba (externamente) mais rústica. Grande parte do impacto também pode ser diminuído pela maneira do acesso atual ao complexo e por Knowth não estar posicionado tão alto em relação à esta entrada. Seu domínio da paisagem só é observável a partir de uma observação mais acurada do posicionamento das tumbas satélites que o cercam. A “descida” até o rio Boyne também ocorre de maneira menos dramática no terreno. A sensação em relação do indivíduo na paisagem aberta ocorre da mesma forma como com Newgrange. E o impacto do da tumba no indivíduo também é menor, acredito que pelo seu posicionamento em uma área mais baixa do que Newgrange, já que o monte de Knowth é mais alto e maior. O impacto diferenciado em relação à tumba oeste, se dá pela presença do círculo de madeira, que impacta quem chega próximo a entrada e quem sai da tumba, dominando o direcionamento do olhar.

Ficha 5

Identificação: Amostra 5 – o círculo de madeira na entrada leste de Knowth

Imagem:



Geotag: 53°42'07.71''N 6°29'30.77''O. Elevação de 61 metros.



Imagem do centro do círculo (escolhido como amostra 5) da perspectiva de um indivíduo posicionado de costas para a tumba principal leste de Knowth (acervo pessoal, junho 2015).



Imagem da parte externa do círculo de madeira a partir da perspectiva de um indivíduo posicionado de costas para a tumba principal (acervo pessoal, junho 2015).



Imagem a partir da perspectiva de um indivíduo seguindo o caminho que levará ao círculo de madeira (o monumento principal está localizado à sua esquerda) (acervo pessoal, junho 2015).

Descrição: O círculo de madeira é posterior ao momento final de construção da tumba de passagem no Neolítico Final. Foi datado como sendo da Idade do Bronze Inicial. O que se vê na foto atualmente é uma restauração dos postes de madeira para dar uma ideia ao visitante de como seria a construção. Ele está localizado em frente à passagem leste da tumba principal. Diferente do círculo de madeira de Newgrange, não é concêntrico, e o espaçamento entre os postes de madeira é maior do que o círculo de Newgrange (e seu tamanho também é menor).

Posicionamento: Está posicionado em frente à tumba leste. A partir da perspectiva de um indivíduo posicionado no centro do seu interior e de frente para Knowth, é possível observar tumbas satélites à sua direita e esquerda. É interessante notar que se encontra também de frente para o *kerbstone* que possui o calendário.

Alinhamentos: Seu alinhamento se dá com a tumba leste que está direcionada para o nascer do sol.

Visibilidade: Para quem sai da tumba leste, ele rouba o foco e o direcionamento do olhar. A visibilidade para seu interior não é completamente vedada, mas devido ao fato dos postes possuírem uma largura considerável, a movimentação no seu interior faz o jogo de visibilidade de partes. A visibilidade para o seu exterior (para a tumba principal, *kerbstones* e tumbas satélites) a partir da perspectiva de um indivíduo posicionado dentro do círculo é bem provável que houvesse a intenção de direcionamento de olhar para a tumba principal visibilidade x invisibilidade de alguns pontos (principalmente se considerarmos os *kerbstones* com “arte” megalítica que estão ao redor da tumba.

Incorporação: a movimentação do indivíduo e seu posicionamento são cruciais neste círculo. Fica mais do que clara sua ligação com a entrada leste da tumba. Não existe um caminho delimitado atualmente entre o círculo e a entrada da tumba, mas é possível que tenha existido. Por não ser um círculo muito grande, não comportaria muito mais do que no máximo meia dúzia de indivíduos em seu interior. Os espaçamentos entre os postes de madeira só permitem a passagem de um indivíduo por vez. Como os postes são mais altos do que um ser humano, há a impressão de restrição de movimentos dentro do círculo.

Som: a sensação da sonora da paisagem foi a mesma das fichas anteriores (a de um tampão e de vedação de sons devido à chuva e ao vento). Dentro do círculo, não há a impressão de vedação de som, mas provavelmente dificultava a audição de barulhos externos. Na parte externa do círculo, também é muito provável que fosse difícil escutar muitos sons da parte interna do círculo (principalmente devido ao vento constante).

Textura: há um contraste entre a textura de materiais no perímetro – a madeira contida no círculo e as pedras da tumba principal e tumbas satélite. Como o círculo não contém

os postes originais, é impossível fazermos uma análise aprofundada da textura da madeira.

Cor: existe também o contraste entre o marrom da madeira, a grama e a coloração das pedras. É possível que a variação de luminosidade tornasse o contraste ainda mais acentuado em um dia ensolarado.

Olfato: devido ao vento e à chuva, não foi possível fazer qualquer observação olfativa.

Sensação: o círculo de madeira está localizado na parte mais inferior do terreno (em relação à Knowth), na descida do terreno. Isso faz com que um indivíduo dentro do círculo tenha como foco a tumba principal (se posicionado de frente para ela) ou o restante da paisagem (se posicionado de costas para a tumba). A sensação dentro do círculo é de restrição seja de visibilidade, seja de movimentação na paisagem.

Ficha 6

Identificação: Amostra 6 – a tumba de Dowth

Imagem:



Imagem obtida através do Google Earth (janeiro, 2016)

Geotag: 53°42'17.30''N 6°27'11.36'' O. Elevação: 68 metros.

Descrição: Dowth já foi descrita no capítulo 3. Devido ao tempo curto para a visita dos três sítios durante a visita técnica do evento da *Prehistoric Society* (e sua inacessibilidade para o público comum), a tumba só foi vista de longe, sem a possibilidade de análises mais aprofundadas. Assim como Knowth, é formada por duas tumbas na parte oeste do monte (uma a sul e outra a norte) que conhecemos como uma tumba única chamada Dowth.

Posicionamento: como anteriormente mencionado, a tumba Dowth encontra-se isolada na paisagem. Atualmente, o que sabemos, é que existe o *henge* de Dowth à leste da tumba, aproximadamente 1km distante.

Alinhamentos: não foi possível observar o alinhamento das duas tumbas que compõe o monte da tumba de Dowth pois não estive tão próxima do local.

Visibilidade: não foi possível observar um padrão de visibilidade, pois não foi possível ficar muito tempo no local para o levantamento de dados.

Incorporação: não foi possível observar um padrão de incorporação, pois não foi possível ficar muito tempo no local para o levantamento de dados.

Som: não foi possível observar um padrão de audição e som, pois não foi possível ficar muito tempo no local para o levantamento de dados. Foi possível somente observar o que foi dito anteriormente sobre Knowth e Newgrange: a impressão da existência de um tampão que abafa os ruídos (provavelmente por causa da chuva e do vento).

Textura: não foi possível observar um padrão de textura, pois não foi possível acessar o local para fazer um levantamento de dados.

Cor: não foi possível observar um padrão de cor, pois não foi possível acessar o local para fazer um levantamento de dados. Só foi possível notar o contraste entre as pedras (os *kerbstones*) e a grama.

Olfato: não foi possível observar questões ofativas, pois não foi possível acessar o local para fazer um levantamento de dados e devido ao mau tempo.

Sensação: a sensação pode ser somente descrita a partir da visualização à uma distância de aproximadamente 5 metros da tumba. Diferentemente de Knowth e Dowth, a tumba não possui uma centralidade na paisagem ao redor e nem exerce nenhum tipo de

dominação da mesma. Não é possível notar que está em uma parte mais elevada do terreno. Dali não foi possível visualizar o rio Boyne e muito menos o *henge* que compõe o que chamamos de complexo de Dowth.

Ficha 7

Identificação: Amostra 7 – o *henge* de Dowth

Imagem:



Imagem obtida por meio do Google Earth (janeiro, 2015).

Geotag: 53°42'25.15''N, - 6°26'05.57'' O. Elevação 60 metros.

Descrição: o *henge* possui a altura das margens bem conservadas (até 5 metros de altura) e 20 metros de largura datando da Idade do Bronze Inicial. Como já mencionado, está a aproximadamente 1km de distância à leste da tumba de passagem Dowth. Possui 175 m de diâmetro e, apesar de estar localizado em terras de propriedade privada, durante a visita técnica do evento da *Prehistoric Society* foi possível acessá-lo. Devido às más condições do tempo, não foi possível fazer a marcação pelo aplicativo GPS Log, por isso foi utilizada a imagem e a marcação de satélite do Google Earth.

Posicionamento: atualmente, a impressão é que se encontra isolado na paisagem, não sendo possível visualizar nem a tumba de Dowth, o rio Boyne ou qualquer dos outros complexos a partir do seu interior. É possível inferir pela queda do terreno na paisagem que o cerca onde passa o Rio Boyne.

Alinhamentos: ao que tudo indica o eixo de suas entradas corre na direção nordeste-sudeste, aparentemente seguindo o eixo de direcionamento do fluxo do Rio. Encontra-se à leste da tumba de passagem Dowth.

Visibilidade: a partir da perspectiva de um indivíduo posicionado na parte interna do *henge* não é possível enxergar absolutamente nada do lado de fora. E de indivíduos posicionados na parte externa do *henge* (desde que não estejam posicionados em suas entradas) não é possível visualizar nada. A sensação é de vedação total da visibilidade, seja de dentro, seja de fora.

Incorporação: por conta do seu tamanho fora do comum (um trabalho em terra maciço) é possível a presença de provavelmente centenas de indivíduos no seu interior. Não existe direcionamento de olhar ou enfoque para dentro ou fora do monumento. O indivíduo que entra no *henge* encontra-se completamente isolado sensorialmente do mundo.

Som: assim como há o padrão de vedação da visibilidade (por ter mais de 5 metros de altura) existe um padrão provável de vedação do som. A paisagem em si, como já mencionada, exerce um sentimento de tampão: o som é abafado e raramente se escuta sons que não estejam próximos. O indivíduo dentro do *henge* está isolado: não é possível escutar nada além do vento e as margens impedem que qualquer som adentre o *henge*.

Textura: não é possível definir texturas, pois é um trabalho feito na terreno e bancos de terra (terraplanagem). As margens se destacam pela presença de vegetação atualmente.

Cor: não é possível definir alteração de cor ou de luminosidade em um espaço aberto tão grande e sem construções com materiais como pedra e madeira.

Olfato: não foi possível definir um padrão para questões olfativas devido ao mau tempo.

Sensação: a sensação que toma conta do indivíduo é de ao mesmo tempo em que pertence à paisagem aberta ele também se encontra sensorialmente isolado. Não escuta e não enxerga nada que não aconteça dentro do monumento.

4.3. Análise e inserção das amostras a partir dos dados computacionais e quantitativos:

Como acima mencionado, para esta análise serão utilizados mapas criados em GIS derivados da pesquisa da paisagem para o III Relatório final do *Irish Heritage* de 2010⁴⁷. Esses mapas foram criados a partir de sobreposições de outros mapas (como os mapas com informações geofísicas e estruturais da região em estudo). Foram feitas análises espaciais de visibilidade (*viewsheds*) buscando padrões de intervisibilidade, os quais tiveram seus dados e informações cruzados com as fichas de análise.

A primeira questão que mais chama atenção, é a visibilidade das tumbas principais: Knowth, Dowth e Newgrange. Como mencionado anteriormente a partir da análise fenomenológica conclui-se que seja pouco provável que as pessoas escalassem o topo dos montes que formam as tumbas para que pudessem observar a vista ao redor e as demais tumbas de passagem.

Ou seja, a intervisibilidade entre as tumbas principais na área central a partir do seu entorno (sem o indivíduo ter que subir no topo das tumbas e, desta forma, elevar a altitude de observação) seria parte do mapa mental da população (o que ocorre até hoje – se perguntados, os moradores e estudiosos do tema, mesmo não visualizando os monumentos indicam os direcionamentos das tumbas principais na paisagem sem dificuldades ou qualquer tipo de aparato) do que de fato seria visível.

Isto posto, entende-se que, assim como no relatório (DAVIS *et alli*, 2010), o acesso às tumbas se dava a partir de suas entradas e em sua área imediatamente ao redor com o indivíduo mantendo-se na mesma altitude, sem buscar se elevar e acessar topos de construções e sem considerar um distanciamento maior do que 3km já que o objetivo

⁴⁷ (DAVIS *et alli*, 2010).

do estudo e da análise recai, principalmente, na relação com estruturas imediatamente próximas construídas em momentos posteriores.

Portanto, como apontam DAVIS *et alli* (2010: 52-53), o mapa de visibilidade foi criado a partir de 5 pontos em cada tumba principal: um no cume do monte das tumbas e um de cada coordenada, norte, sul, leste e oeste. A compensação do ângulo a partir do ponto de vista do observador para a paisagem não foi considerada, sempre colocado em 0 metros. O ângulo a partir da paisagem em direção ao observador foi considerado a 1.5 metros (funcionando como um relacionamento visual invertido).

O raio de 5 mil metros foi designado para a análise e reduzido a 3 mil para propósitos comparativos, o que fez com que fosse possível classificar as áreas da paisagem nas quais cada tumba fosse visível. As análises de visibilidade (viewsheds) foram calculadas a partir de cada lado da entrada de cada uma das tumbas (Newgrange, Dowth e Knowth) e um anel de 10 pontos foi criado em torno das tumbas de passagem, cada ponto refletindo uma localização diferente, entendendo que as pessoas teriam liberdade para andar em torno das tumbas. Uma análise de visibilidade cumulativa também foi criada, indicando lugares da paisagem onde nenhum, uma, duas ou as três tumbas principais são visíveis (ver figura 56)⁴⁸.

É necessário salientar que para esta análise de GIS, os pesquisadores não consideraram o paleoambiente da época em que as tumbas foram construídas e utilizadas (Neolítico Final), o que definitivamente alteraria as linhas de visão

⁴⁸ Mesmo que a partir da análise fenomenológica tenha-se concluído que pelo menos atualmente a intervisibilidade entre as tumbas principais na área central não ocorra, como é entendido que as tumbas de passagem, principalmente as do tipo 3, foram construídas para dominar a paisagem ao seu redor, situadas em áreas do terreno elevadas, entendeu-se que seria interessante considerar a possibilidade de que fossem visualizadas de longas distâncias, considerando-se, desta maneira, a partir da construção em GIS da possível intervisibilidade entre as três principais tumbas.

consideravelmente. Assim, a análise de paleoambiente foi inserida nesta pesquisa, a partir do cruzamento de informações das análises de visibilidade com a análise fenomenológica.

Abaixo, tem-se as análises de visibilidade onde as três tumbas (Newgrange, Knowth e Dowth) são visíveis da paisagem e a análise de visibilidade cumulativa, ou seja, focando-se na visibilidade para as tumbas.

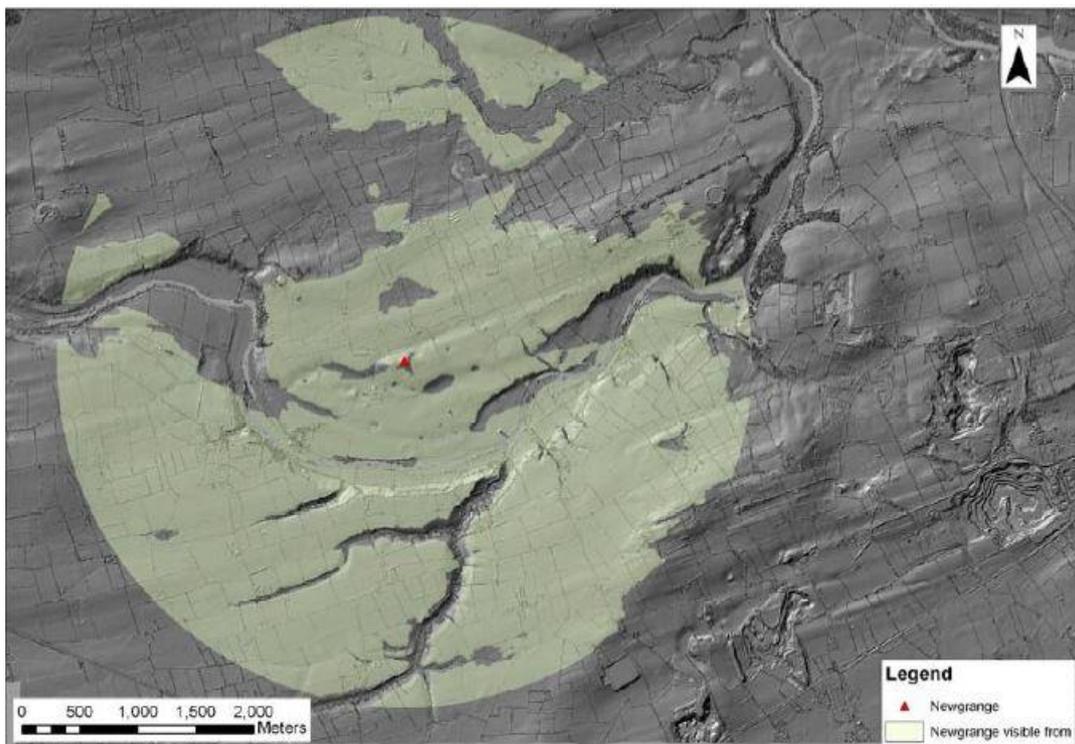


Figura 52: Newgrange marcado no mapa e a análise de visibilidade mostrando os lugares da paisagem os quais pode ser visualizado num raio de 3 km. Elevação do topo do sítio (em cima da tumba) 65 metros acima do nível do mar (DAVIS *et alli*, 2010:57).

Diferentemente do relatório, o foco de análise desta pesquisa é a área imediatamente ao redor de Newgrange, onde se encontram os monumentos satélites de Newgrange. No caso, o círculo de madeira analisado na ficha de análise 2 (e sua visibilidade a partir da entrada de Newgrange na ficha 1), que se encontra a sudeste a menos de 50 metros a partir da entrada da tumba principal e possui cerca de 67 m de diâmetro. A partir da análise da imagem é possível concluir que Newgrange seria perfeitamente visível a

partir da parte interna do círculo de madeira, assim como das suas extremidades mais distantes.

Como se trata de um experimento, obviamente, e como a análise de visibilidade não foi feita especificamente para a análise interna do círculo, não foram levadas em consideração a altura ou a largura dos postes de madeira assim como o posicionamento equidistantes dos mesmos (1 metro de distância entre cada poste). Isso faz com que a análise fenomenológica tenha sido crucial para analisar a relação de visibilidade mais específica entre a estrutura mais recente (o círculo de madeira da Idade do Bronze Inicial) e a tumba de passagem de tipo 3: existe uma relação visceral entre essas duas estruturas, assim como elas e o Rio Boyne.

Ao cruzarmos os dados obtidos através dos mapas de satélite, da análise de visibilidade e da análise fenomenológica é possível inferir com certeza que existiu um padrão de invisibilidade x visibilidade entre a parte interna do círculo e a parte externa dele, além de dois focos de atenção: Newgrange e o rio Boyne.

Uma vez o indivíduo dentro do círculo, se o foco de atenção fosse a entrada de Newgrange ou a parte da frente do monumento como um todo, a equidistância entre os postes de madeira provavelmente cortaria em seções a visibilidade do monumento.

Já se o foco de atenção fosse o rio Boyne, considerando o paleoambiente levantado no capítulo 3, onde concluiu-se que a área da margem do rio estava livre de floresta densa e vegetação alta, o rio Boyne (e possíveis atividades rituais que nele ou próximo a ele ocorressem) seriam visualizadas plenamente ou dentro do padrão de visibilidade seccionada imposto pelos postes de madeira.

É necessário ressaltar que, apesar de considerar a forte ligação da estrutura de madeira com o rio, uma questão que não deixa de chamar atenção é a audição: não foi

possível escutar o rio Boyne durante a análise fenomenológica devido à forte chuva e ao vento. Fica o questionamento se seria possível, em determinadas épocas do ano, escutá-lo dentro da estrutura de madeira e o tipo de impacto sensorial que causaria: o peso sensorial durante o ritual enquanto um indivíduo perpassa os postes de madeira equidistantes dentro do círculo escutando o rio, sentindo o rio e por que não, fluindo com ele.

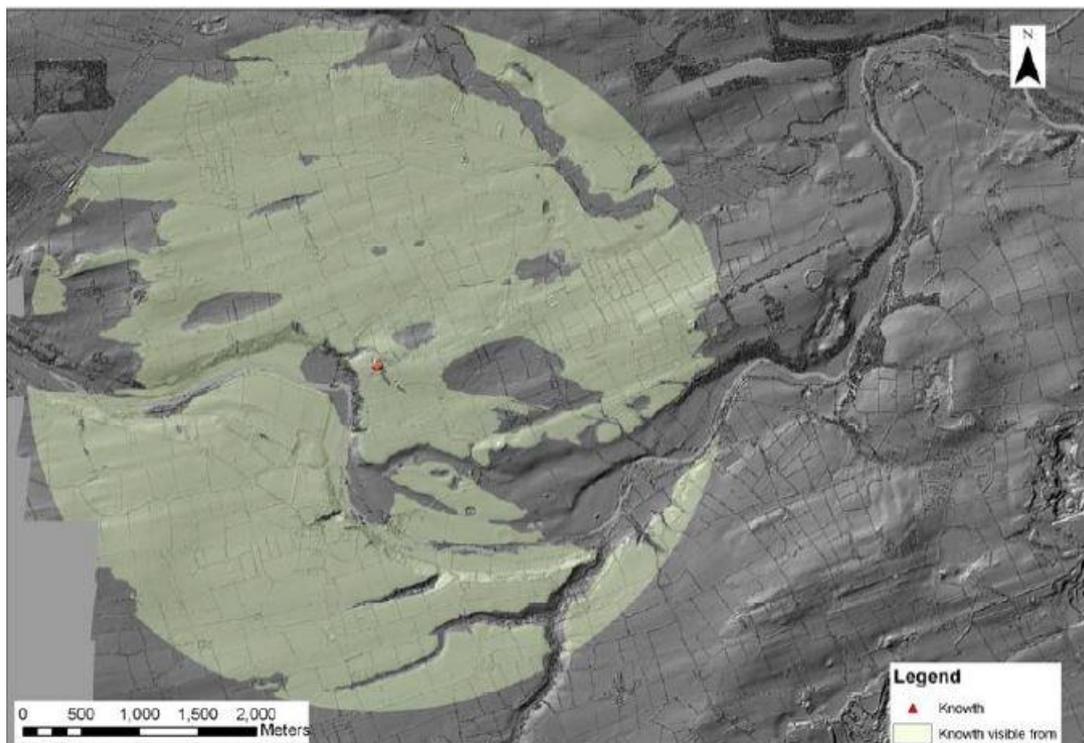


Figura 53: Knowth marcado no mapa e a análise de visibilidade mostrando os lugares da paisagem os quais ele pode ser visualizado num raio de 3 km. Elevação do topo do sítio (em cima da tumba) 76 metros acima do nível do mar (DAVIS *et alli*, 2010:57).

Em relação a Knowth, o enfoque da presente pesquisa é a área imediatamente ao redor da tumba principal, assim como ocorreu com Newgrange. Vale ressaltar, entretanto, que a tumba, como é possível observar, se encontra em uma elevação maior do que Newgrange. Essa altura, em teoria, faz com que seja mais visível de uma área maior da paisagem ao redor, se comparada a Newgrange – é vista por boa parte da margem sul do rio Boyne e, devido de algumas variações mais baixas da topografia da

região, existem pequenos declives onde a tumba principal não é visível (DAVIS *et alli*, 2010:54).

Considerando os dados obtidos a partir da análise fenomenológica da entrada oeste e leste da tumba principal de Knowth e da estrutura satélite – o círculo de madeira (fichas de análise 3, 4 e 5, respectivamente) e cruzando-as com o mapa de visibilidade é possível inferir algumas informações cruciais.

Tendo em vista o tamanho da escala utilizada no mapa, os marcos que delimitam a entrada das tumbas oeste e leste (fichas 3 e 4, respectivamente) – os *kerbstones* denominados de *standing stones*, mesmo considerando sua altura (aproximadamente 2 metros), não seriam visíveis a grandes distâncias (provavelmente menos de 1km), diferentemente da tumba principal.

Entendeu-se, a partir da observação, que a função dos marcos está intimamente ligada à proximidade de um indivíduo com a tumba: uma provável interdição física de acesso de um indivíduo e até um provável bloqueio de entrada de luminosidade dentro da tumba, além de funcionar como uma delimitação e marcação (até certa distância – inferior a 1km) do acesso da tumba.

Assim como os marcos de entrada, o círculo de madeira (ficha 5) mesmo encontrando-se a menos de 10 metros da entrada leste de Knowth e considerando a altura dos postes de madeira (próximos dos 2 metros de altura), não seria visível a grandes distâncias. É muito provável que a limitação visual se desse muito antes do limite do rio Boyne, em oposição do que ocorre com o círculo de madeira de Newgrange (ficha 2), o qual possui uma ligação visual muito forte com o rio.

É muito pouco provável que um indivíduo navegando ou estando em pé nas margens do rio pudesse observar o círculo de madeira de Knowth, já que a partir da

análise do mapa, são poucos os trechos do Boyne que são possíveis observar a tumba principal – mesmo havendo um declive considerável do terreno.

Vale notar ainda que a partir da análise do mapa é possível concluir que Knowth não seria visível na curva localizada a sudoeste e mais acentuada do Boyne, que coincide com sua entrada oeste – a entrada oeste é a aquela que está ligada com o Sol poente.

Diferentemente do círculo concêntrico de madeira de Newgrange analisado na ficha 2, o círculo de madeira de Knowth, menor e menos complexo, não possui uma ligação tão direta e íntima com o rio (se levarmos em consideração a análise fenomenológica) e como já mencionado, seria difícil sua visualização a uma distância muito superior a 1km, pois está localizado na descida do terreno.

Pode-se concluir que sua ligação e seu foco estão voltados única e exclusivamente para a entrada leste da tumba principal de Knowth pois, como já mencionado, o indivíduo dentro do círculo tem seu foco de atenção e visão direcionados para a grandiosidade da tumba ativa à sua frente, o *kerbstone* marcando a sua entrada leste e a pedra calendário (marcada com “arte” megalítica riquíssima).

Diferentemente das tumbas de passagem tipo 3, as quais demonstram que a ideia é demarcar e dominar a paisagem que as cerca, as estruturas satélites construídas posteriormente na Idade do Bronze Inicial, no caso em análise os dois círculos de madeira, seja de Newgrange seja de Knowth (fichas de análise 2 e 5, respectivamente) demonstram construções em escala menores do que as tumbas principais, voltadas e intimamente ligadas às mesmas (seja por questões de visibilidade e direcionamento de foco de atenção, seja por questões de posicionamento e distanciamento).

Para esta pesquisa, concluiu-se que a ideia de estruturas satélites não era chamar mais atenção ou desviar o foco de atenção e ritual das tumbas de passagem tipo 3.

Muito pelo contrário, a intenção era reforçar seus papéis identitários de lugares rituais ancestrais para números de pessoas cada vez maiores, trazendo o foco do ritual para a parte externa das tumbas principais durante o final do Neolítico Final e Idade do Bronze Inicial.

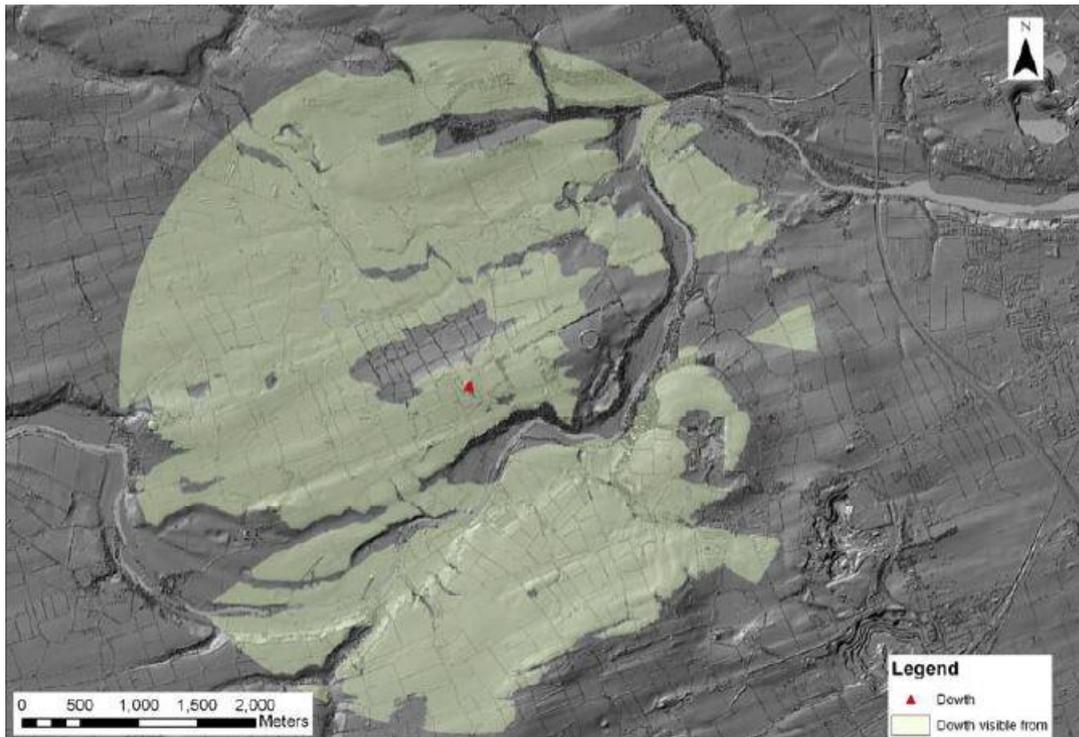


Figura 54: Dowth marcado no mapa e análise de visibilidade mostrando os lugares da paisagem os quais ele pode ser visualizado num raio de 3 km. Elevação do topo do sítio (em cima da tumba) 77 metros acima do nível do mar (DAVIS *et alli*, 2010:58).

Dowth é claramente visível a partir da margem sul do rio Boyne. Ao norte, a topografia natural (e o posicionamento elevado da tumba) oferece boa visualização de toda área ao redor da tumba (DAVIS *et alli*, 2010:55).

Levando-se em consideração as limitações observadas durante a viagem de campo para obtenção dos dados, a análise fenomenológica e marcações dos pontos no GPS da tumba de passagem de Dowth, assim como da sua estrutura satélite, o *henge* de Dowth (fichas 7 e 8, respectivamente), não ocorreram como o planejado.

Entretanto, foi possível observar durante a breve visita ao sítio que a partir da tumba de passagem (sem acessar o seu topo) o *henge* não era visível. O padrão de invisibilidade também ocorreu a partir da parte interna do *henge*: a tumba de Dowth não é e nem seria visível na pré-história (o paleoambiente da região indica que a vegetação seria alta e densa) de dentro do *henge*.

A partir da imagem de análise de visibilidade, também é possível confirmar que a tumba não seria visível a partir de onde o *henge* está localizado (aproximadamente 1km à nordeste da tumba, uma estrutura circular na imagem acima).

Esta informação, em um primeiro momento, vai de encontro à teoria proposta ao longo deste trabalho de que as estruturas satélites construídas posteriormente às tumbas de passagem tipo 3 teriam uma ligação visual e extremamente íntima (principalmente fisicamente) com elas.

O *henge* de Dowth se encontra a aproximadamente 1km de distância da tumba, em uma área de terreno mais baixa, de onde não é possível (seja por meio de análise de visibilidade, seja por meio da análise fenomenológica) visualizar nenhuma das estruturas que consideramos na pesquisa: o rio Boyne, a tumba Dowth ou sequer as outras duas tumbas de passagem, Newgrange e Knowth (DAVIS *et alli*, 2010:55-56).

Aparentemente, uma estrutura entendida como satélite encontra-se em completo isolamento: seja físico, seja visual. Muito além do isolamento físico e visual, há o isolamento psicológico e possivelmente ritual, o qual foi possível observar (e sentir) durante a análise fenomenológica feita (ficha de análise 8). Um indivíduo que se encontra na parte interna da estrutura circular maciça composta por margens de até 5 metros de altura e 20 metros de largura se sente completamente isolado do mundo externo àquela estrutura: tudo que se é possível enxergar e notar é o que ocorre na parte interna desta estrutura circular com 175 metros de diâmetro.

Esse isolamento que se observa por meio das análises de visibilidade (os *viewsheds*) e da análise fenomenológica só pode ser quebrado e melhor compreendido se for levada em consideração a análise feita por LiDar em 2010 (ver figura 54 abaixo).

É possível observar uma rota (destacada em vermelho) que poderia ter representado algum tipo de rota processional para a tumba de Dowth (indo um pouco além do *henge* de Dowth). Ainda não foi possível datá-la pois ainda não foi escavada. Esta rota aparenta ser linear, com 20 metros de comprimento e foi possível notar sua extensão de 1.4km no sentido (leste-oeste) seguindo paralelamente o rio Boyne. Aparenta um trabalho de terraplanagem feito, nivelando o caminho para a caminhada (DAVIS *et alli*, 2010: 32).

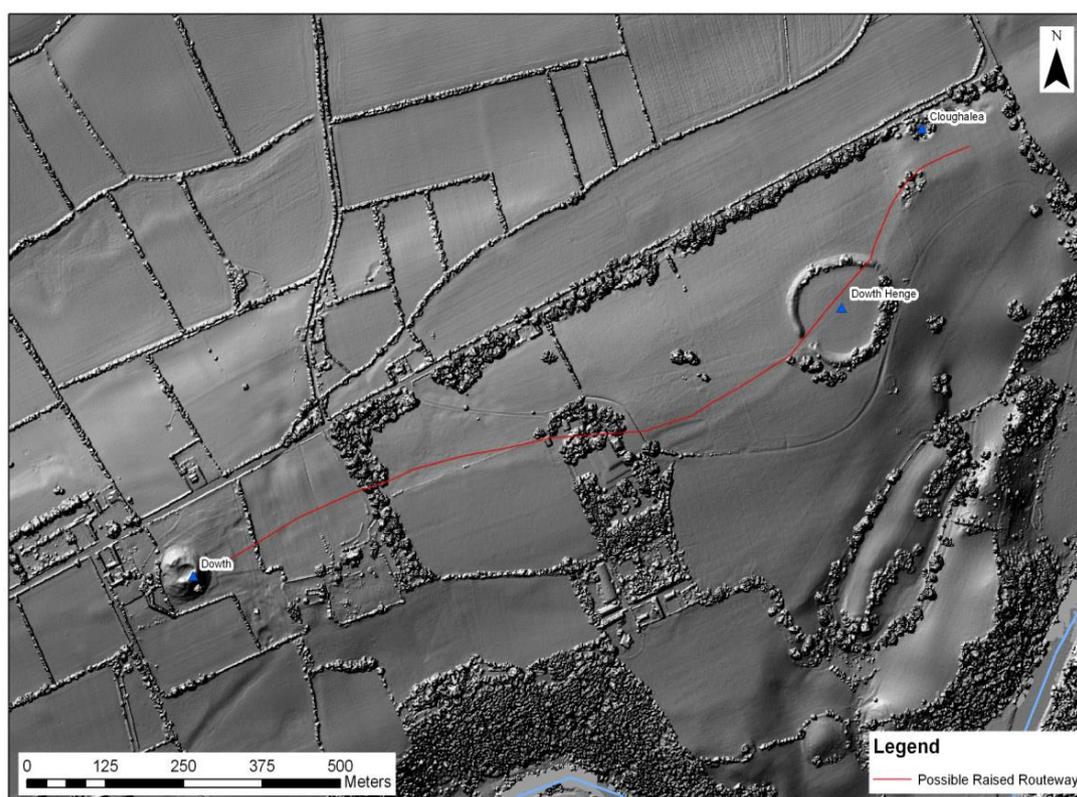


Figura 55: possível rota entre o *henge* de Dowth e a tumba de passagem Dowth (DAVIS *et alli*, 2010: 33).

No relatório para o qual foi feita a análise em LiDar (DAVIS *et alli*, 2010:32), foi ainda descartada a colocação de que esse caminho encontrado poderia ter sido criado naturalmente, considerando a topografia do terreno. A partir de análise geomorfológica, concluiu-se que é mais provável que a rota tenha origem cultural, ou seja, tenha sido criada pelo homem.

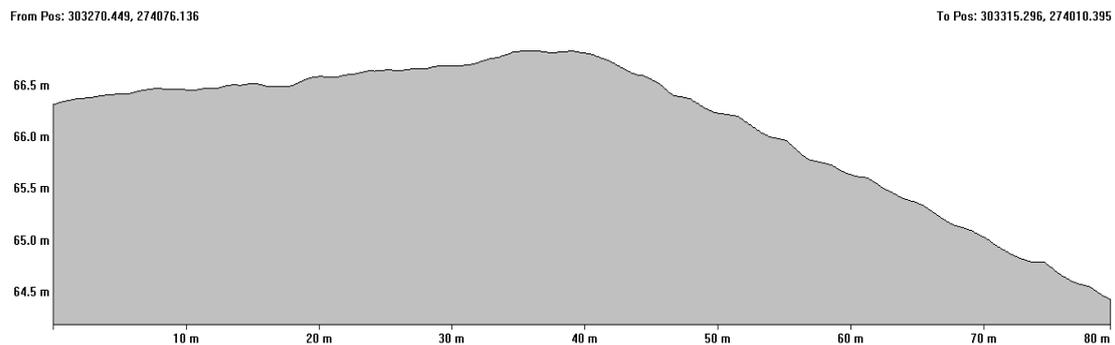


Figura 56: possível perfil de elevação da rota entre a tumba de Dowth e o *henge* no terreno (DAVIS *et alli*, 2010: 33).

Assim sendo, o isolamento que se observa é relativo, somente superficial. É provável que houvesse uma rota processional ligando a tumba à sua estrutura satélite, demonstrando que a ligação entre as tumbas de passagem do tipo 3 e suas estruturas satélites não se deva única e exclusivamente à visibilidade e proximidade imediata. A ligação poderia ser ritual e muito provavelmente sazonal, estando também intimamente ligada ao rio Boyne, tendo em vista seu posicionamento (paralelo) ao rio.

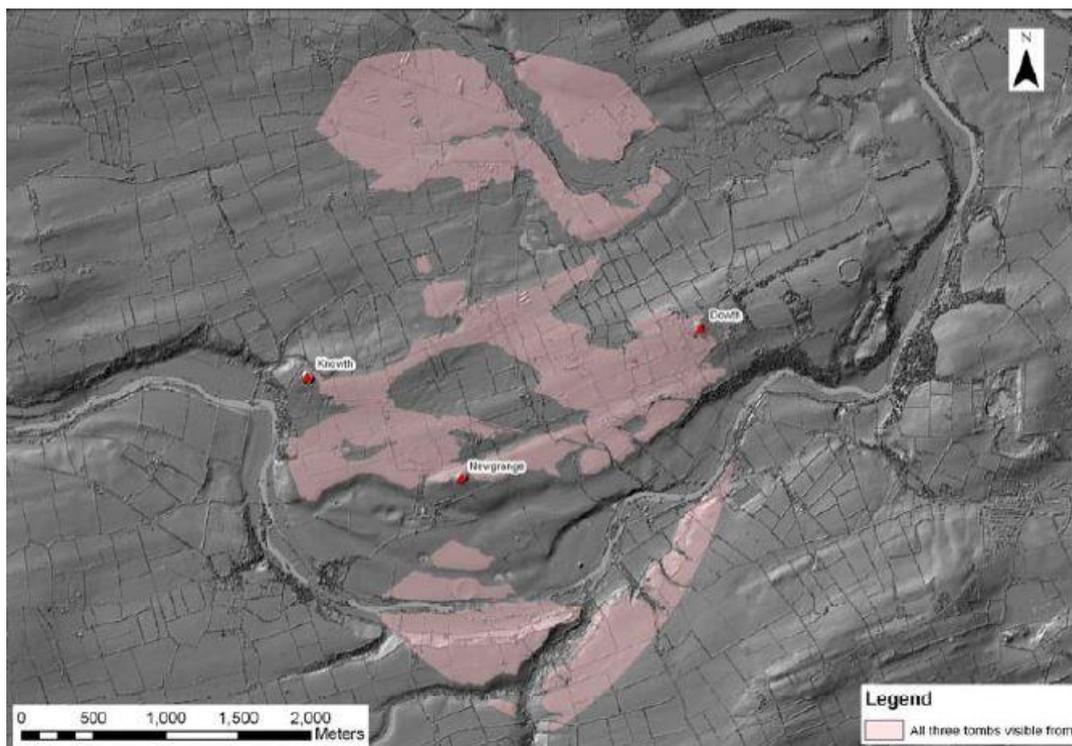


Figura 57: Análise de visibilidade cumulativa em relação à intervisibilidade das três tumbas de passagem, Newgrange, Knowth e Dowth (DAVIS *et alli*, 2010: 58).

Como parte final da análise, é possível observar a análise de visibilidade cumulativa, que leva em conta as áreas em que as três tumbas principais de tipo 3 (Newgrange, Knowth e Dowth) são visíveis.

A análise de visibilidade torna possível observar o que não foi possível por meio da análise fenomenológica: somente de uma parte do rio Boyne é possível observar as 3 tumbas, que é justamente a área que fica imediatamente abaixo de Newgrange (que forma a queda de Newgrange até o rio), onde a vegetação é (e seria) mais baixa, sem a existência de vegetação alta e densa – uma área plana e cultivável próxima ao rio.

É também possível notar que Newgrange obscurece a visibilidade de Knowth e Dowth a partir da curva norte do Rio. Newgrange só seria visível a partir dos topos das duas outras tumbas (Dowth e Knowth). Ao que tudo indica, mesmo considerando o paleoambiente da região durante o Neolítico, mesmo com a derrubada das árvores e a

abertura de verdadeiras clareiras, Dowth só seria visível de Newgrange e Knowth a partir dos topos das suas tumbas, assim como Knowth também só seria visto a partir do topo das tumbas de Newgrange e Dowth.

Neste ponto, se faz crucial reiterar que a partir da análise fenomenológica não foi possível visualizar e observar a intervisibilidade entre as três tumbas principais, o que faz com que a análise em GIS vá de encontro ao observado em campo. Durante o período de análise fenomenológica não foi possível acessar o topo de todas as três tumbas, somente o topo de Knowth se faz possível o acesso, pois durante sua escavação e reforma foi construída uma rampa de acesso ao seu topo.

Durante o acesso ao topo de Knowth⁴⁹, foi possível visualizar somente Newgrange, e mesmo assim, com muita dificuldade. Só foi possível visualizá-lo devido à incidência de luz sobre o muro de quartzo (que fez com que o brilho se destacasse) – o monte da tumba como um todo não era possível visualizar. Ou seja, a única parte da tumba que é possível visualizar é justamente aquela em que se tem algumas restrições em relação à existência⁵⁰. Dowth, de acordo com os especialistas que estavam na visita, não estaria visível atualmente devido à algumas construções e à vegetação atual que tem partes com árvores mais altas.

Como mencionado anteriormente, para a presente pesquisa desconsidera-se o acesso aos topos das tumbas de passagem durante a pré-história pois não há nenhum indício de que haveria construção ou caminho que viabilizassem esse tipo de acesso. Portanto, a teoria de intervisibilidade entre as três tumbas principais da área central de

⁴⁹ Não foi possível fazer uma foto pois, devido ao mau tempo, não foi possível captar a visibilidade em cima do topo para além de poucos metros de distância.

⁵⁰ Lembrando que existe todo um questionamento em relação à reforma e restauração de Newgrange: se o muro de quartzo existiria e se existindo, seria da maneira como está hoje.

Brú na Bóinne se mostra inadequada. A análise de visibilidade cumulativa para a área central feita não comprova, na prática, a intervisibilidade entre os monumentos analisados pois considera uma visão “de cima” muito específica.

A análise de visibilidade cumulativa torna possível observar e analisar a existência dos locais considerados de importância na paisagem, de onde as três tumbas de tipo 3 da região (Newgrange, Knowth e Dowth) poderiam ser vistas: para a presente pesquisa, o mais importante é a margem do rio Boyne, já que este rio tem um papel importante na construção dos monumentos principais e monumentos satélites analisados e no relacionamento físico e ritual com os mesmos. Entretanto, assim como o que ocorreu com a questão da intervisibilidade entre as três tumbas, se faz imperativo ressaltar que as conclusões de quais seriam esses locais se dão a partir de uma visão ética (ou seja externa, “de cima”) do complexo do vale do Boyne e dos seus monumentos.

Conclusão

Como foi possível observar ao longo dos capítulos, a morte possui grande ênfase na vida cotidiana e social quando se trata de pré-história europeia: era a partir e por meio dela que os laços comunais de identidade e ancestralidade eram criados e mantidos através (principalmente) da construção de monumentos. Mesmo que os primeiros monumentos funerários identificados datem do Neolítico, é possível observar desde o Mesolítico (ainda que com poucos indícios e achados que vem gradualmente aumentando ao longo dos anos) existia uma maneira de marcar o simbólico na cultura material por meio do aparato funerário, do tratamento do corpo e dos enterramentos.

Quando se considera a faixa Atlântica durante o Neolítico, a construção da cosmovisão comum é consequência imediata uma noção de tempo diferenciada que as populações assentadas possuíam em relação às populações de caçadores e recoletores. A noção de tempo diferenciada trouxe consigo o alicerce para que a construção de monumentos se iniciasse e consigo trouxesse questões de identidade, memória e ancestralidade que perpassam a construção de monumentos durante toda a pré-história europeia Atlântica.

A construção das tumbas de passagem no Vale do Boyne durante o Neolítico na Irlanda funcionou como uma adaptação regional de um fenômeno muito mais extenso que predominou na faixa Atlântica. O complexo de tumbas foi construído em etapas de um mesmo processo que só pode ser compreendido na longa duração. Foi um projeto de uma paisagem ritual construída ao longo de milênios que convergiu em conhecimentos, técnicas e práticas arquitetônicas, cosmológicas, rituais, de transporte e mão de obra específica que culminou com as estruturas e a paisagem como conhecemos atualmente.

Em um mesmo espaço (a parte central de *Brú na Bóinne*), é possível observar a existência de quatro mudanças na cultura material (tumbas de passagem do tipo 1, 2, 3 e os monumentos satélites) e o enfoque ritual sendo alterado à medida que o laço com a terra se tornou mais duradouro: primeiro, as tumbas eram somente para deposição de ossos com prováveis rituais na parte externa e voltados para pouquíssimos indivíduos; depois, os rituais vão para a parte interna das tumbas que estão um pouco maiores e foram cobertas, o que demonstra uma atmosfera ainda muito intimista; em um terceiro momento as tumbas se desenvolvem de tal maneira que o espaço interno é ainda maior, mas a ênfase na parte externa, para prováveis rituais públicos maciços já começa a surgir. A quarta e última etapa que analisamos é aquela à qual os monumentos satélites circulares não funerários surgem tendo como foco a parte externa às tumbas, deixando claro que o ritual estava ligado a elas, enfatizando ainda mais a questão da necessidade de manutenção da memória dentro do domínio ancestral do qual faziam parte.

Muito além da hipótese simplista, que defende que mudanças na cultura material estão ligadas a mudanças externas sociais e populacionais (como no caso de migração e invasão, por exemplo, ou até mudanças climáticas) é imperativo considerar a agência e a prática no âmago das sociedades ágrafas e que questões internas – como uma mudança de foco ritual durante o Neolítico Final e Idade do Bronze Inicial – ganhe mais espaço entre os pesquisadores.

Principalmente em estudos de pré-história europeia novas abordagens são essenciais. A metodologia criada durante o mestrado visou uma compressão mais humanista do material analisado, buscando alternativas que permitissem um envolvimento mais explícito por parte do pesquisador com o seu objeto de estudo. A fenomenologia da percepção e da paisagem, assim como os estudos dentro da

arqueologia dos sentidos, se aplicados com seriedade em uma metodologia em conjunto com métodos lógicos e cartesianos, além de fazer uma ponte entre diferentes formas de análise que costumam ser vistas como antagônicas, trazem consigo uma noção mais holística do registro arqueológico.

A metodologia “híbrida” funcionou como um desafio tendo em vista as limitações e dificuldades enfrentadas, porém mostrou-se eficaz ao quebrar o paradigma da intervisibilidade entre as três tumbas de passagem de *Brú na Bóinne* – que só funcionaria se fossem visualizadas do topo (o que não é plausível se observarmos o contexto).

Foi também possível comprovar por meio das análises de visibilidade conseguidas (que mesmo não sendo criadas para esta pesquisa, serviram bem ao propósito) que o foco ritual de fato mudou na mudança do Neolítico Final e Idade do Bronze Inicial: como mencionado acima, o enfoque funerário dos monumentos deixa de existir e se torna claramente ligado à manutenção da memória e à ancestralidade, uma vez que os monumentos mais recentes estão visceralmente ligados aos monumentos antigos principalmente por padrões de visibilidade, posicionamento, alinhamento e cinestesia.

Como já mencionado, não houve tempo hábil para colocar em prática todas as etapas de levantamento e cruzamento de dados, além da criação dos mapas em GIS. A continuidade dos estudos é essencial para testar o experimento proposto e, assim, torná-la uma metodologia aplicável de maneira completa e conclusiva. Acredito que os novos estudos devem seguir para o aperfeiçoamento de metodologias híbridas que deem conta de uma perspectiva mais humanista do registro arqueológico, onde seja possível

compreender melhor e inserir nos estudos projeções de agência, percepção e questões sensoriais.

GLOSSÁRIO

O presente Glossário foi criado com o objetivo de facilitar o acesso e leitura de termos específicos ligados, em sua maioria, ao vocabulário arqueológico pré-histórico. São definições criadas e baseadas em diversos trabalhos e autores que se encontram devidamente citados ao longo da bibliografia.

Cerâmica linear: a mais antiga cultura material do Neolítico, também conhecida como cultura da cerâmica Linear ou *Linearbandkeramic* (LBK), tradicionalmente reconhecida como proveniente da Europa Central e Norte, de populações que se estabeleceram nos vales dos rios na região da República Checa e Mar do Norte no 5º milênio a.C., e está ligada à expansão da agricultura na Europa Central e se estendendo para leste nas regiões da: Hungria, Holanda, incluindo também concentrações na Bohemia, Moravia, região central da Alemanha e na Renânia, com base no cultivo de grãos e gado domesticado. Uma segunda rápida expansão para o norte em torno da borda da Bacia dos Cárpatos, Polônia e na região da Ucrânia teve lugar no início do 4º milênio a.C., assim como sua expansão para a região central da França. É caracterizada por ser uma cerâmica de fundo redondo com incisões em padrões lineares (curvilíneos, zigzagues, espirais e padrões de meandros).

Cursus: tipo de monumento cerimonial da Idade do Bronze Inicial encontrado nas ilhas Britânicas que compreende um aterro retangular definido por fosso externo muitas vezes possuindo as extremidades em de U. Seu propósito ainda é muito debatido, embora seja amplamente entendido que serviam como caminhos cerimoniais que, quando usados para procissões, estruturariam a visão da paisagem e dos monumentos ao seu redor. Muitos ainda tentam entender sua localização próxima a rios.

GIS Geographical Information System: nome dado aos programas de computador que lidam com a análise e manipulação de bancos de dados espaciais.

Henges: encontrados em toda Ilhas Britânicas e Irlanda, são datados do Final do Neolítico Inicial, sendo conhecidos como trabalhos de terraplanagem circulares, delimitados por um aterro possuindo um fosso (ou vala), com uma ou mais entradas. Costumeiramente possui um arranjo interno feito com pedras e/ou madeira e alguns possuem enterramentos como secundários ou associados a eles.

Kerbstones: grandes blocos de pedra com extremidades arredondadas. Muitas vezes são utilizados para criar círculos ou anéis ao redor de montículos ou tumbas megalíticas.

LIDAR Light Detection and Ranging: luzes de laser que servem para escanear a paisagem mostrando marcações e estruturas abaixo do solo, imperceptíveis a olho nu.

Megálitos: grandes blocos de pedra. Termo aplicado geralmente a monumentos do Neolítico e Idade do Bronze Inicial.

Montículos Longos ou *long barrows*: monumento funerário típico do Neolítico. As características essenciais de um montículo longo são: monte longo com formato interno retangular ou trapezoidal feito de terra e pedra contendo um muro pedra ou terra seca e postes de madeira, possuindo um ou mais enterramentos compostos, geralmente, de inumações desarticuladas.

Montículos ou *round barrows*: são exemplos de monumentos funerários.

São montes de base circular compostos por terra, solo e rocha que são redepositados em cima de enterramentos.

População da Cerâmica Campaniforme ou *Bell Beaker*: termo

mais geral utilizado para definir grupos amplamente dispersos do final do Neolítico e do começo da Idade do Bronze, cuja cultura material inclui quantidades substanciais de vasos globulares (“*beakers*”) em cerâmica. A distribuição destas comunidades é vasta: Europa Central e Atlântica. As maiores concentrações de comunidades usando a cerâmica são em regiões agrícolas férteis. Por causa da onipresença desse tipo de cerâmica, suas formas e textura distintas, e o fato que na maior parte da Europa eles aparecem contrastando fortemente com estilos mais tardios do Neolítico, explicações difusionistas tentam explicar seu aparecimento. Durante primeiras décadas do século XX, tal nomenclatura foi expandida para abranger não somente a utilização da cerâmica, mas também a propagação da metalurgia pela Europa, além das suas ligações com os ritos fúnebres (enterramentos individuais ricamente mobilhados) e o uso extensivo de montículos conspícuos sobre os enterramentos. Juntos, estes eram vistos como o “povo Beaker”, descrito em 1940 por Gordon Childe como “invasores belicosos imbuídos de hábitos dominantes e uma valorização de armas e ornamentos em metal que os inspirou a impor uma unidade política em seu novo domínio que seguiu por uma unificação econômica logo em seguida”. Sugestões feitas posteriormente em 1976 por Colin Burgess e Steven Shennan, explicam que o que antes era entendido como uma “cultura Beaker” foi cada vez mais visto como um “pacote” no qual os elementos exóticos, como a cerâmica (e talvez tudo o que havia dentro dela) e os novos estilos em metais foram adquiridos e adaptados por comunidades indígenas.

Tumbas de passagem: forma de tumba megalítica construída em montes ou montículos, composta por uma ou mais câmaras mortuárias que possuem uma passagem conectando o interior ao exterior da tumba. Existem variações no tamanho e no formato das câmaras, mas as formas poligonais são as mais comuns. Podem ser encontradas no oeste da França, Espanha, parte ocidental das Ilhas Britânicas e Escandinávia.

Tumbas megalíticas: termo genérico aplicado a tumbas com câmaras criadas a partir de grandes blocos de pedra (que eram usados para criar as paredes e os tetos das câmaras).

BIBLIOGRAFIA

- . AMMERMAN, A.J.; CAVALLI-SFORZA L. L. Measuring the rate of spread of early farming in Europe. *Man*, 6, 1971 674-688.
- . ANSCHUETZ, Kurt F.; WILSHUSEN, Richard H.; SCHEICK, Cherrie L. An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions. *Journal of Archaeological Research*, 9 (2), 2001, pp. 157-211.
- . BARRET, J.C. The Living the dead and the ancestors - Neolithic and Early Bronze Age mortuary practices. In BARRET, J.C; KINNES, I.A. (Eds). *The Archaeology of Context in the Neolithic and Bronze Age, Recent Trends*. University of Sheffield Press, Sheffield, 1989, pp. 30-41.
- . ____ *Fragments from Antiquity an archaeology of social life in Britain, 2900-1200 BC*. Blackwell Publishing, Oxford, 1994.
- . ____ The Mythical Landscapes of the British Iron Age. In ASHMORE, W.; KNAPP, A.B.:(Ed). *Archaeologies of Landscape – Contemporary Perspectives*. Blackwell Publishers, Oxford, 1999, pp. 253-265.
- . BELL, C. *Ritual Theory, Ritual Practice*. Oxford University Press, Oxford, 1992.
- . BELLE, M.S; LANDRY, Pierre-Alexandre; BARBUJANI, G. Origins and evolution of the Europeans' genome: evidence from multiple microsatellite loci, *Proceedings of the Royal Society, B*, 273, 2006, pp. 1595-1602.
- . BENDER, B. Theorizing Landscapes, and the Prehistoric Landscapes of Stonehenge. *Man*, 27, 1992, pp.735-755.
- . BERGGREN, Åsa. Emotional aspects of a fen, *Archaeological Dialogues*, 17, 2010, pp. 164-167.
- . BLOCH, M. *How we think they think: anthropological approaches to cognition, memory and literacy*. Westview Press, Colorado, 1998.
- . BOURDIEU, P. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge University Press, Cambridge, 1977.
- . ____ *The logic of practice*. Polity Press, Cambridge, 1990.
- . ____ Esboço de uma Teoria da prática. In ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. Ática, São Paulo, 1983c. pp.46-81.

- . ____ *Meditações Pascalianas*. Bertrand Brasil, Rio De Janeiro, 2001.
- . BRADLEY, R. Ritual, Time and History. *World Archaeology*, 23 (2), Chronologies, 1991, pp. 209-219.
- . ____ *Altering the Earth*. Society of Antiquaries of Scotland, Edinburgh, 1993.
- . ____ *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe*. Routledge, London, 1997.
- . ____ *The Significance of Monuments: On the shaping of Human Experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. Routledge, London, 1998.
- . ____ *Prehistoric Britain and Ireland*. Cambridge University Press, Cambridge, 2007.
- . ____ *Image and Audience – Rethinking prehistoric Art*. Oxford University Press, Oxford, 2009.
- . ____ *The Idea of Order – Circular Archetype in Prehistoric Europe*. Oxford University Press, Oxford, 2012.
- . BRADLEY, R.; GREEN, M. *Landscape, monuments and society: the prehistory of Cranborne Chase*. Cambridge University Press, Cambridge, 2009.
- . BRÜCK, J. Ritual and Rationallity: Some Problems of Interpretation in European Archaeology. *European Journal of Archaeology*, 2 (3), 1999, pp. 313-344.
- . CAVALLI-SFORZA, L. et al. *The History and Geography of Human Genes*. Princeton University Press, Princeton, 1996.
- . CHAPMAN, Henry. *Landscape Archaeology and GIS*. Tempus, Gloucestershire, 2006.
- . CHILDREN, G.; NASH, G. *Establishing a Discourse – The Language of Landscape in Semiotics of Landscape: Archaeology of Mind*. BAR Internacional Series, 661, 1997.
- . CITRO, S. (Ed) *Cuerpos plurales: Antropología de y desde los cuerpos*. Biblos, Buenos Aires, 2010.
- . COLLIS, John. *The Celts – Origins, Myths, Inventions*. Tempus Publishing, Gloucestershire, 2003.
- . CONDIT, T.; COONEY, G. (Eds). *Visiting Newgrange – Science, Ritual and Curiosity*. Archaeology Ireland – Heritage Guide, 67, Dublin, 2014.

- . CONNELLER, C. Lithic Technology and *Chaîne Opératoire*. In POLLARD, J. (Ed). *Prehistoric Britain*. Blackwell, Oxford, 2008, pp. 160-176.
- . CONNERTON, P. *How societies remember*. Cambridge University Press, Cambridge, 1989.
- . COONEY, G. *Landscapes of Neolithic Ireland*. Routledge, London, 2000.
- . CUMMINGS, V. Building from Memory: Remembering the past at Neolithic monuments. In WILLIAMS, H. (Ed). *Archaeologies of Remembrance: Death and Memory in Past Societies*. Plenum Publishes, London, 2003, pp.24-29.
- . ____ The Architecture of Monuments. In POLLARD, J. (Ed) *Prehistoric Britain*, Blackwell Publishing, Oxford, 2008, pp. 135-159.
- . CUNLIFFE, B. (Ed). *The Oxford Illustrated Prehistory of Europe*. Oxford University Press, Oxford, 1999, pp. 244- 277.
- . CUNLIFFE, B. *Facing the ocean: the Atlantic and its peoples, 8000 BC-AD 1500*. Oxford University Press, Oxford, 2001.
- . ____ *Europe Between the Oceans 9000 BC – AD 1000*. Yale Univeristy Press, London, 2008.
- . DARVILL, T. *The Concise Oxford Dictionary of Archaeology*. Oxford University Press, Oxford, 2003.
- . DAVIS, Stephen *et alli*. Heritage Council. Boyne Valley Landscape Project Phase III Final Report, 2010.
- . DAY, Jo (Ed). *Making Senses of the Past Toward a Sensory Archaeology*. Southern Illinois University, Carbondale, 2013.
- . DRONFIELD, J. Migraine, Light and Hallucinogens – The Neurocognitive Basis of Irish Megalithic Art. *Oxford Journal of Archaeology*, 14 (3), 1995, pp. 261-275.
- . EOGAN, G.; ROCHE, H. Excavations at Knowth (2) – Settlement and Ritual Sites of the Fourth and Third Millenia BC. Royal Irish Academy – Monographs in Archaeology, Dublin, 1997.
- . EOGAN, G. et al. *Guide to the Passage Tombs at Brú na Bóinne*. Wordwell, Dublin, 2010.
- . EVANS, Christopher. Tradition and the cultural Landscape: An Archeology of Place. *Archaeological Review from Cambridge*, 4 (1), 1985, pp. 80-94.

- . EVE, Stuart. Augmenting Phenomenology: Using Augmented Reality Archaeological Phenomenology in the Landscape. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 19 (4), 2012, pp. 582-600.
- . FAHLANDER, Fredrik; KJELLSTROM, Anna (Eds.). *Making Sense of Things Archaeologies of Sensory Perception*. TMG Sthlm, Stockholm, 2010.
- . FORTE, Maurizio; PIETRONI, Eva. 3D Collaborative Environments in Archaeology: Experiencing the Reconstruction of the Past. *International Journal of Architectural Computing*, 1, 2009, pp. 57-66.
- . FOWLER, C.; CUMMINGS, V. Places of Transformation: Building Monuments from Water and Stone in the Neolithic Irish Sea. *Royal Anthropological Institute*, 9, 2003, pp. 1-20.
- . GILLINGS, Mark. Landscape Phenomenology, GIS and the Role of Affordance. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 19, 2012, pp. 601-611.
- . HALPIN, A.; NEWMAN, C. *Ireland, an Oxford Archaeological Guide*. Oxford University Press, Oxford, 2006.
- . HAMILAKIS, Y.; PLUCIENNIK M.; TARLOW, S. Introduction: thinking through the body. In HAMILAKIS, Y.; PLUCIENNIK M.; TARLOW, S. (Eds.). *Thinking through the Body: archaeologies of Corporeality*, Kluwer Academic/Plenum Publishers, London, 2002, pp. 1-21.
- . HAMILAKIS, Yannis. *Archaeology and the senses. Human Experience, Memory, and Affect*. Cambridge University Press, Cambridge, 2013.
- . HARRIS, Oliver J. T.; SØRENSEN, Tim Flohr. Rethinking emotion and material culture. *Archaeological Dialogues*, 17, 2010, pp. 145-163.
- . HARRIS, Oliver J. T.; SØRENSEN, Tim Flohr. Talk About Passion, *Archaeological Dialogues*, 17, 2010, pp. 186-198.
- . HENSEY, Robert. *First Light – The Origins of Newgrange*. Oxbow Books, Oxford, 2015.
- . HERITY, M.; EOGAN, G. *Ireland in Prehistory*. Routledge, Oxon, 1977.
- . HODDER, I. *Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge, 1986.
- . _____. *The domestication of Europe: structure and contingency in Neolithic societies*. Blackwell, Oxford, 1990.

- . INGOLD, T. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, 25 (2), 1993, pp. 152-173.
- . _____. *The perception of environment*. Routledge, London, 2000.
- . INSOLL, Timoty (Ed). *The Oxford Handbook of The Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford University Press, Oxford, 2011.
- . JONES, A. How the Dead Live: Pratices, Memory and the Ancestors in Neolithic and Early Bronze Age Britain and Ireland. In POLLARD, J. (Ed.) *Prehistoric Britain*. Blackwell, Oxford, 2008, pp. 177-201.
- . KUS, Susan. The matter with Emotions, *Archaeological Dialogues*, 17, 2010, pp. 167-172.
- . LATOUR, B. *Reagregando o Social*. EDUFBA, Salvador, 2012.
- . MARTÍN-BUENO, Manuel. El monumento com fuente documental: La materialidad útil. *SALDVIE II*, 2001-2002, pp. 247-266.
- . McINTOSH, Jane. *Handbook to life in Prehistoric Europe*. Facts on File, New York, 2006.
- . MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes, São Paulo, 2011.
- . MILISAUSKAS, Sarunas (Ed). *European Prehistory – A survey*. Springer, London, 2011.
- . MILLICAN, Kirsty. The Outside Inside: Combining Aerial Photographs, Cropmarks and Landscape Experience, *Journal of Archaeological Method and Theory*, 19, 2012, pp.548-563.
- . MORSE, Michael A. *How the Celts Came to Britain – Druids, Ancient Skulls and the Birth of Archaeology*. Tempus Publishing, Gloucestershire, 2005.
- . MORONEY, Anne-Marie. *Dowth, Winter Sunsets*. Flax Mill Publications, Drogheda, 1999.
- . O'KELLY, Claire. *Newgrange – a concise guide*. Eden Publications, Dublin, 2013.
- . O'KELLY, Michael J. *Newgrange – Archaeology, Art and Legend*. Thames and Hudson Ltd, London, 1982-2013.
- . OPPENHEIMER, S. *The Origins of the British – the new prehistory of Britain and Ireland*. Constable and Robinson, London, 2006.

- . OWOC, Mary-Ann. From the Ground Up: Agency, Practice, and Community in the Southwestern British Bronze Age. *Journal of Archeological Method and Theory*, 12 (4), 2005, pp. 257-281.
- . PEARSON, P.; RAMILISONINA . Stonehenge for the ancestors: the stones pass on the message. *Antiquity*, 72, 1998, 308-326.
- . PIGGOTT, S. *The Neolithic cultures of the British Isles*. Cambridge University Press, Cambridge, 1954.
- . POLLARD, J. (Ed). *Prehistoric Britain*. Blackwell Publishing, Oxford, 2008.
- . RENFREW, Colin. *Before Civilisation*. London, 1973a.
- . _____. *Archaeology and Language: The Puzzle of Indo-European Origins*. Penguin, London, 1987.
- . RENFREW, C.; BAHN, P (Eds). *Archaeology: The key concepts*. Routledge, London, 2005.
- . RENNELL, Rebecca. Landscape, Experience and GIS: Exploring the potential for archaeological dialogue, *Journal of Archaeological Method and Theory*, 19, 4, 2012, pp. 510-525.
- . SCARRE, C. (Ed). *Monuments and landscape in atlantic Europe. Perception and sociery during the Neolithic and Early Bronze Age*. Routledge, London, 2002.
- . SCHIMIDT, Sascha et al. LIDAR - High Resolution Raster Data as a survey tool, The world is in your eyes, *Proceedings of the XXXIII Computer Applications in Archaeology Conference, CAAPortugal*, Tomar, 2005.
- . SIMS-WILLIAMS, P. Genetics, linguistics, and prehistory: thinking big and thinking straight, *Antiquity*, 72, 1998, pp. 505-527.
- . SMYTH, Jessica (Ed) et al. *UNESCO – Brú na Bóinne World Heritage Site: Research Framework*. The Heritage Council of Ireland, 2009.
- . STOUT, Geraldine. *Newgrange and the Bend of the Boyne*. Cork University Press, Cork, 2002.
- . STOUT, Geraldine; STOUT, Matthew. *Newgrange*. Cork University Press, Cork, 2008.
- . SYKES, Bryan. *Blood of the Isles*. Bantan Press, London, 2006.
- . THOMAS, J. *Understanding the Neolithic*. Routledge, London, 1999.

- . THOMAS, G. M.; KIVISILD, T.; CHIKHI, L.; BURGER, J. Europe and western Asia: genetics and population history. In NESS, Immanuel (Ed). *The Encyclopedia of Global Human Migration*. Blackwell Publishing, Oxford, 2013, pp. 2-11.
- . TILLEY, C. *A Phenomenology of Landscape – places, paths and monuments*. Berg Publishers, Oxford, 1994.
- . _____. *The Materiality of Stone – Explorations in Landscape Phenomenology: 1*. Berg Publishers, Oxford, 2004.
- . TUAN, Yi-Fu. Place: An Experiential Perspective, *Geographical Review*, 65 (2), 1975, pp.151-165.
- . _____. *Space and place: the perspective of experience*. University of Minnesota Press, Minnesota, 1977.
- . TWOHIG, Elizabeth S. *Irish Megalithic Tombs*. Shire Publications, Buckinghamshire, 2004.
- . VAN GENNEP, A. *The rites of passage*. Routledge, London, 1960.
- . WARNIER, Jean-Pierre. *Construire la culture matérielle. L'homme qui pensait avec ses doigts*. Presses Universitaires de France, Paris, 1999.
- . WHITTLE, A. *Problems in Neolithic archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge, 1988.
- . _____. *Europe in the Neolithic: the creation of new Worlds*. Cambridge University Press, Cambridge, 1996a.
- . _____. Moving on and moving around: Neolithic settlement mobility. In TOPPING, P. (Ed). *Neolithic Landscapes*. Oxbow Books, Oxford, 1997, pp.15-22.
- . _____. *The archaeology of people: dimensions of Neolithic life*. Routledge, London, 2003.